



Departamento de Sociologia e Políticas Públicas

O potencial comunicativo do movimento social do *#metoo* no
jornalismo de referência português: Estudo de caso do jornal Público
nos anos de 2017 e 2018

Sara Lee Almeida

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador(a):

Doutora Susana Santos, Professora auxiliar convidada no departamento de Sociologia, Escola
de Sociologia e Políticas Públicas
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019

RESUMO:

Cada vez mais, observa-se a mobilização ativista que se desenvolve no espaço *online*, como aconteceu com o movimento do #metoo. Este movimento social, com a sua origem em 2006, refere-se ao problema do assédio sexual, uma forma de violência legitimada pela reprodução contínua e normalizada de estereótipos e expectativas sociais. Foi um movimento social muito impulsionado graças à denúncia de assédio e abuso sexual de figuras proeminentes da indústria de *Hollywood*, nos finais de 2017, desencadeando uma série de acusações e consequências em outros contextos geográficos e indústrias. A presente dissertação ambiciona explorar este movimento social no contexto português, através de uma análise à produção jornalística sobre este, especificamente de um jornalismo de referência, através da escolha do jornal *Público*. A escolha pelo jornalismo recaí no interesse em estudar o potencial comunicativo do movimento, entendendo as especificidades do contexto social em estudo, tendo sido organizado um *codebook* abrangente, que se considerou para a análise de notícias recolhidas nos anos de 2017 e 2018.

Palavras-chave: #metoo; igualdade de género; feminismo; movimentos sociais; jornalismo; jornalismo de referência.

ABSTRACT:

More and more we can observe the activist mobilization that develops in the online space, as we did with the mobilization around the #metoo movement. This social movement, which originated in 2006, refers to the problem of sexual harassment, a form of violence legitimized by the continued and normalized reproduction of stereotypes and social expectations. The social movement gained momentum, in late 2017, thanks to several accusations of sexual assault and abuse directed to prominent *Hollywood* industry figures, triggering a series of accusations and consequences in other geographical contexts and industries. This dissertation aims to explore this social movement in the portuguese context, through an analysis of the journalistic production about the movement, especcifically in reference journalism, through the newspaper *Público*. The choice for journalism corresponded to the interest in studying the communicative potential of the social movement, understanding the specificities of the social context under study, resulting in the organization of a comprehensive codebook, that encompassed the analysis of the collected news from 2017 and 2018.

Key words: #metoo; gender equality; feminism; social movements; journalism; reference journalism

AGRADECIMENTOS:

Na realização da presente dissertação, contei com o apoio direto ou indireto de pessoas a quem estou profundamente grata.

Quero agradecer acima de tudo à minha família, que são do mais importante que tenho. Obrigada pelo apoio incondicional e pela claridade com que me permitem ver o que realmente importa na vida. Obrigada ainda aos meus amigos mais próximos, que tanto valorizo e que me permitiram enfrentar esta etapa com uma maior simplicidade, tornando os momentos de maior cansaço e desespero um pouco mais toleráveis.

Obrigada também á professora Susana Santos que foi uma ajuda essencial para a realização desta dissertação. Ainda, agradeço a todos os professores e colegas de licenciatura e mestrado que me acompanharam em toda esta viagem de aprendizagem no ensino superior.

“Dear old world', she murmured, 'you are very lovely, and I am glad to be alive in you.”

— L.M. Montgomery, Anne of Green Gables

I. ÍNDICE	
1. INTRODUÇÃO	1
2. ENQUADRAMENTO DA ANÁLISE: O MOVIMENTO #METOO	3
2.1. #metoo: Uma breve caracterização	4
2.1.1. A formação do movimento do #metoo: Invisibilidade de mulheres negras e outras minorias étnicas	5
2.1.2. O “impulso” do movimento do #metoo: o envolvimento da indústria cinematográfica de Hollywood e as suas críticas.....	7
2.1.3. Breve caracterização do enquadramento português.....	9
3. REVISÃO TEÓRICA: A RELAÇÃO DOS MEDIA, PROCESSOS JORNALÍSTICOS E FEMINISMOS.....	13
3.1. O Potencial comunicativo: respostas ao #metoo em outros contextos sociais	13
3.2. Dimensão simbólica e processos de socialização.....	14
3.3. O ativismo realizado <i>online</i> – Conceções de <i>hashtag activism</i>	15
3.4. Media digitais e feminismos	17
3.4.1. Um “novo” contexto? – O papel do jornalismo na era digital.....	19
3.4.2. #metoo como um acontecimento e processos de produção jornalística	21
4. METODOLOGIA E ANÁLISE DE RESULTADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO A NOTÍCIAS DO PÚBLICO	25
4.3. Escolha pela observação do jornal Público - jornalismo de referência	25
4.4. Caracterização da amostra recolhida: as grandes notícias em 2017 e 2018.....	27
4.5. Análise de resultados.....	33
4.5.1. Caracterização geral: Autor(es), género jornalístico e as fontes das peças jornalísticas	33
4.5.2. Caracterização dos textos das peças - enfoque geográfico, temas, protagonistas das notícias e a dimensão do jornalismo online (comentários e partilhas online)	39
5. DISCUSSÃO DE RESULTADOS	51
6. PRINCIPAIS CONCLUSÕES	55
7. BIBLIOGRAFIA	59
8. ANEXOS	61
I. Anexo 1 – Totalidade de notícias recolhidas após a limitação das palavras-chave definidas, organizada por meses (N e %) N=878.....	61
II. Anexo 2 – Caracterização das grandes histórias (<i>Big stories</i>) (N e %) N =219	61
III. Anexo 3 - Caracterização das grandes histórias (<i>big stories</i>) do Público em 2017 e 2018 (N) N=219 62	
IV. Anexo 4 – Caracterização do(s) autor/a (autores/as) da peça jornalística (N e %) N= 605 ..	63
V. Anexo 5 – Caracterização do género jornalístico das peças em análise (N e %) N=878	63
VI. Anexo 6 – Cruzamento entre a caracterização do autor e o género jornalístico das peças jornalísticas recolhidas (N) N=605.....	63
VII. Anexo 7 – Caracterização dos temas das peças identificadas com género jornalístico de editorial.....	64
VIII. Anexo 8 – Cruzamento entre as grandes histórias identificadas e o género jornalístico destas (N) N=219	64

IX.	Anexo 9 – Caracterização do número de fontes usadas para a construção das peças jornalísticas recolhidas (N e %) N=842	64
X.	Anexo 10 – Caracterização das fontes das peças jornalísticas (N) N=2343.....	65
XI.	Anexo 11 – Caracterização do enfoque geográfico das peças jornalísticas (N e %) N=878. 65	
XII.	Anexo 12 – Caracterização do enfoque geográfico das grandes histórias identificadas (N e %) N=219	65
XIII.	Anexo 13 – Caracterização dos protagonistas principais (individuais e coletivos e secundários mais frequentes (N e %)	66
XIV.	Anexo 14 – Caracterização da esfera de atuação dos protagonistas principais e secundários (categorias mais frequentes) (N e %)	67
XV.	Anexo 15 – Caracterização dos temas principais das peças jornalísticas (N e %) N=878 68	
XVI.	Anexo 16 - Caracterização das categorias mais frequentes do tema principal referente a notícias sobre denúncias de assédio e violação (N e %) N=273	68
XVII.	Anexo 17 – Caracterização de notícias com tema principal das denúncias de assédio e violação, segundo o enfoque geográfico nacional e internacional com referência a Portugal (N).... 68	
XVIII.	Anexo 18 – Caracterização das categorias mais frequentes do tema principal das notícias sobre questões sociais (N e %) N=181	69
XIX.	Anexo 19 – Caracterização do tema principal referente a notícias sobre o assédio e violência sexual (N e %) N= 138	69
XX.	Anexo 20 – Caracterização do tema principal referente a notícias sobre igualdade de género (N e %) N=50	70
XXI.	Anexo 21 – Caracterização dos temas principais das notícias referentes a questões sociais, assédio e violência sexual e igualdade de género, considerando enfoque geográfico nacional e internacional com referência a Portugal (N)	70
XXII.	Anexo 22 – Caracterização do tema principal das notícias sobre aspetos culturais (comentários e críticas) (N e %) N=110.....	70
XXIII.	Anexo 23 – Caracterização dos aspetos mais recorrentes nas peças identificadas com o tema principal das notícias sobre aspetos culturais (comentários e críticas) (N e %) N=110	71
XXIV.	Anexo 24 – Caracterização das categorias mais frequentes do tema principal de notícias sobre manifestações, ações e projetos (N e %) N=89	71
XXV.	Anexo 25 – Caracterização de manifestações, ações e projetos que decorreram ou se relacionam ao contexto português (considerando o enfoque geográfico nacional e internacional com referência a Portugal) (N).....	72
XXVI.	Anexo 26 – Caracterização do desenvolvimento temporal das notícias sobre ações, manifestações e protestos (N) N=89	72
XXVII.	Anexo 27 – Média dos comentários e partilhas nas peças jornalísticas recolhidas, segundo o enfoque geográfico.....	73
XXVIII.	Anexo 28 - Média dos comentários e partilhas nas peças jornalísticas recolhidas, segundo as <i>big stories</i>	73
XXIX.	Anexo 29 - <i>Codebook</i>	73

Índice de Figuras:

Figura 4.1- Distribuição do total de notícias recolhidas por mês, em 2017 e 2018 (N).....	28
Figura 4.2- Distribuição das peças referentes às big stories por mês, em 2017 e 2018 (N)	30
Figura 4.4 – Cruzamento entre o género jornalístico e as big stories (N).....	36
Figura 4.5 - Cruzamento entre o enfoque geográfico e as big stories (N)	40
Figura 4.6 - Caracterização dos temas principais das peças jornalísticas (N).....	42

1. INTRODUÇÃO

No contexto de uma sociedade cada vez mais presente e interligada *online*, verifica-se também uma maior mobilização em torno de movimentos sociais de cariz ativista que se desenvolvem nestes espaços. Enquadra-se, entre estes, o movimento do #metoo que verificou um impulso nos finais do ano 2017, referindo-se a dinâmicas de género, mais especificamente à persistência do problema do assédio sexual, uma forma de violência legitimada pela reprodução continuada de estereótipos e expectativas, no contexto de uma sociedade inherentemente desigual na posse de poder por diferentes grupos sociais, estando estas dinâmicas embrenhadas na cultura e história de cada sociedade.

A presente dissertação ambiciona explorar este movimento social no contexto português, através de uma análise realizada à cobertura mediática do movimento, especificamente na produção jornalística de referência, através do estudo do jornal Público. A escolha pelo jornalismo de referência, corresponde ao interesse em estudar o potencial comunicativo do movimento, sendo que para tal, na análise realizada são considerados uma variedade de aspetos que visam entender que notícias são publicadas sobre o fenômeno, que autores escrevem sobre este, os seus temas principais, os protagonistas das notícias e o seu enfoque geográfico, entre outros aspetos. Assim, pretende-se caracterizar as notícias produzidas sobre o tema, inclusive perceber as que se referem a um contexto nacional e as que se referem a acontecimentos internacionais, por exemplo.

Tendo em vista estes objetivos, procedeu-se à recolha de peças jornalísticas, no período de tempo dos dois anos de 2017 e 2018, do jornal Público, após uma seleção através de palavras chave. Para a sua observação, foi organizado um *codebook* de variáveis que permitiram caracterizar as peças recolhidas e operacionalizar os principais conceitos abordados nesta dissertação, entendendo os aspetos mencionados anteriormente, permitindo a caracterização das notícias e a análise dos resultados obtidos.

O movimento caracteriza um contexto inicial que descreve o escândalo que envolve denúncias de assédio sexual a várias figuras proeminentes da indústria de *Hollywood*. Especialmente, aponta-se para a publicação no final de 2017 de artigos em jornais de referência sobre o caso do produtor cinematográfico Harvey Weinstein, que vêm a assinalar o início do movimento. Assim, num momento inicial, o movimento social descreve o contexto norte-americano, tendo se desenvolvido posteriormente para um movimento global pelo combate ao assédio, através da construção de uma narrativa pública e a facilitação da denúncia nas redes sociais *online*.

Com a realização desta dissertação foi possível uma análise exploratória ao contexto português, existindo o potencial de alargamento da pesquisa para dimensões não focadas nesta análise, para outros meios de comunicação e inclusive, para um arco temporal mais alargado. Nos capítulos seguintes, apresentam-se desenvolvimentos introdutórios ao objeto de estudo, uma exploração teórica às dimensões

que se considerou pertinentes, seguindo-se a explicitação das escolhas metodológicas realizadas e a análise dos resultados obtidos.

2. ENQUADRAMENTO DA ANÁLISE: O MOVIMENTO #METOO

O movimento do #metoo é um movimento social de cariz ativista, direcionado à denúncia e partilha de histórias de assédio, num primeiro momento nas redes sociais *online*, considerando inicialmente o contexto da indústria cinematográfica norte-americana, mas rapidamente atravessando para uma variedade de contextos geográficos e indústrias diferenciadas, demonstrando como este é um problema social que permeia uma variedade de enquadramentos.

Entendendo o propósito do movimento, é possível caracterizar comportamentos de assédio sexual, através da seguinte definição apresentada no artigo 40º da Convenção de Istambul¹: “Comportamento indesejado de carácter sexual, sob forma verbal, não verbal ou física, com o intuito ou o efeito de violar a dignidade de uma pessoa, em particular quando cria um ambiente intimidante, hostil, degradante, humilhante ou ofensivo.” (UMAR, 2015:14). As consequências negativas do assédio sexual são evidentes, inclusive quando este é prolongado e quando perturba as relações profissionais, familiares ou interpessoais. Estes comportamentos persistem como o resultado da contínua reprodução de dinâmicas de poder desequilibradas, descrevendo-se uma estrutura social, que a par da objetificação sexual da vítima resulta numa persistência insidiosa que atinge uma variedade de contextos e indivíduos.

O movimento do #metoo pode ainda ser descrito como inserido num conjunto de movimentos de *hashtag activism*, referindo-se ao seu desenrolar nos espaços *online*, de acordo com uma tendência que cada vez mais se verifica no modo de expressão e na luta ativista da contemporaneidade, marcada pela interligação em rede através dos *media* digitais.

Entende-se que os meios de comunicação desde sempre tiveram um papel central no desenvolvimento societal, sendo que o momento atual não é exceção, caracterizado ainda pela complexidade agravada ao entender questões de interseccionalidade, ou a multiplicidade de formas de opressão, assim como a não neutralidade das respostas ao movimento e a pluralidade de canais de comunicação existentes, que merecem ser dimensões exploradas na presente dissertação. É neste sentido que se apresenta o conceito de potencial comunicativo e o interesse no seu estudo, entendendo-se a relação entre as capacidades potencialmente transformadoras do movimento e o contexto social em análise.

Tendo apresentado brevemente como este movimento conseguiu alastrar-se para espaços e contextos indiferenciados, considera-se, no entanto, que no contexto português, este movimento parece

¹ A Convenção de Istambul, é uma convenção do Conselho da Europa, com cariz internacional e destina-se a combater a violência doméstica e a violência contra mulheres, através da proteção das vítimas e a eliminação da impunidade dos agressores, por meio da organização de políticas e medidas de proteção e assistência. Foi esboçada a 11 de maio de 2011, sendo nessa mesma data assinada por Portugal, que posteriormente retificou a sua legislação, resultando em mudanças no código penal, para que se corresponesse ao acordado na convenção. A convenção entrou em vigor a 1 de Agosto de 2014. Os EUA não assinaram esta convenção.

não ter tido o mesmo impacto, existindo um interesse em explorar esta questão na presente dissertação. Assim, apresenta-se a seguinte questão de partida: *Qual o papel do movimento #metoo no contexto do movimento feminista português?* Esta questão remete para as capacidades discursivas deste movimento e o questionamento do seu potencial transformador na estrutura social. Ao colocar esta questão principal, propõe-se uma questão auxiliar: *Como é que a imprensa de referência portuguesa noticiou o movimento?* Através desta questão aborda-se a metodologia adotada, uma análise de conteúdo à produção jornalística sobre o movimento – nomeadamente do jornal Público - com o objetivo de entender a resposta portuguesa ao #metoo e a percepção do problema do assédio sexual em Portugal.

2.1. #metoo: Uma breve caracterização

O movimento do #metoo, organizado em 2006, ganhou um renovado interesse no final de 2017 graças à denúncia de figuras proeminentes da indústria de *Hollywood*, nomeadamente a tão publicitada acusação ao produtor de cinema Harvey Weinstein, tendo contribuído para a sua acusação o artigo da *New Yorker*² escrito por Ronan Farrow onde várias mulheres descreveram episódios de assédio perpetrados pelo produtor. O artigo veio a corroborar outras acusações anteriores, como as expostas pelo artigo do *The New York Times*³, por Jodi Kantor e Megan Twohey, revelando a cumplicidade da indústria cinematográfica de *Hollywood*, desvendando-se uma complexidade de poderes e uma cultura de silêncio onde o assédio sexual e moral persiste e é normalizado através da ameaça e da efetiva destruição de carreiras, acordos de confidencialidade e o pagamento de indenizações.

Vale a pena ainda desenvolver que estas acusações são contextualizadas num clima de transformação social, onde emergem as histórias e acusações de outras figuras públicas, tais como o ator e comediante Bill Cosby, que é acusado – e mais tarde sentenciado a 10 anos em prisão – por crimes sexuais a inúmeras mulheres, até Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, cujas declarações e alegações de má conduta vieram a originar uma indignação generalizada e marchas globais contra o mesmo. Pode-se alargar esta contextualização, no entanto, a apresentação de ambos os acontecimentos mencionados acima, permite já ter uma ideia do enquadramento que foi propício para o desenvolvimento deste movimento social.

Relativamente a Weinstein, este chegou a pedir desculpas publicamente, apesar de negar todas as acusações, acabando por mais tarde ser despedido da sua própria companhia e expulso da *Academy of Motion Picture Arts and Sciences*, responsável pela atribuição dos Óscars. A sua acusação desencadeou uma série de outras acusações na indústria cinematográfica, depois alastrando-se a outras indústrias e contextos globais, caracterizando-se o “efeito Weinstein” (Cobb, Horeck, 2018:489), que

² Artigo completo disponível em: <https://www.newyorker.com/news/news-desk/from-aggressive-overtures-to-sexual-assault-harvey-weinstein-s-accusers-tell-their-stories> [Consultado a 20 de agosto de 2019]

³ Artigo completo disponível em: https://www.nytimes.com/2017/10/05/us/harvey-weinstein-harassment-allegations.html?_r=0 [Consultado a 20 de agosto de 2019]

descreve um momento onde o diálogo em torno deste tema é um sem precedentes, quando se apresenta esta narrativa tão pública que caracteriza o movimento e a tão necessária abertura de diálogo.

2.1.1. A formação do movimento do #metoo: Invisibilidade de mulheres negras e outras minorias étnicas

Como já mencionado, o #metoo⁴ teve a sua origem em 2006 pela ativista Tarana Burke, que o dedicou à partilha de histórias pessoais e à denúncia de comportamentos de assédio sexual sofridos pelas próprias vítimas. Na sua conceção original, este seria especificamente direcionado a mulheres de minorias étnicas, frequentemente em posições desprivilegiadas nas sociedades e cujas vozes são historicamente invisibilizadas, pretendendo-se a através do movimento a criação de um espaço seguro de partilha de histórias, com o objetivo final da necessária transformação dos valores culturais que permitem que situações de assédio continuem a ser aceitáveis.

Burke descreve este movimento ao referir um sentimento de “*empowerment through empathy*” (Murray, 2017)⁵, considerando as potencialidades que a partilha de histórias semelhantes podem verificar no desencadear de um processo de cura para as vítimas. Desenvolvendo brevemente acerca desta noção, pode-se apontar como “organizing movements on the basis of empathy are both promising and risky endeavors” (Rodino-Colocino, 2018:96), apontando os riscos da empatia passiva (*passive empathy*) nos contextos *online*. Especificamente, argumenta-se a possibilidade de esta resultar num processo de *othering*, isto é, um processo de construção identitária que opõe o próprio grupo a um outro com atributos que o definem como “outro”, baseados em categorias como a origem étnico-racial, religião, nacionalidade, etc. (Powell, 2017)⁶.

Relaciona-se a este processo de *othering* aspectos da representação nos meios de comunicação e na política, que por sua vez traduzem-se nas estruturas de poder das sociedades e na divisão e exclusão sistemática de determinados grupos sociais. No entanto, caracteriza-se ainda que é na atenuação do estigma em torno da denúncia de comportamentos de assédio, que se combatem sentimentos de exclusão e de *othering*, permitindo assim descrever a empatia verificada no movimento do #metoo como transformativa (Rodino-Colocino, 2018:97), já que promove um entendimento por parte das vítimas de que estas não se encontram sozinhas, resultando num processo de reflexão e empoderamento.

Entende-se ainda que atendendo ao enquadramento original do #metoo, faz sentido caracterizar a discriminação de mulheres de minorias étnicas, onde se ressaltam experiências de formas de opressão interseccionais e estruturais que conjugam dinâmicas de sexism e racism (Sobande, Fearfull, Browlie,

⁴ Website do movimento do #metoo: <https://metoomvt.org/> [Consultado a 12 de março de 2019]

⁵ Artigo completo disponível em: <https://www.elle.com/uk/life-and-culture/culture/news/a39429/empowerment-through-empathy-tarana-burke-me-too/> [Consultado a 15 de março de 2019]

⁶ Artigo completo disponível em: <https://www.theguardian.com/inequality/2017/nov/08/us-vs-them-the-sinister-techniques-of-othering-and-how-to-avoid-them> [Consultado a 15 de março de 2019]

2019:1). Assim, a noção de interseccionalidade torna-se importante considerar neste raciocínio: “Intersectionality refers to the ways that multiple dimensions of social stratification interact with each other to shape individual identity and experience.” (Winter, 2008:159), sublinhando-se ainda que ambas as categorias de género e raça não traduzem necessariamente uma experiência única e limitada. Reconhece-se neste sentido, o privilégio do homem sobre a mulher e ainda o privilégio da mulher branca sobre minorias étnicas, raciais e outros grupos de mulheres que partilham de outras categorias historicamente discriminadas (Brooks e Hébert, 2006:298-299), quando se fala em relações entre os grupos sociais existentes em sociedade.

O assédio sexual é uma das dificuldades e discriminações enfrentadas por várias comunidades, incluindo pela comunidade negra, a que dizia respeito a conceção original do #metoo, justificando-se a necessidade da sua formação, ao entender toda uma história de múltiplas formas de opressão subjacente. Na caracterização da discriminação, infelizmente, sistemática da comunidade negra, existe igualmente um longo historial de confrontação deste através de ações de ativismo.

A atual “era” da luta pelos direitos da comunidade afro-americana, por exemplo, no contexto dos EUA é especificamente caracterizada pelo movimento *Black Lives Matter*: “contemporary Black women activists recognize the power of optics of Black women’s insurgency in this era of anti-Black racial terror, particularly through digital mass media.” (Lindsey, 2017:319). Nesta descrição, entende-se que a mobilização contra uma supremacia branca e hétero-patriarcal se situa num momento onde as redes sociais digitais podem ser conceptualizadas como ferramentas válidas na mobilização ativista e na maior visibilidade de momentos de resistência, através da emergência de conteúdos e comunidades em resposta à discriminação e exclusão histórica que existe no contexto *offline* (Sobande, Fearfull, Browlie, 2019:3).

No entanto, é importante também clarificar que a própria esfera *online* não é isenta de discriminação, como estudos da Amnistia Internacional, *Troll Patrol Findings* (2018) apontam, ao concluir que a mulher negra foi 84% mais sujeita a comentários abusivos no *Twitter*, sendo estes especificamente de cariz racista. A experiência nos espaços *online* existe num espectro, ao providenciar ferramentas válidas para o engajamento cívico de comunidades invisibilizadas, com um potencial de resistência através da caracterização de um espaço alternativo de expressão, sendo, também importante uma tradução posterior deste engajamento para o espaço *offline*, algo que pode variar consideravelmente (Sobande, Fearfull, Browlie, 2019:8).

No contexto português pode-se apontar também para a emergência de coletivos de feministas negras⁷ que vêm a colocar questões desta comunidade em primeiro plano, caracterizando um movimento

⁷ Mais informações em: <https://www.publico.pt/2019/01/18/culturaipsilon/noticia/feminismo-negro-portugal-falta-contarnos-1857501#gs.OPqIiUGU> [Consultado a 25 março 2019]

feminista negro. Pode-se apontar a menção de alguns coletivos existentes em Portugal, como a IMUNE – Instituto da Mulher Negra em Portugal⁸, uma ONG assumidamente “feminista interseccional e antirracista”, que luta pelo empoderamento das mulheres negras, africanas e afrodescendentes, por meio da sua participação social e política e através da luta pela igualdade de direitos, tal como a FEMA FRO⁹, também uma ONG cuja atuação situa-se na procura pela “defesa e promoção de direitos das mulheres negras, africanas e afro descendentes em Portugal” rejeitando todas as formas de discriminação étnico-racial e de género.

Menciona-se ainda que em 2019 verificou-se o congresso “Afroeuropeans: Black In/visibilities Contested”, no ISCTE-IUL, caracterizando-se o tema: “production of knowledge in the pertinent field of transdisciplinary research on racism, black cultures and identities in Europe.”¹⁰, onde decorreram painéis dedicados ao género. Foca-se a comunidade negra em específico devido à sua relação com a origem deste movimento social, no entanto, argumentações semelhantes podem também ser aplicadas a outros grupos sociais.

2.1.2. O “impulso” do movimento do #metoo: o envolvimento da indústria cinematográfica de Hollywood e as suas críticas

Desenvolvendo esta introdução inicial, o movimento do #metoo teve um “impulso” graças às denúncias de assédio sexual feitas a várias personalidades da indústria cinematográfica de *Hollywood*, inclusive a Harvey Weinstein, como já referido. Neste enquadramento, a 15 de outubro de 2017 a atriz Alyssa Milano, encoraja a partilha de histórias de assédio sexual através de *tweets* que continham a hashtag #metoo, num esforço de expor a prevalência deste problema (Kunst, Bailey, Prendergast e Gundersen, 2018:1).

É assim caracterizado o momento que é por vezes referido como um momento “post Weinstein”: “(...) cultural fall-out from the Weinstein revelations, and to foreground the need to contend with this particular cultural moment as one fraught with both great promise - and peril - for feminist media scholars concerned with interrogating gendered, racialized, and classed power relations in the media industries” (Cobb e Horeck, 2018:489-490), ou seja, um momento onde se revelam consequências culturais com o questionamento de estruturas de poder prevalecentes. No entanto, como seria de esperar, os momentos de mudança social dos padrões sociais convencionais são igualmente propícios para a manifestação de momentos de resistência e crítica, não sendo o #metoo exceção.

⁸ Página online da organização IMUNE – Instituto da Mulher Negra em Portugal: <https://www.facebook.com/INMUNE.PORTUGAL/> [Consultado a 20 de agosto 2019]

⁹ Página online da organização FEMA FRO: <http://femafro.pt> [Consultado a 20 de agosto 2019]

¹⁰ Página online referente ao Afroeuropeans 2019: <https://afroeuropeans2019.wixsite.com/afroeuropeans2019> [Consultado a 20 de agosto 2019]

Num desenvolvimento das críticas que o movimento do #metoo foi alvo, por exemplo, pode-se mencionar que a intervenção de Milano foi acusada de silenciar grupos de mulheres pertencentes a minorias étnicas e uma perspetiva feminista interseccional, a que o movimento era direcionado em primeiro lugar. Estas são acusações que opõem as situações mais ou menos privilegiadas de quem denuncia, sendo uma das argumentações mais frequentes em ataques ao movimento.

Face a esta crítica, admite-se a necessidade de reconhecer contextos menos privilegiados e que agregam em si categorias de interseccionalidade sendo que, na realidade, estes em muito diferem do enquadramento glamouroso de *Hollywood*. No entanto, argumenta-se igualmente que não é legítimo que se desvalorize a experiência de assédio somente por essa razão. É exatamente na ideia da abertura de diálogo que o movimento pretende facilitar, que se pode verificar processos de empoderamento e rutura das estruturas de poder assimétricas, com o objetivo da mudança legislativa adequada e a proteção das vítimas.

Desenvolvem-se ainda outras críticas referentes à problematização de comportamentos como o “namoriscar” e o “piropo”, equiparando estes a atos de assédio sexual, sendo necessário sublinhar que existe uma clara diferenciação, no próprio consentimento da pessoa envolvida. Num sentido semelhante, surgem as equiparações do #metoo a uma campanha de *witch hunt*, significando uma “caça às bruxas”, um termo que pressupõe um grupo de indivíduos, perseguido e perscrutado por algo inocente. Esta é uma argumentação que caracteriza mecanismos de normalização dos comportamentos de assédio e culpabilização das vítimas, sendo ainda interessante a observação: “Curiously, or not so curiously, we have flipped the genders and here the contemporary 2018 witchcraft is nasty women coming after men.” (Harries, 2018:254).

Na consolidação destas críticas, é ainda possível apresentar a resposta em França a este movimento, particularizando-se a denúncia de uma “caça às bruxas” contra os homens, em confronto ao movimento #BalanceTonPorc (uma resposta semelhante ao movimento #metoo), figurando uma carta assinada pela atriz Catherine Deneuve e outras figuras públicas, que denunciavam o “puritanismo” deste movimento (Willsher, 2018)¹¹. Entendendo as consequências negativas do assédio sexual nas diversas esferas da vida da vítima, torna-se claro como estas descrições revelam o seu desvalorizar, demonstrando um privilégio desmedido nas suas apreciações.

Ao apresentar brevemente algumas das críticas de que o movimento foi alvo pretende-se tentar caracterizar também esta outra faceta do discurso que se formou em torno do movimento do #metoo e a argumentação por detrás da resistência de muitos. Críticas generalizadas de uma “caça às bruxas”, a desaprovação a esta “nova” vaga dos movimentos feministas, onde a presunção da inocência e justiça

¹¹ Artigo disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2018/jan/10/catherine-deneuve-claim-metoo-witch-hunt-backlash> [Consultado a 20 de abril de 2019]

alegadamente estariam perdidas e ainda julgamentos devido ao desenvolvimento do movimento social no espaço *online*, supostamente retirando a sua legitimidade, são apenas alguns exemplos das inúmeras argumentações contra o movimento.

Apesar de estas serem reconhecidas, considera-se que é importante relembrar que o movimento do *#metoo*, na sua origem ou objetivo, não se caracteriza pelo sobrepor da luta de determinado grupo por outro, sendo importante atentar as palavras de Tarana Burke: “#MeToo isn't necessarily a women's movement; there just hasn't been enough attention paid to men who deal with sexual harassment and sexual abuse. It really is a movement for all survivors, however they identify. We also wanted to highlight young people and immigrants. Sexual violence has nothing to do with celebrity status, and it's important for everyday people to hear other everyday people talking about their survival.”.¹²

2.1.3. Breve caracterização do enquadramento português

Tendo apresentado não só o contexto inicial como o impulso que caracterizam a história do movimento do *#metoo*, faz-se de seguida uma breve relação com o enquadramento português, já que é referente a este que a análise é realizada. Como já foi exposto anteriormente, é colocada a hipótese da existência de uma fraca adesão e desvalorização do movimento em Portugal, não se verificando exatamente uma mobilização que se pode equiparar ao próprio movimento ou a respostas que se sucederam em outros contextos sociais.

Para fundamentar a colocação desta hipótese, apresentam-se limitações como a fraca utilização do Twitter em Portugal, com apenas 31% dos utilizadores de internet a indicarem sua utilização, segundo dados recolhidos pela *Hootsuite* e pela *We are Social* (2019) para o relatório “Digital in 2019 - Portugal”¹³. Esta rede social *online* é particularizada, ao entender a sua utilização como caracterizante da mobilização nestes movimentos de *hashtag activism*, sendo também caracterizante do movimento do *#metoo*. Este aspeto é pertinente apontar para o enquadramento nacional, no entanto, na presente análise pretende-se mais especificamente, questionar questões mais particulares do contexto cultural e social, podendo estas traduzirem-se na cobertura jornalística feita sobre o fenômeno em Portugal.

Quando nos referimos ao contexto português, é impossível deixar de considerar o acontecimento do 25 de Abril que define uma nova “era” para Portugal, marcado por um período de democratização progressiva, marcada pela Constituição de 1976 que reconhecia a mulher enquanto cidadã (Azambuja, Nogueira, Neves e Oliveira, 2013:34) e a criação de organizações que davam voz à luta das mulheres, após um regime ditatorial onde estas eram invisibilizada dos mais variados espaços sociais. Atualmente,

¹² Artigo disponível em: <https://www.latimes.com/entertainment/la-et-metoo-movement-tarana-burke-psa-20190128-htmlstory.html> [Consultado a 20 agosto 2019]

¹³ Relatório completo em: <https://datareportal.com/reports/digital-2019-portugal> [Consultado a 29 de março de 2019]

constatando-se progressos, a violência contra mulheres é ainda prevalente, verificando-se que em alguns aspectos às “velhas” causas juntam-se “novos” problemas e lutas.

A este contexto, Maria José Magalhães, investigadora da Universidade do Porto e dirigente da UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta, caracteriza: “Falar na sua própria voz não é muito o hábito em Portugal (...) Há muitas mulheres que não gostam da exposição pública, mesmo que não sejam vítimas”¹⁴ (Flor, 2018). Esta constatação está em estreita articulação com o movimento #metoo, direcionado para a denúncia e o diálogo acerca de situações de assédio. No entanto, caracteriza-se a pertinência de estudar o impacto deste movimento social no contexto português, já que este não é exceção no que se refere a um conjunto de disparidades, violência sexual e de género, concretizando-se num histórico de percepções e estereótipos que normalizam comportamentos de assédio, legitimados por uma estrutura social e de poder assimétrica.

Ainda, para o enquadramento português no momento do movimento do #metoo, destaca-se a proeminência do problema da violência sexual e doméstica, especialmente, com a contestação de decisões judiciais, onde surgem acórdãos que invocam um alegado ambiente de “sedução mútua”, caracterizando o caso da violação ocorrida numa discoteca em Vila Nova de Gaia em 2016, que surge no conjunto de notícias recolhidas para a análise no âmbito desta dissertação. Este acontecimento veio a desencadear uma convocação de protestos, sob o mote “justiça machista não é justiça.”, face à realização de um processo de “desculpabilização” dos autores do crime, que o tribunal considerou “perfeitamente” integrados nos seus contextos profissionais e familiares e a menorização dos efeitos do crime na vítima, revelando a dimensão do desequilíbrio existente no contexto das relações de género.

Face a este caso, surge ainda a pertinência de apresentar uma história anterior referente ao juiz Neto de Moura, que um ano antes era também denunciado de perpetuar uma justiça machista, ao invocar razões de adultério ou a sua suspeita, para justificar a violência contra mulheres. Torna-se clara a necessária problematização da aplicação da justiça no contexto português, com a apresentação de ambos os casos.

Ainda, voltando ainda à caracterização do momento marcado por este movimento social, no contexto português, talvez o caso que mais se destaca de um modo semelhante que os casos das denúncias de figuras públicas em *Hollywood* é o caso da acusação de violação de Kathryn Mayorga a Cristiano Ronaldo, famoso jogador de futebol português, que atualmente encontra-se arquivado.

De um modo geral, a descrição destes acontecimentos denuncia como o assédio não é uma realidade afastada do contexto português, muito pelo contrário. Uma história de descompensação social e relações sociais inseridas numa estrutura de poder patriarcal e desigual são aspectos que se devem

¹⁴ Artigo completo disponível em: <https://www.publico.pt/2018/10/05/sociedade/noticia/metoo-em-portugal-temos-uma-forma-mais-formiguinha-de-fazer-a-luta-1846328> [Consultado a 29 de março 2019]

considerar na análise do contexto português e quando se pretende estudar o movimento do #metoo. Estes, obviamente muito mais abrangentes e complexos, do que a breve apresentação acima desenvolvida, enquadraram o movimento feminista português atual e enquadraram igualmente a resposta dada ao momento que é caracterizado pelo #metoo.

Atualmente, em Portugal, relativamente à legislação, a punição de assédio sexual está abrigada no código penal através do crime de importunação sexual (artigo 170º)¹⁵: “Quem importunar outra pessoa, praticando perante ela atos de carácter exibicionista, formulando propostas de teor sexual ou constrangendo-a a contacto de natureza sexual, é punido com pena de prisão até 1 ano ou com pena de multa até 120 dias, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.” Ainda, numa especificação ao assédio em contexto de trabalho, caracterizam-se os comportamentos indesejados que são abusivos e persistentes, mais ou menos subtils, que afetam o trabalhador e o seu trabalho, podendo ser de cariz sexual ou não, caracterizando um assédio moral. O Código de Trabalho caracteriza o assédio como uma contraordenação muito grave, descrevendo (no artigo 28º)¹⁶, a indemnização por ato discriminatório lesivo ao trabalhador ou candidato a emprego.

Nos capítulos anteriores, apresentou-se um enquadramento á análise realizada, com um desenvolvimento do objeto de estudo, do movimento do #metoo, através da explicitação do seu contexto original, o “impulso” verificado em 2017 e enquadrando igualmente o contexto português. Nos seguintes capítulos desenvolve-se acerca de dimensões que se considerou pertinentes para a análise do fenómeno, caracterizando-se alguns aspectos teóricos, que por sua vez fundamentam a análise realizada.

¹⁵ Consulta do código penal:
www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=109A0170&nid=109&tabela=leis&ficha=1&nversao [Consultado a 20 de agosto 2019]

¹⁶ Consulta do código do trabalho:
http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1047&tabela=leis [Consultado a 1 de outubro de 2019]

3. REVISÃO TEÓRICA: A RELAÇÃO DOS MEDIA, PROCESSOS JORNALÍSTICOS E FEMINISMOS

3.1. O Potencial comunicativo: respostas ao #metoo em outros contextos sociais

Como anteriormente desenvolvido, pretende-se dar um destaque ao papel dos meios de comunicação no desencadear do movimento do #metoo, conceptualizando-os como parte do enquadramento social no qual operam, identificando-se um potencial comunicativo, que se relaciona com as capacidades discursivas do movimento social, não apenas ao verificar a presença e participação através dos *media* digitais, mas entendendo também o impacto no quotidiano mediático. Pode ainda ser interessante brevemente apresentar algumas das respostas de outros contextos sociais e culturais a este movimento social, para exemplificar a argumentação.

Kim (2018) explica as consequências deste movimento - tornado global - no contexto sul coreano, tendo em conta as suas especificidades culturais e históricas, assim como a luta dos movimentos feministas na Coreia do Sul, face à incapacitação de muitas mulheres de expressarem-se como sobreviventes a atos de assédio. A autora ilustra como “misogynistic rape culture is endemic throughout Korean society” (Kim, 2018:505), apontando também dinâmicas específicas da resposta verificada a este movimento social: “(...) few female actors or celebrities have publicly joined the hashtag, while the identities of the perpetrators have rarely been disclosed because those who have joined have not revealed details so as to avoid disclosing their identities, in contrast with the Weinstein scandal and #metoo movement.” (Kim, 2018:506). Desde logo, verifica-se que as particularidades contextuais, sociais e históricas mudam a resposta existente ao movimento.

Já outro contexto é explorado por Sorensen (2018), que se refere às acusações feitas a personalidades da companhia dinamarquesa de filmes *Zentropa*: “sexual abuse and predators, of course, also exist in countries commonly perceived as having high levels of gender equality and protected workers’ rights”, (Sorensen, 2018:502). Ainda, pode-se considerar o contexto espanhol e o movimento *Cuéntalo*¹⁷, que surge com a finalidade de partilha de histórias de assédio, com demonstrações de solidariedade em resposta a um caso de violação no festival de *San Fermín* em 2016¹⁸, onde os cinco agressores não foram acusados de agressão sexual (*sexual assault*), mas de abuso sexual (*sexual abuse*), um crime considerado mais “leve”. Esta mobilização veio a trazer uma maior atenção à atual lei espanhola, com a organização de manifestações após o veredito.

Com a descrição breve destes contextos sociais e as suas respostas face ao movimento do #metoo sublinha-se o momento poderoso e complexo caracterizado por Regulska que o situa num contexto de

¹⁷ Artigo disponível em: <https://www.thelocal.es/20180430/cuentalo-spanish-women-launch-their-own-metoo-movement> [Consultado a 5 de março 2019]

¹⁸ Artigo disponível em: <https://theculturetrip.com/europe/spain/articles/what-to-know-about-cuentalo-the-spanish-version-of-metoo/> [Consultado a 23 de março 2019]

“global learning” (Regulska, 2018:5), no avanço para uma consciencialização cultural e intercultural de desconstrução de um sistema de relações de poder e assimetria. Face a esta oportunidade, deve-se concretizar igualmente que o movimento em si não está livre de ser alvo de críticas, como já anteriormente foram apresentadas, considerando que este ao permear uma variedade de contextos sociais e culturais, caracteriza uma complexidade agravada.

Assim, existindo o interesse em explorar o enquadramento português face à temática em questão, vale a pena atentar nas eventuais particularidades culturais e sociais e fenómenos de construção discursiva, fazendo-o com a devida precaução, de modo a não subestimar dinâmicas sociais envolvidas: “it is vital that we carefully unpack the systemic and institutionalized histories that continue to produce and sustain the conditions for gendered power imbalances and oppression.” (Cobb e Horeck, 2010:290).

3.2. Dimensão simbólica e processos de socialização

Na análise considerada é ainda pertinente referir a dimensão simbólica do problema do assédio sexual, entendendo o exercício de violência simbólica que o acompanha e espelha as relações de posse de poder entre as partes envolvidas. No contexto do movimento social descrito, compreende-se que a acusação de Harvey Weinstein e o desencadear de outras acusações, veio a tornar clara a desigualdade inerente aos processos da indústria cinematográfica de Hollywood, com problemas em aspectos da representação desigual em ecrã, o desfasamento nos salários, condições desiguais de trabalho e o problema do assédio sofrido.

Para lá deste contexto inicial da indústria cinematográfica, também o movimento tem o seu impacto em outras áreas e indústrias, desvendando-se uma história de descompensação, naturalizada através da reprodução de valores e expectativas. O movimento do #metoo veio a problematizar esta reprodução sistemática da estrutura social acima caracterizada, através da normalização de processos de dominação, entre estes a dominação masculina e consequente subjugação do feminino, no seio de uma sociedade patriarcal, que resulta também na criação de masculinidades tóxicas, legitimadas por este conjunto de valores culturais.

Sendo de interesse para a presente dissertação, considera-se o papel dos *media* em processos de questionamento da estrutura social, com capacidades de representação dos grupos sociais e acontecimentos. Introduz-se conceitos como o de poder simbólico, que é caracterizado por Bourdieu como “invisível” (Bourdieu, 1991:164), referindo-se à capacidade de construção de sentido e reprodução de estruturas sociais de um modo descrito como inconsciente para as partes envolvidas. O abuso deste poder, constitui uma violência simbólica, que se refere à imposição ideológica sobre determinado grupo social, normalmente numa posição de subordinação resultando na reprodução e naturalização de uma estrutura social desigual. A identificação do abuso de poder, torna possível a sua discussão e denúncia,

criando oportunidades de rutura da estrutura social, podendo enquadrar-se as potencialidades de ações de mobilização de cariz ativista.

Numa outra faceta desta dimensão simbólica é ainda possível desenvolver acerca de processos de socialização, sendo possível exemplificar que relativamente ao #metoo, as reações mais negativas são, não sempre, mas mais frequentemente, expressas por homens, possivelmente porque caracterizam esta mobilização como um “ataque” da parte das mulheres, como alguns autores identificam (Kunst, Bailey, Prendergast e Gundersen, 2018:3). Esta argumentação de uma percepção diferenciada, concretiza a existência de socializações diferentes em sociedades que ainda partilham de valores patriarcais e uma tendência histórica para menores oportunidades na expressão da voz pública das mulheres.

Nesta reflexão, pode-se ainda desenvolver sobre noções de masculinidade e feminideade construídas socialmente em torno de uma dicotomia de género normalizada (Pelak, Taylor e Whittier, 2006:148), que abrangem processos de construção de sentido em torno do *self*, o modo de relacionamento com os demais e os seus papéis em sociedade, a par da formação de valores e expectativas comportamentais associadas às categorias de género estabelecidas (Stockard, 2006:215).

Neste processo resulta a existência de estruturas cognitivas (Stockard, 2006:219) que podem ser evocadas para organizar e fazer sentido da realidade, sublinhando-se, no entanto, que este processo não é linear, até porque definem-se variações nas definições dos papéis sociais, em diferentes contextos sociais (Stockard, 2006:223). É necessário ainda esclarecer que o género, quando mencionado nestas argumentações, entende categorias que são usadas por indivíduos autoidentificados em determinada categoria que pode, ou não, corresponder ao sexo biológico do indivíduo. Num outro aspeto, torna-se também importante reforçar que apesar do problema do assédio se expressar mais frequentemente na forma da mulher que é a vítima e o homem agressor, o contrário não deixa de ser uma possibilidade muito real, que não pode ser invisibilizada.

Explora-se assim estas noções, no contexto de um movimento social como o #metoo, colocando-se um ênfase na noção de consciência feminista (*feminist consciousness*): “the belief that women are subordinated as a group on the basis of sex” (Pelak, Taylor e Whittier, 2006:149), caracterizando-se uma estrutura social prevalecente, que emerge do conjunto de socializações em sociedade que vem a impactar a expressão de grupos de mulheres, diminuindo a sua voz pública. É neste contexto que as redes sociais *online* podem emergir como recurso alternativo, onde grupos marginalizados podem mobilizar-se na obtenção de poder, através de ações como #metoo e semelhantes.

3.3. O ativismo realizado *online* – Conceções de *hashtag activism*

Atendendo ao objeto de estudo e pretendendo-se um estudo dos *media*, importa caracterizar a dimensão do ativismo *online*, nomeadamente através do uso de *hashtags*, refletindo-se acerca das

características específicas do próprio movimento do *#metoo* que verificou um desenrolar de acontecimentos em parte na esfera *online*.

Ao considerar o uso de redes sociais *online* para finalidades de ativismo argumenta-se pela possibilidade de transformação dos valores hegemónicos, onde a abertura de diálogo e a criação de uma narrativa pública no espaço *online*, pode contribuir para a deslegitimização dos comportamentos que até agora normalizaram uma cultura onde o assédio e outras violências são permitidas, com o objetivo final de criminalizar de forma adequada estes comportamentos e proteger as vítimas. Apresentando este raciocínio, mantém-se uma argumentação pela necessidade de uma posição crítica acerca do papel das redes sociais *online*, de modo a não se recair numa ingenuidade otimista sobre as suas capacidades.

No contexto do movimento do *#metoo*, a ideia das redes sociais *online* como ferramentas para ações de ativismo, traduz-se em mobilizações através de hashtags (*hashtag activism*) (Clark, 2016:788), que caracterizam o potencial de um protesto discursivo através de narrativas públicas ligadas entre si por meio de determinada palavra ou frase, numa mobilização da qual podem resultar mudanças concretas fora do espaço *online* (Clark, 2016:791). Mais uma vez, reforça-se que apesar de se argumentar pelas capacidades discursivas de movimentos sociais *online*, defende-se também a necessidade de ações *offline*, como cruciais para a mudança efetiva.

Nestes modos de mobilização ativista, é possível ainda desenvolver acerca da possibilidade de problemas de privacidade que é uma realidade reconhecida do contexto *online* (Clark, 2016:788), assim como problemas que derivam da facilidade da expressão nestas plataformas, inclusive, na veiculação de discursos e narrativas incoerentes com o verdadeiro propósito do movimento.

Como já introduzido, deve ainda ser refletida a noção de *internet optimism* (Laer e Aelst, 2010:1164) e críticas a um determinismo tecnológico, podendo referir-se linhas de pensamento onde as mobilizações *online* são caracterizadas com termos como “*slacktivism*” ou “*clicktivism*” (Lane e Dal Cin, 2018:1523), descrevendo-se formas de engajamento supostamente de menor “esforço” e a negligência das formas de mobilização *offline* (como por exemplo, manifestações, voluntariado, doações, etc.). Contra-argumenta-se, no entanto, que as práticas *online* também podem ser teorizadas como tendo propósitos sociais e políticos (Lane e Dal Cin, 2018:1524), sendo ao mesmo tempo, uma tradução destas ações *online* para o espaço *offline*, determinante para uma mudança sociopolítica de longo-prazo.

Já nas vantagens destas formas de mobilização, identifica-se o maior alcance generalizado destes modos de ativismo, como a sua principal vantagem, verificando-se uma facilidade na mobilização para a ação, menores custos de participação e a descentralização hierárquica (Clark, 2016:788). Este alcance dos contextos *online* é complementado por capacidades informativas alargadas, facilitadas através da

criação de laços fracos nas redes sociais *online*, propícios para a propagação das mensagens (Laer e Aelst, 2010:1163) e vantajosos na mobilização ativista.

Parece ser num sentido semelhante que se caracteriza o conceito de “connective action” (Clark, 2016:791), ao entender a interação entre indivíduos conectados através dos meios de comunicação, que resulta numa capacidade de construção de sentido. Estas capacidades são particularmente positivas para a reivindicação de causas feministas, podendo apontar-se a noção de *hashtag feminism* que caracteriza o espaço virtual para a expressão de comunidades minoritárias ou discriminadas (Dixon, 2014:39), sendo no entanto, necessário considerar as suas consequências: “However, in identifying online communities such as Twitter and Facebook as safe spaces for expressing feminism views and politics, its ramifications present dire consequences which lead to online harassment, hate speech, disagreements, and a miscommunication in rhetoric.” (Dixon, 2014:34).

Como já mencionado, a participação e presença *online* deve ser entendida como um espelho de possibilidades, com as suas vantagens e desvantagens, sendo que o seu estudo deve ser feito de um modo cuidadoso. Apesar desta constatação, é igualmente verificável que formas de *hashtag feminism* já anteriormente tiveram impacto na cultura popular, em movimentos sociais como *#bringbackourgirls* ou *#YesAllWomen* (Dixon, 2014:35), para mencionar alguns exemplos. As dinâmicas de criação de comunidades e capacidades de expressão e retaliação que se verificam no espaço *online* vêm a corroborar com a argumentação referente às capacidades da criação de narrativas *online*, que efetivamente podem ser válidas enquanto mobilização sociopolítica.

3.4. Media digitais e feminismos

Atendendo à inerente ligação do movimento do *#metoo* às questões de género, que no capítulo anterior já se caracterizou, desenvolve-se ainda a relação entre os *media* e os feminismos. Esta é uma relação que pode ser conceptualizada, entre outros aspetos, como cultural (Van Zoonen, 1994:148) apontando-se para todo um processo de negociação de significados e construções sociais nos *media*, informados pela estrutura social existente que, posteriormente, voltam a informá-la na sua reprodução (ou rutura). Concretizam-se neste processo, momentos de codificação e descodificação de significados, onde participam os produtores de *media* e as audiências, de um modo não linear, atendendo à multiplicidade de canais de comunicação, de contextos e de interpretações dos textos dos *media*, inclusive a interpretação diferenciada de construções de masculinidades e feminilidades: “the codes that confer meaning on the signs of femininity are culturally and historically specific and will never be completely unambiguous or consistent” (Van Zoonen, 1994:149).

Apresentando esta relação, pode parecer que se sugere que o processo de negociação de significados nos *media* rege-se por uma preferência ou condição social individual de cada um, no entanto é importante, não se obscurecer dinâmicas de poder que a categoria de género implica em si e o facto

que a “masculinidade” mais frequentemente é associada ao poder e centralidade face a uma “feminilidade” tida como inferior. Por esta razão, concorda-se que na exploração desta relação é necessário entender que as construções sociais de “feminino”, “masculino” por exemplo, encontram-se inseridas numa estrutura social caracterizada pela dominação masculina e um enquadramento histórico-cultural mais alargado.

Com esta clarificação, desenvolve-se ainda acerca das capacidades “socializadoras” dos meios de comunicação (Brooks e Hébert, 2006:297), sendo possível argumentar a possibilidade de estes apresentarem-se como referências interpretativas para os acontecimentos e grupos sociais, que por sua vez, podem contribuir para a contínua reprodução ou rutura de uma estrutura assimétrica, através da produção discursiva e a capacidade de obtenção de poder.

Nesta linha de pensamento, insere-se o conceito de *cultivation theory* (Potter, 1993:564) que se refere à relação entre os conteúdos dos meios de comunicação e os indivíduos, caracterizando os seus efeitos na transmissão de valores através das suas mensagens, num processo de socialização, principalmente quando se considera uma exposição sistemática e cumulativa às suas mensagens. Esta argumentação é devidamente criticada ao apontar-se a suposição de audiências acríticas e uniformes (Potter, 1993:572), devendo-se clarificar que a posição contrária é adotada nesta dissertação, estabelecendo-se uma audiência interpretativa e crítica. No entanto, estabelece-se que o papel dos *media* em processos de socialização também não deve ser completamente ignorado, face a uma multiplicidade de mensagens, valores e significados, que no seu conjunto são sistematicamente expostos a uma audiência para a sua interpretação.

De um modo semelhante desenvolve-se também a ideia de “*group implication*” (Winter, 2008:4), que se refere a ideias acerca de categorias de género e raça, por exemplo e a sua relação com os meios de comunicação, descrevendo-se uma correspondência entre esquemas individuais, mais ou menos partilhados em sociedade e o enquadramento dos acontecimentos que se desenrolam nos meios de comunicação, contribuindo para o processo de formação de opinião pública (Winter, 2008:6), reconhecendo-se, no entanto, a complexidade e heterogeneidade deste processo.

Caracteriza-se a seguinte afirmação, para a fundamentação da argumentação defendida nesta dissertação: “quanto menor é a experiência direta que as pessoas têm de uma determinada área temática, mais essa experiência dependerá dos média de massa para se possuir as informações e os quadros interpretativos referentes a essa área.” (Wolf, 2006:155). Ou seja, argumenta-se que o enquadramento nos *media* de determinado acontecimento, verifica a capacidade de providenciar um quadro interpretativo para o mesmo (Richardson, 2007:10), assim interligando-se também com as noções de poder simbólico apresentadas, na sua capacidade de refletir as relações sociais existentes.

Argumenta-se ainda pela pertinência do papel do jornalismo – nomeadamente um jornalismo de referência – enquanto formador da opinião pública, não sendo este um processo heterogéneo, o que não significa a total invalidação do papel dos *media* no mesmo: “rather than being a flat mirror reflecting the world as it is, is more a funhouse mirror reflecting back a limited and distorted view of reality.” (Auer, 2012:3).

3.4.1. Um “novo” contexto? – O papel do jornalismo na era digital

Atualmente é possível referir a “era” digital e por esta razão, existe uma necessidade de também entender o papel do jornalismo neste contexto. Desenvolve-se que a era digital tem vindo a concretizar-se ao longo das últimas décadas, trazendo consigo o que alguns autores apontam como uma “revolução” por vezes caracterizada como “arrebatadora” para processos do fazer jornalístico, devido a mudanças tecnológicas que vêm a afetar as formas de comunicação e consequentemente, os meios através dos quais essa comunicação é feita.

Nomeadamente, apontam-se transformações no próprio modelo de negócios dos *media* e no modelo de sustento financeiro dos projetos jornalísticos, que emergem do uso generalizado da internet, de uma venda de jornais em papel que caí ano após ano, um consumo de bens digitais – entre os quais jornais – que não crescem como seria desejável para as empresas que os produzem e ainda quebras nas receitas da publicidade, que tornam impossível atualmente caracterizar um modelo de negócio estável e único (Cardoso, Magno, Soares e Crespo, 2016:13). Face a este panorama apresentado, os *media* tentam-se gerir face a dinâmicas de mudança e incerteza e um “novo” paradigma (Cardoso, Magno, Soares e Crespo, 2016:137) que envolve o jornalismo inserido na sociedade da informação, onde os seus leitores interagem, através de funcionalidades permitidas pela internet e onde existe também uma maior facilidade em rapidamente aceder a outras fontes de notícias, sendo portanto necessário a adaptação e a gestão destas limitações.

Ainda, nesta era onde a presença *online* e as redes sociais ganham uma importância acrescida, do processo jornalístico emergem fenómenos como o jornalismo cidadão ou colaborativo e a proliferação de novas normas para o jornalismo no contexto digital (Aitamurto e Varma, 2018:697). Inclusive, emergem fenómenos como as “*fake news*” ou o questionamento da imparcialidade das fontes noticiosas, que resultam em especulações acerca da qualidade e das notícias e a descredibilização do jornalismo.

Estas são caracterizações mais “catastróficas” do potencial disruptivo das tecnologias digitais para o fazer jornalístico tradicional, no entanto, apresenta-se igualmente que desta descontinuidade tecnológica, pode surgir também a oportunidade para alterações positivas. Em 2006, Ahlers descrevia numa visão idealizada que esta disruptão significaria uma adaptação às novas tecnologias, nomeadamente no que se refere à distribuição, idealizando uma redução de custos e onde também os

media tradicionais competiriam ao oferecer versões *online* dos seus produtos, o que é atualmente uma realidade.

No entanto, atualmente já é necessário caracterizar o seguinte enquadramento: “A fase inicial de transição digital chegou ao fim, e entrámos numa nova normalidade digital” (Cardoso, Magno, Soares e Crespo, 2016:24), ou seja, a dimensão digital já não pode ser mais vista como isolada da organização em si, com mudanças profundas já a decorrerem nos modos de produção e disseminação da informação, assim como nas práticas profissionais dos jornalistas, visíveis na imposição de “ciclos noticiosos de 24 horas, pela crescente concorrência entre meios, pela crescente literacia tecnológica dos seus públicos e pelo desinvestimento dos proprietários de media nas redações, fruto das repercussões da crise europeia e mundial” (Cardoso, Santos e Telo, 2016:15).

Ainda, face às mudanças no fazer jornalístico, nomeadamente as que advêm da ubiquidade da presença *online*, apresenta-se o seguinte enquadramento: “Segundo os dados do *Reuters Institute Digital News Report* 2014, mais de um terço dos usuários entrevistados (39%) consomem notícias em dois ou mais dispositivos. Quando o assunto é cobrança pelo conteúdo, o número de pessoas que pagam por notícias digitais manteve-se estável ao longo do último ano (43% obtêm algum tipo de assinatura). No entanto, dentre aqueles que não pagam, 15% se dizem propensos a pagar futuramente.” (Sousa, 2015:43). Este breve enquadramento, permite enquadrar o consumo de notícias *online*, através de dispositivos móveis, concluindo-se que existe uma proliferação de um espaço *online* cada vez mais vasto e acessível a qualquer um. Mais uma vez, reforça-se que estamos face a um panorama de “normalidade digital”, como já indicado, sendo legítima a realização da análise a um conjunto de notícias recolhidas na plataforma *online* do Público.

Neste sentido, compreendendo-se ainda o atual enquadramento do jornalismo e percebendo-o como uma prática social que também está sujeita a transformações (Sousa, 2015:45), descreve-se como este, sempre se viu relacionado com os avanços tecnológicos: “Se pesquisar as expressões “Fim da imprensa” ou “Morte dos Jornais” no Google, encontrará milhares de entradas discutindo o futuro da imprensa escrita nesta nova era digital em rede. Mas até aqui, nada de novo.” (Cardoso, Magno, Soares e Crespo, 2016:139). Constatava-se que já em 1845 o *New York Herald* denunciava o fim da imprensa, devido ao telégrafo, sendo que uma reação semelhante verifica-se com o aparecimento da internet, mesmo na sua fase mais primitiva (Cardoso, Magno, Soares e Crespo, 2016:140). É válido apontar que a imprensa escrita atravessa um período instável, face à necessária transição para uma sociedade caracterizada pela comunicação em rede, que ameaça o modelo de negócio tradicional, no entanto, a história revela que nestas transformações existe também espaço para a inovação e adaptação.

Mais do que nunca, receia-se pela qualidade do jornalismo face à incapacidade de resposta dos modelos anteriormente vigentes, num ambiente marcado por indefinições, no entanto, os processos de

adaptação encontram-se em marcha e é necessária alguma cautela no anunciar de uma “revolução” total, pois os ”principais valores do jornalismo permanecem válidos, mas as rotinas, processos e técnicas produtivas escolhidas para os implementar mudam para adaptarem à Sociedade em Rede mediada por tecnologias digitais.” (Cardoso, Magno, Soares e Crespo, 2016:39).

Caracteriza-se que até à data, a migração definitiva dos consumidores de *media* no seu formato tradicional para o consumo *online* ainda não aconteceu, pelo menos não de um modo que possa resultar no colapso total da indústria da imprensa escrita, reconhecendo-se, no entanto, um período de adaptação onde existe uma urgência pela estabilidade e adaptação à era digital, aceitando que a mudança geral já se encontra em curso.

3.4.2. #metoo como um acontecimento e processos de produção jornalística

Tendo aprofundado a relação entre os *media* e os movimentos sociais, é ainda necessário desenvolver acerca dos processos jornalísticos da imprensa escrita que intercetam esta relação, sendo que numa primeira abordagem, é possível argumentar a apresentação do movimento do #metoo como um acontecimento na produção jornalística, caracterizado pela sua atualidade e capacidade de rutura (Rebelo, 2006:17). Entende-se também uma certa descontinuidade na agenda jornalística e na estrutura social continuamente reproduzida, que vêm a ser desafiada pela capacidade discursiva do movimento do #metoo. Desta descontinuidade, prossegue-se uma procura de sentido (Rebelo, 2006:18), materializada na construção de narrativas em torno do acontecimento, mediatizadas e não mediatizadas, sendo que especificamente nesta análise, o interesse recai nas narrativas mediatizadas, tendo os *media* um carácter de “transportadores do real” (Rebelo, 2001:10).

Ainda é necessário ressaltar as complexidades que advêm do facto que a realidade social não é homogénea, o que torna impossível a idealização do papel dos *media* na disseminação de acontecimentos perfeitamente articulados, até porque estes ao fazerem parte do restante contexto social que os rodeia, são também “aparelhos sociais institucionalizados (...) geradores de mediações simbólicas pelas quais se hierarquiza, se tematiza a realidade social” (Rebelo, 2001:11). Caracteriza-se de um modo similar o papel do jornalista que “não é sujeito exterior ou distante” (Rebelo, 2001:11), neutro ou independente da realidade que o rodeia, influenciado inclusive pelos valores do jornal para o qual escreve.

A presente dissertação defende que a análise de peças jornalísticas pode constituir um ponto de partida interessante na análise de fenómenos e dinâmicas sociais, discutindo-se que estas podem sugerir representações da realidade social, reconhecendo-se, no entanto, que estas não são totalmente homogéneas e únicas, havendo a possibilidade de refletir acerca da sua posição ideológica (Rebelo, 2000:33), neste caso considerando que se estes “não nos dizem como é que devemos pensar, indicam-nos, pelo menos, sobre o que devemos pensar” (Rebelo, 2000:11).

Entendendo estas dinâmicas, é importante considerar um conjunto de processos jornalísticos, nomeadamente aspectos de noticiabilidade, entendendo-se que existem fatores que levam a que determinado acontecimento, seja tido como notícia de maior ou menor destaque pela redação do jornal. É possível caracterizar uma multidão de critérios de noticiabilidade, muitos dos quais têm-se mantido ao longo dos anos, mesmo verificando diferentes denominações. Sobre esta continuidade é caracterizado um “efeito perverso do mimetismo social entre jornalistas e entre redações” (Cardoso, Santos e Telo, 2016:8), caracterizado por Bourdieu ou ainda a existência de agendas mediáticas dominantes que tendem a afastar os acontecimentos que coloquem em causa essa agenda.

Aponta-se ainda, numa diferente perspetiva, que esta continuidade temporal dos valores de noticiabilidade é o resultado da incorporação de um conjunto de regras não formais que guiam a conduta das redações e dos jornalistas, formando um *habitus* jornalístico. Caracterizam-se os critérios de noticiabilidade como o “extraordinário, a atualidade, a proeminência social, o ilegal o insólito (...) valores de consenso, integração e ordem social (...)", estes que, entre outros, podem ser entendidos como valores mais ou menos duradouros no trabalho jornalístico, evocados para a escolha dos acontecimentos a noticiar, resultando na seleção do que constitui - e o que não constitui – notícia.

De um modo geral, entende-se também que os meios de comunicação verificam um papel no simples facto de alguma ocorrência se tornar um acontecimento na percepção da audiência, através da sua consideração como notícia, por correspondência aos valores de noticiabilidade que identificam. É possível que neste processo de seleção feito pelos jornais seja evidenciada determinada narrativa de um acontecimento, em detrimento de outra que foca um ponto de vista diferente, aqui remetendo para capacidades de reprodução e alteração ideológica. Neste sentido, atenta-se numa argumentação acerca da existência de uma perspetiva dominante que caracteriza o artigo jornalístico (Van Dijk, 2002:115), havendo ainda, do lado da audiência – ativa e crítica na sua leitura – uma variedade de leituras possíveis, desde a “leitura preferida” à sua rejeição completa (Tuchman, 2002:88).

Desenvolvendo outros processos jornalísticos, atenta-se em noções de *framing*, que quando relacionadas à produção jornalística acerca de movimentos sociais, por exemplo, verificam um processo complexo onde variados atores políticos encontram-se em disputa em “*framing contests*” (Boykoff e Laschever, 2011:345), entendendo-se que existem objetivos da parte dos ativistas, de obter vantagens políticas numa expressão persuasiva junto dos *media*.

Relaciona-se assim a possibilidade de os jornalistas conseguirem organizar a realidade empírica e toda a diversidade de acontecimentos em notícias consumíveis pelo público através de *picture frames* ou *media frames* (Boykoff e Laschever, 2011:347), ao por exemplo, particularizar determinada ocorrência, tornando-a num acontecimento e focando atenção do público em determinadas narrativas ou indivíduos. Deste processo consolidam-se padrões mais ou menos persistentes de seleção, apresentação

e ênfase de onde, por conseguinte, emerge um padrão de exclusão, onde o discurso é também organizado podendo promover determinada interpretação ou avaliação do acontecimento.

Descreve-se ainda num sentido semelhante a noção de *priming* aplicada aos *media*, uma teoria que entende a capacidade das imagens e narrativas veiculadas nos *media* corresponderem e estimularem esquemas individuais, mais ou menos partilhados, constituídos por ideias e conceitos na sua audiência num enquadramento interpretativo para o processamento da informação. McQuail (2010) caracteriza estes efeitos como um aspeto mais específico do processo de *agenda-setting*: “The priming ‘effect’ is essentially one of promoting certain evaluative criteria and it plays a part in attempts to manage news.” (2010:514). Caracteriza-se assim que o processo de *priming* verifica os seus efeitos na relação entre o conteúdo mediático e os comportamentos ou julgamentos posteriores da audiência, como resultado da interpretação que é feita deste, face a uma ubiquidade dos *media* no quotidiano. (Roskos-Ewoldsen, Roskos-Ewoldsen e Carpenter, 2008: 97).

Ambos os efeitos descritos, de *priming* e *framing* entendem um processo onde a seleção – e consequente exclusão – de certa informação, caracterizam o processo de percepção junto da audiência, na definição dos próprios problemas e acontecimentos. Este enquadramento que é realizado a determinado acontecimento pelos *media*, resulta num efeito seu, podendo haver consequências nas políticas do “mundo real”. Isto é, na interação entre os enquadramentos providenciados pelos *media* e estruturas cognitivas anteriores, existe a possibilidade de iniciar processos de tomada de decisão e de avaliação dos acontecimentos. É importante a noção de Entman, que descreve um modelo *feedback-loop*: “The more congruent the frame is with schemas that dominate political culture, the more success it will enjoy. The most inherently powerful frames are those fully congruent with schemas habitually used by most members of society.” (Boykoff e Lascher, 2011:346).

Brevemente, os próprios efeitos dos *media*, tornam-se os *inputs* do sistema, afetando consequentemente, os posteriores enquadramentos dos *media* e assim sucessivamente, em padrões que persistentemente vão organizando o discurso em torno de determinado acontecimento. Neste desenvolvimento teórico apresentado, fundamenta-se o interesse em estudar os *media*, tendo ainda explorado o atual contexto da era digital, onde a existência das redes sociais *online* e a presença da imprensa escrita, encontram-se num plano onde ambas se entrecruzam.

4. METODOLOGIA E ANÁLISE DE RESULTADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO A NOTÍCIAS DO PÚBLICO

Tendo realizado uma revisão de conceitos teóricos pertinentes para o tema abordado segue-se a sua aplicação. Emprega-se uma metodologia que privilegia a análise da imprensa escrita, mais precisamente de um jornalismo de referência através da escolha de peças jornalísticas do jornal Público.

Com a escolha de focar um jornalismo de referência, delimita-se a análise não apenas à imprensa escrita – neste caso, ainda apenas ao jornal Público -, assim como também se escolhe não realizar uma pesquisa extensiva a outros meios de comunicação, por constrições de tempo e espaço para a desenvolver. Ainda, é possível caracterizar algumas limitações na definição de dois anos de recolha de notícias e ainda possíveis situações de subjetividade na categorização proposta na análise, realizada apenas por uma pessoa.

Argumenta-se pelo potencial exploratório da análise realizada, que pode caracterizar um ponto de partida para o desenvolvimento desta temática no contexto português, até porque a existência de trabalhos académicos, pelo menos relativamente a este movimento social em específico, é escassa no contexto nacional.

4.3. Escolha pela observação do jornal Público - jornalismo de referência

O jornal do Público é um jornal diário português, fundado em 1990 que conta igualmente com uma versão do Público *online*, um *site* criado em 1995 e que desde 1999 possui um serviço autónomo de notícias que são atualizadas durante o dia, sendo esta a plataforma *online* usada para a consulta das peças jornalísticas em análise. O acesso a determinados artigos, bem como a pesquisa dos mesmos está reservada aos utilizadores registados e assinantes do jornal.

Relativamente à escolha do Público, caracterizam-se os dados do *Anuário de Media e Publicidade* de 2012-2013 (Cardoso, Santos e Telo, 2016:42) onde é evidente o já mencionado decréscimo no público da imprensa escrita, de um modo geral e desde 2008, apontando-se exceções no jornal Correio da Manhã e do Público, apesar de este último apenas verificar uma subida inferior a 1%, havendo uma certa ambiguidade, se será uma estabilização ou uma fase de crescimento.

No entanto, para fundamentar a escolha pelo Público, pode-se caracterizar os dados do Anuário da Comunicação da Obercom de 2017, onde é evidente a significativa presença *online*, com uma circulação digital paga dos seus artigos que verifica um crescimento estável desde 2011 a 2017, (OBERCOM, 2017:91), É importante ainda sublinhar que este foi o jornal com mais leitores *online* em

Portugal em 2019¹⁹ – mais de 2,5 milhões de pessoas em território nacional - como aponta o relatório mensal da Marktest em Junho de 2019, fundamentando a sua escolha.

Para a metodologia adotada na análise, opta-se pela observação do jornal do Público, pressupondo-se uma oposição do seu conteúdo como jornal de referência a, por exemplo, um jornalismo de tabloide. Descreve-se então o jornalismo de tabloide: “it allegedly panders to the lowest common denominator of public taste, it simplifies, it personalises, it thrives on sensation and scandal (...)” (Ornebring e Jonsson 2004:283) apontando-se ainda para um processo de *tabloidisation*, ou a tabloidização das notícias como resultado de dinâmicas comerciais nos *media* e a conseguinte necessidade de aumentar as suas audiências. Neste processo entende-se um fenómeno a um nível micro, demarcado pelas privatizações e uma maior concorrência tanto nas audiências como financiadores e a nível macro, onde decorrem transformações sociais mais alargadas e fenómenos como “o culto das celebridades, do sucesso imediato ou do dinheiro” (Cardoso, Santos, Telo, 2016:14).

Nesta argumentação, torna-se fácil adotar uma perspetiva onde o jornalismo de tabloide torna-se exatamente tudo o que o jornalismo mais “sério” não é (Ornebring e Jonsson, 2004:284), remetendo para a noção de um *journalistic other* que simboliza o “errado” no fazer jornalístico moderno, muitas vezes tido em oposição ao que é considerado jornalismo de “qualidade”: “(...) é a imprensa séria que oferece detalhes sobre eventos de todo o mundo, bem como relata notícias de economia, cultura e sociedade” (Cardoso, Santos e Telo, 2016:14).

Outros autores caracterizam, num sentido semelhante, um jornalismo de referência ou *mainstream*: “(...) television and radio news and commentary shows and the daily newspapers that have the largest audience and/or are generally considered most important (in the most general sense of the word) by members of the audience as well as members of the political, economic and cultural elites.” (Ornebring, Jonsson, 2004:285). Assim, a escolha para a realização da análise proposta recai sobre o Público ao entender-se este como um jornal de referência que é “identificado com a formação e veiculação de opiniões das elites políticas, culturais e económicas” (Cardoso, Santos e Telo, 2016:135).

Entende-se ainda que o jornalismo de referência tem um papel importante no desenvolver de dinâmicas sociais, como aliás se verificou com o papel que os artigos do *The New York Times* e da *New Yorker* tiveram no desencadear do movimento do #metoo. Esta argumentação em específico, é especialmente fundamentada na reportagem de Ronan Farrow, para a *New Yorker* que ganhou um prémio de jornalismo Pulitzer²⁰, na categoria de serviço público, assim como outros prémios e honras, numa

¹⁹ Artigo completo disponível em: <https://www.publico.pt/2019/07/11/sociedade/noticia/publico-jornal-leitores-online-portugal-1879588> [Consultado a 28 de agosto de 2019]

²⁰ Mais informações: <https://www.newyorker.com/contributors/ronan-farrow> [Consultado a 1 de outubro de 2019]

reportagem que expôs as alegações de assédio sexual contra Harvey Weinstein, assim como as primeiras alegações contra o anterior diretor executivo da CBS, Leslie Moonves.

4.4. Caracterização da amostra recolhida: as grandes notícias em 2017 e 2018

Estabelecendo o objetivo da realização de uma análise à produção jornalística sobre o movimento do #metoo e tendo como base o conjunto de notícias no Público, considerou-se como necessária a seleção de artigos relevantes para a análise. Para tal, procedeu-se a uma pesquisa por palavras-chave que caracterizam os artigos, havendo esta possibilidade devido à sua organização *online*, que permite separar as peças que contêm palavras-chave como “assédio sexual”, “metoo” e “violência sexual”. As palavras-chave foram selecionadas, entendendo-se que estas poderiam originar uma amostra que correspondesse aos interesses da análise.

Delimitou-se ainda um período de observação de dois anos, entre 2017 e 2018, justificando-se o interesse em observar os acontecimentos que enquadram o momento do “impulso” do movimento do #metoo, nos finais do ano de 2017, assim como acompanhar o desenvolvimento durante o ano seguinte.

No total, através das limitações descritas, foram recolhidas um total de 1330 notícias, organizadas num *codebook* criado através de um processo de categorização das diversas variáveis, tendo como referência a obra “Jornalismo em Tempos de Crise” (2016), de Gustavo Cardoso, Susana Santos e Décio Telo. Caracteriza-se um processo gradual de construção deste *codebook* (disponível para consulta no anexo 29), que se mostrou demorado, devido à dificuldade de organizar uma quantidade considerável de notícias numa base de dados comprehensível e possível de analisar. Ainda, é importante mencionar que a construção do *codebook* foi intercetada por várias ponderações de diferentes categorizações e variáveis que acabaram por não caracterizar a sua versão final, revelando-se realmente um processo gradual de avaliação, dificultado pela realização deste por apenas uma pessoa.

Ainda, numa análise inicial, percebeu-se ainda que relativamente às palavras-chave “assédio sexual” e “violência sexual” uma variedade de notícias que continham apenas a palavra “assédio” ou “violência” também eram também captadas, concluindo-se que seria necessário reduzir a amostra, de forma a precisar as escolhas metodológicas feitas.

Assim, escolheu-se incluir na amostra as peças que continham palavra “assédio” por entender-se que poderia ser interessante incluir fenómenos como o assédio moral e assédio no local de trabalho. Pelo contrário, relativamente à palavra-chave “violência” esta já captava notícias mais variadas, referindo a violência de um modo generalizado. Apesar de se reconhecer o interesse no seu estudo, a escolha de retirar tais notícias foi feita, de modo a apenas incluir as que se referissem a “violência sexual”, tentando assim manter-se um critério mais sistemático na formação da amostra. No final desta delimitação, as notícias devidamente codificadas não deixaram de captar fenómenos como a violência doméstica ou a

violência no namoro, assim como questões da comunidade LGBTI+, por exemplo, captando-se um total de 878 notícias (anexo 1), na amostra final.

Numa análise aos dois anos de análise, caracteriza-se um total de 321 notícias recolhidas em 2017 e um aumento para 552 notícias em 2018, podendo-se colocar a hipótese de este aumento se dever aos desenvolvimentos sobre o *#metoo*, que colocou o problema do assédio sexual e das denúncias relacionadas na agenda jornalística, indo de encontro a critérios de noticiabilidade. Considerando esta hipótese, nota-se a distribuição das notícias recolhidas nos 24 meses em análise (Figura 4.1), reparando-se no “pico” no seu número no mês de novembro de 2017, havendo claramente um número mais elevado de notícias em relação ao início do ano, inclusive nos meses que se seguiram, até janeiro de 2018, coincidindo com os desenvolvimentos das primeiras acusações de assédio sexual que resultaram do *#metoo*, em outubro de 2017. O número de notícias volta a aumentar significativamente cerca de um ano mais tarde, em outubro de 2018.

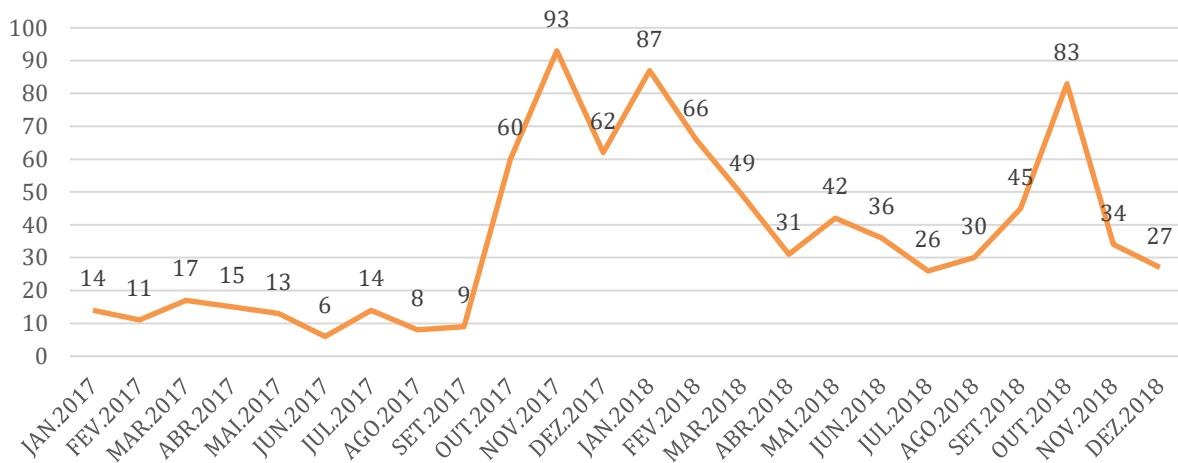


Figura 4.1- Distribuição do total de notícias recolhidas por mês, em 2017 e 2018 (N)

Para perceber-se de um modo geral, as variações ao longo do período em análise na atenção focada a este tema, propõe-se uma análise às grandes histórias (*big stories*), entendendo-se as histórias que se destacaram em ambos os anos em análise.

Mais precisamente, as *big stories* identificadas caracterizam os conjuntos de notícias relacionados a determinados acontecimentos particulares, que se destacam devido à importância jornalística que lhes é dada no período de observação. Para a sua identificação, realça-se ainda o critério que os acontecimentos que as qualificam descrevem uma narrativa continuada pelos autores das peças ao longo do tempo, tornando-se numa narrativa recorrente através do realce a diferentes aspectos e desenvolvimentos da narrativa principal, sendo estes identificados nas *sub storylines*.

Também os critérios para a identificação das grandes histórias foram adaptados nesta análise, numa escala menos ambiciosa, do trabalho “Jornalismo em tempos de crise” (2016). Para os autores, o

conceito de *big story* é adotado do *PEJ News Cover Index*, sendo que as *big stories* são identificadas a partir da amostra disponível, entendendo-se uma lógica do fazer jornalístico de “hierarquização das notícias de acordo com uma importância percecionada (pelas redações) e captar a visibilidade pública de uma determinada notícia por via do destaque que lhe é dado” (Cardoso, Santos e Telo, 2016:208). São consideradas três dimensões para a sua identificação: recorrência, diversidade e intensidade (Cardoso, Santos, Telo, 2016:207).

Com o estabelecimento destes critérios, a escolha e identificação das grandes histórias foi feita após uma análise extensiva da caracterização dos temas principais e subtemas identificados nas notícias, que irá ser apresentada adiante, assim categorizando-se as notícias mais recorrentes, entendendo que este critério pressupõe uma continuação da sua narrativa e a noticiabilidade da mesma. Quanto ao critério da intensidade, teve-se em conta também a frequência do número de notícias sobre determinado tema, aqui, quando este se destaca mesmo que seja por um período de tempo mais curto. Por fim, quanto ao critério da diversidade, a sua aplicação torna-se mais complicada nesta amostra devido à escolha deliberada de palavras-chave para a sua delimitação, considerando-se maioritariamente os dois primeiros critérios.

Resultou a categorização de 14 *big stories* (anexo 2), que perfazem um total de 219 notícias, sendo as restantes 659 notícias não categorizadas enquanto grandes histórias. O conjunto das *big stories* são por sua vez caracterizadas através de *sub storylines*, entendendo as notícias sobre os seus desenvolvimentos onde, muitas vezes, é incluída a notícia do acontecimento inicial pelo *Publico* (ou outra fonte), permitindo ao leitor consultar rapidamente a restante informação. A categorização das *sub storylines* no âmbito desta dissertação, realizou-se para fins de auxiliar a análise realizada, não sendo caracterizada a sua distribuição.

Admite-se ainda limitações na caracterização de grandes histórias com uma amostra tão reduzida, não obstante, as histórias que sobressaíram foram as que se distinguiram por verificarem um número considerável de peças jornalísticas, revelando-se como recorrentes e relevantes e sugerindo uma certa compatibilidade com os critérios de noticiabilidade identificados pelo jornal.

Nota-se que fora desta caracterização estão tópicos também recorrentes, mas gerais, que porventura podem ser identificados como “parte” das grandes histórias identificadas. Por exemplo, o tema geral do assédio e violência sexual, é um assunto que apesar de recorrente e caracterizar em parte, muitas das grandes histórias, é também geral e não se consegue identificar *sub storylines*.

Como referido, são verificadas diferenças no número de notícias ao longo dos dois anos em análise, argumentando-se a possibilidade da emergência de diferentes narrativas que podem ajudar no

entendimento da distribuição verificada. Particulariza-se a importância das 219 notícias que caracterizam as 14 grandes histórias identificadas e a sua distribuição pelos dois anos (anexo 3) para perceber estas diferenças (Figura 4.2).

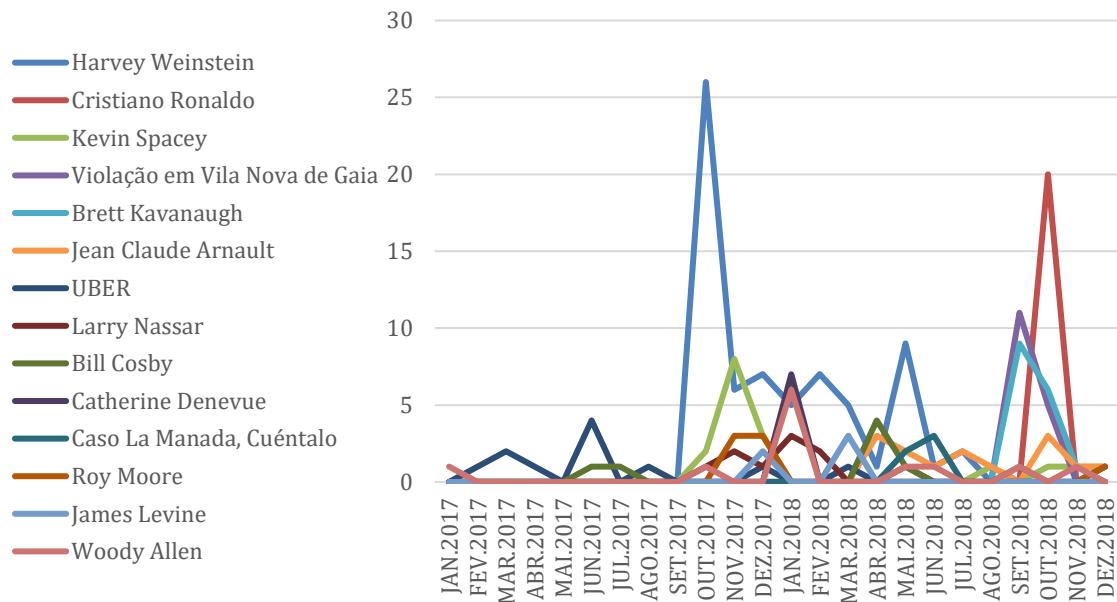


Figura 4.2- Distribuição das peças referentes às big stories por mês, em 2017 e 2018 (N)

Numa observação da figura acima, é clara a distribuição também diferenciada das grandes histórias, sendo também observável numa primeira análise, que esta verifica alguma correspondência à distribuição geral das notícias ao longo do arco temporal em análise, verificada anteriormente. Apresenta-se assim a distribuição que permite analisar não apenas as *big stories* identificadas, assim como brevemente caracterizar os desenvolvimentos identificados pela categorização das *sub storylines*.

Primeiro, em 2017 surgem narrativas como a acusação contra o ator Kevin Spacey, um acontecimento que, por sua vez, desdobra-se numa série de desenvolvimentos entre outras acusações de assédio sexual e consequências para a sua carreira, como o afastamento da série *House of Cards*, da qual era protagonista. No total, sobre esta acusação são caracterizadas 13 notícias, verificando breves desenvolvimentos em 2018. Ainda em 2017 surge também a história que caracteriza um ambiente de tensão na empresa UBER, com 10 peças identificadas por este acontecimento. Os seus desenvolvimentos descrevem as acusações que a empresa foi alvo, de promover uma cultura de trabalho onde abusos sexuais são permitidos e, no geral, acusações de más condições de trabalho, tendo esta situação culminado no afastamento de um dos seus fundadores Travis Kalanick. Há ainda uma peça relativa a esta história no ano de 2018.

Ainda no ano de 2017, no contexto norte-americano, surge ainda a grande história referente ao caso de Roy Moore, cuja candidatura ao Senado pelo partido republicano no estado do Alabama fica afetada após acusações de abuso a menores, resultando em pedidos de afastamento do candidato,

completamente recusados após o apoio de Donald Trump à sua candidatura. Roy Moore é eventualmente derrotado pelo candidato democrata Doug Jones. Surgem 6 peças identificadas com esta história, havendo um desenvolvimento no ano seguinte.

Em todas estas *big stories* descritas acima reconhece-se o número relativamente menor de notícias, podendo argumentar-se que o “pico” do número de notícias em 2017 deve-se à grande história referente à acusação do produtor Harvey Weinstein, que se destaca com um total de 70 notícias, 39 em 2017 e 31 em 2018. Esta acusação catalisou o movimento do *#metoo* e os seus desenvolvimentos foram recorrentemente noticiados, entre o envolvimento de diversas figuras públicas, tanto em defesa como contra o produtor, assim como o desenrolar do processo criminal e consequências profissionais que se seguiram. Este número superior de notícias continua até ao início de 2018, tendo a frequência de notícias se tornado um pouco menor durante os meses seguintes. Ao conhecer o contexto deste movimento, identifica-se ainda um o início do mencionado “efeito” da denúncia de Harvey Weinstein, já que em 2018 emerge a maioria das grandes histórias identificadas.

Assim, na análise do ano de 2018, para além da continuação da narrativa referente à denúncia de Weinstein, caracteriza-se ainda outras *big stories*. Identifica-se o caso de acusação de abuso sexual de Cristiano Ronaldo, que ganha importância no final de 2018, com cerca de 20 notícias, curiosamente correspondendo a segundo aumento no número de notícias em 2018. Os desenvolvimentos deste caso descrevem inicialmente a reabertura do caso, a entrevista de Kathryn Mayorga ao *Der Spiegel* e a revelação do acordo de confidencialidade.

Surge também em 2018, a *big story* referente a um caso de violação ocorrido numa discoteca em Vila Nova de Gaia, com 16 peças identificadas, sendo interessante particularizar que esta é a única grande história que se refere ao contexto português, especificamente. Os desenvolvimentos deste caso vieram a colocar na agenda mediática a realidade da resposta da justiça portuguesa face à violência sexual, nomeadamente através da cobertura mediática sobre o acórdão de tribunal, que caracterizou o caso com descrições como um ambiente de “sedução mútua”, causando a indignação e a organização de protestos, que também caracterizaram notícias do Público.

Já no contexto internacional, em 2018, surge a história da acusação de violência sexual do juiz Brett Kavanaugh, nomeado para o Supremo Tribunal dos EUA, também com 16 notícias. A história desenvolve-se, primeiro com uma denúncia anónima inicial enviada ao FBI, sendo mais tarde revelada a vítima, Christine Blasey Ford. Há também notícias sobre a sua audiência em frente do Senado dos EUA sobre o caso e a abertura de uma investigação no FBI, sendo ainda interessante notar a emergência da hashtag *#WhyIDidntReport*. No mesmo ano destaca-se ainda as 14 notícias referentes ao caso de Jean Claude Arnault, onde o acontecimento inicial, caracterizado pela denúncia de abuso sexual – a formalização das queixas e a sua sentença – estende-se para uma série de consequências relacionadas

com Academia Sueca, responsável pela atribuição do Prémio Nobel da Literatura. Após o afastamento de vários membros da Academia, a entrega do prémio foi efetivamente cancelada, surgindo ainda um conjunto de notícias sobre a entrega de um prémio alternativo ao Nobel da Literatura.

Ainda em 2018, aponta-se para 7 notícias sobre a carta assinada por Catherine Deneuve e outras figuras públicas que criticava um movimento semelhante ao #metoo, numa narrativa que se desenvolve nas respostas negativas a esta, resultando que Deneuve pedisse desculpa publicamente, “mas apenas às vitimas”. Observa-se ainda a identificação de 6 notícias acerca do movimento *Cuéntalo*, relacionado com o contexto espanhol e o processo criminal que se refere à violação em *San Férmín*, por um grupo denominado “*La Manada*”. Este caso causou indignação em Espanha devido à decisão da sua sentença enquanto abuso sexual, uma sentença mais leve em comparação com a de violação, causando consequências como protestos contra uma “justiça machista”.

Ainda, volta-se a considerar grandes histórias de acusações contra figuras públicas, em 2018, como as 10 notícias (4 em 2017 e 6 em 2018) acerca do caso do ex-médico da equipa de ginástica nacional norte-americana Larry Nassar, acusado e condenado por crimes sexuais. O caso é desenvolvido através de notícias sobre os diferentes aspectos do processo criminal até à sua sentença. Verifica-se ainda o caso de Bill Cosby, com 8 notícias identificadas (2 em 2017 e 6 em 2018) atualmente condenado por crimes sexuais, caracterizando-se também notícias referentes ao processo criminal e à sua sentença.

Numa análise semelhante, caracteriza-se ainda a história sobre o caso da acusação de assédio sexual contra o maestro James Levine, num total de apenas 5 notícias (2 em 2017 e 3 em 2018), tendo este sido suspenso e demitido das suas funções no *Metropolitan Opera* em Nova Iorque. Destacam-se ainda as acusações dirigidas a Woody Allen, com 11 notícias em 2018 (1 em 2017), onde ganha atenção as acusações de Dylan Farrow, que o acusa de abuso enquanto era menor, sendo uma continuação da polémica que já há muito o envolve.

Através desta análise inicial às grandes histórias identificadas na totalidade dos dois anos de análise, pretendeu-se uma caracterização breve das principais histórias que se destacaram na produção jornalística do Público, face ao conjunto de notícias que se relacionam com o movimento do #metoo e o problema do assédio e violência sexual. Prossegue-se com a análise individual dos vários aspectos importantes para uma caracterização mais aprofundada da amostra recolhida, contribuindo para o objetivo de perceber o contexto envolvente do movimento do #metoo, possivelmente retirando conclusões sobre o contexto português.

4.5. Análise de resultados

4.5.1. Caracterização geral: Autor(es), género jornalístico e as fontes das peças jornalísticas

No aprofundamento da análise foram tidas em conta uma série de variáveis que se considerou pertinente categorizar para a descrição das notícias recolhidas. Ao começar pela variável respeitante aos autores das peças jornalísticas pretende-se identificar quem estaria a escrever sobre o assunto em análise, tendo sido codificados 155 autores individuais, incluindo agências noticiosas como a Lusa ou a Reuters e categorias referentes a casos quando o autor em si não é mencionado, como quando este é identificado apenas por Público ou suplementos como o Fugas e Culto, ou o caderno P3.

Pode-se desenvolver a sua caracterização (anexo 4), sendo pertinente mencionar primeiro que o Público assina alguns artigos, não estando explícita a identidade do autor. Nestes casos escolhe-se categorizar como “autor não é mencionado”, não constando dos autores analisados, perfazendo um total de 273 peças jornalísticas em que o autor não é identificado. Esta escolha é realizada, ao entender o interesse existente em analisar e caracterizar quem escreve sobre o fenómeno do movimento do #metoo e o problema do assédio e violência sexual. Assim, identificam-se 605 peças jornalísticas em que se conseguiu identificar o autor.

No conjunto dos autores identificados, verifica-se que a maioria das notícias são da autoria de jornalistas de profissão (74,9%), que se autoidentificam com vários papéis, entre editores, redatores, críticos ou cronistas do jornal, sendo esta a categoria que claramente se destaca. Segue-se a autoria das agências noticiosas (11,6%) e as peças assinadas por académicos (5,8%), uma categoria que engloba indivíduos que se identificam enquanto investigadores, estudantes e docentes universitários. Caracterizam-se ainda apenas 8 peças jornalísticas assinadas por autores que pertencem à esfera política (1,3%), 7 peças escritas por advogados (1,2%) e 3 peças por escritores (0,5%). Com apenas uma notícia para cada categoria, verificam-se artigos da autoria de representantes de ONG, médicos, artistas e historiadores (0,2% para cada categoria). Caracterizam-se ainda “outros” autores (1,8%), quando não foi possível enquadrar nas categorias anteriores.

Desenvolve-se esta análise inicial também através da variável do género jornalístico (anexo 5), tendo mais uma vez, enquanto referência a organização do trabalho de Cardoso, Santos e Telo (2016), para a categorização realizada (Figura 4.3).

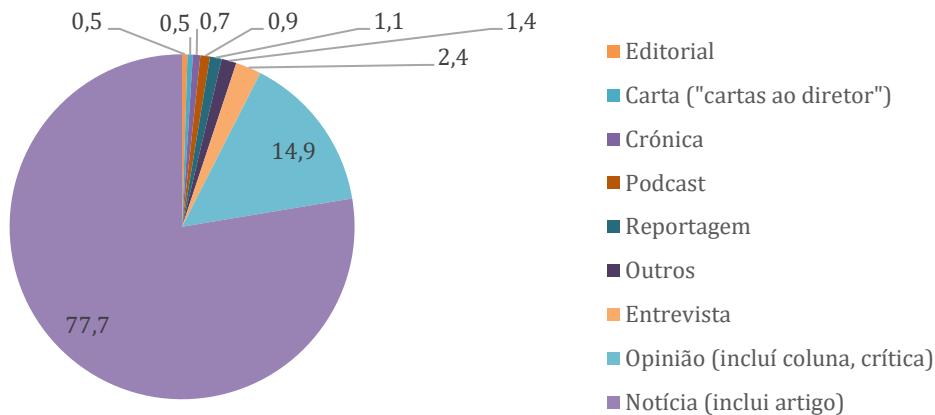


Figura 4.3 - Distribuição do género jornalístico (%)

Através da figura apresentada, facilmente entende-se que a notícia (incluindo artigos) é o formato que domina a análise (77,7%), caracterizando uma peça jornalística informativa e tendencialmente mais curta, escrita de uma forma bastante direta. Segue-se o formato referente a peças de opinião (14,8%), também algo frequente no conjunto total de peças recolhidas e que caracteriza a opinião do autor sobre determinado tópico.

Com menor frequência surgem os restantes géneros jornalísticos, como as entrevistas (2,4%), identificadas pela demarcação dos papéis de entrevistador e entrevistado que em primeira pessoa, se referem a dado tema. Categorizou-se também as reportagens (1,1%), onde os textos, ao serem informativos, utilizam uma linguagem mais narrativa, descriptiva e aprofundada, pressupondo-se ainda a presença e contribuições em primeira pessoa para a construção da peça. Ainda com menor frequência, surgem os *podcasts* do Público (0,9%), a crónica (1,4%), um formato jornalístico caracterizado pela narrativa curta, mas com um “toque pessoal” do seu autor, seguindo-se as cartas (0,6%) e os editoriais (0,5%) sendo estes indicadores “(...) da importância do tema para a redação do jornal em questão” (Cardoso, Santos e Telo, 2016:209). Por fim, a categoria de “outros” (1,4%) entendeu uma variedade de peças jornalísticas que não se inserem exatamente nas categorias definidas acima, como por exemplo, o conjunto de peças na forma de listas sobre os mais variados temas.

Num desenvolvimento da categoria referente à caracterização dos autores, realiza-se igualmente um cruzamento com esta categorização do género jornalístico (anexo 6), observando-se como o formato da notícia é frequente em todos os autores, ressaltando ainda que os artigos de opinião também sobressaem, maioritariamente assinados por jornalistas ou académicos.

Voltando ao género jornalístico das peças recolhidas, atenta-se nas 4 peças editoriais identificadas na amostra, entendendo que o desenvolvimento da sua caracterização pode verificar algum interesse, especialmente porque pode-se entender a importância que é dada ao tema do editorial, em nome do próprio jornal. Por essa razão, identifica-se como o Público, atendendo ao tema relacionado com a

exposição mediática do movimento do #metoo – selecionado nesta amostra através da delimitação por palavras-chave - caracteriza um conjunto de editoriais que dão destaque ao assédio e violência sexual.

Na caracterização de cada editorial individualmente (anexo 7), descreve-se uma das peças que se refere ao assédio e violência sexual enquanto tópico, fazendo referência à sucessão dos casos de assédio caracterizados pelo despoletar do movimento do #metoo. Neste aponta-se, especificamente, para a necessidade de denunciar os abusos de poder e responsabilizar os envolvidos adequadamente, apelando para a criação de condições para impedir esta “cultura absolutamente asquerosa que dá a quem tem poder o direito de abusar quem não o tem”²¹, identificando-a como parte de um sistema que é de todos nós, como sociedade, responsabilidade.

Caracteriza-se ainda uma peça escrita a 8 de março, dia internacional da mulher, com o tema da igualdade de género, tornando clara a posição do jornal com o título: “Como é óbvio, sou feminista”²². Nesta peça, caracteriza-se como “grave” ser ainda necessária a escrita de um editorial em defesa do feminismo, desenvolvendo acerca de problemas sociais como a violência doméstica e as disparidades e precariedade no acesso ao mercado de trabalho.

Observa-se também uma peça editorial especificamente sobre o caso de Cristiano Ronaldo, onde se desenvolve acerca das reações ao caso que revelaram como um “profundo machismo entranhado em extensas partes da população feminina vai demorar séculos a erradicar.”²³, fazendo também a ligação com o caso de violação ocorrido em Vila Nova de Gaia. Por fim, é escrito também um editorial cujo tema é o movimento do #metoo, fazendo a relação com a atribuição do prémio Nobel da Paz a Denis Mukwege e Nadia Murad, pela sua contribuição pelo fim da “violência sexual como arma de guerra”²⁴, contrastando o contexto de guerra com o ambiente de *Hollywood*, não relativizando a violência, indesculpável em ambos os contextos, como o apontado pelo editorial.

Ainda, continuando o desenvolver da análise ao género jornalístico, é possível ainda realizar um cruzamento com as grandes histórias já identificadas (anexo 8) (Figura 4.4), consolidando a análise que foi apresentada anteriormente.

²¹ Editorial disponível em: <https://www.publico.pt/2017/11/03/sociedade/editorial/a-culpa-nao-e-deles-e-nossa-1791203> [Consultado a 1 de outubro de 2019]

²² Editorial disponível em: <https://www.publico.pt/2017/03/08/sociedade/editorial/como-e-obvio-sou-feminista-1764411> [Consultado a 1 de outubro de 2019]

²³ Editorial disponível em: <https://www.publico.pt/2018/10/07/sociedade/editorial/santo-ronaldo-e-as-prostitutas-1846459> [Consultado a 1 de outubro de 2019]

²⁴ Editorial disponível em: <https://www.publico.pt/2018/10/06/mundo/editorial/sexo-poder-e-amor-1846406> [Consultado a 1 de outubro de 2019]

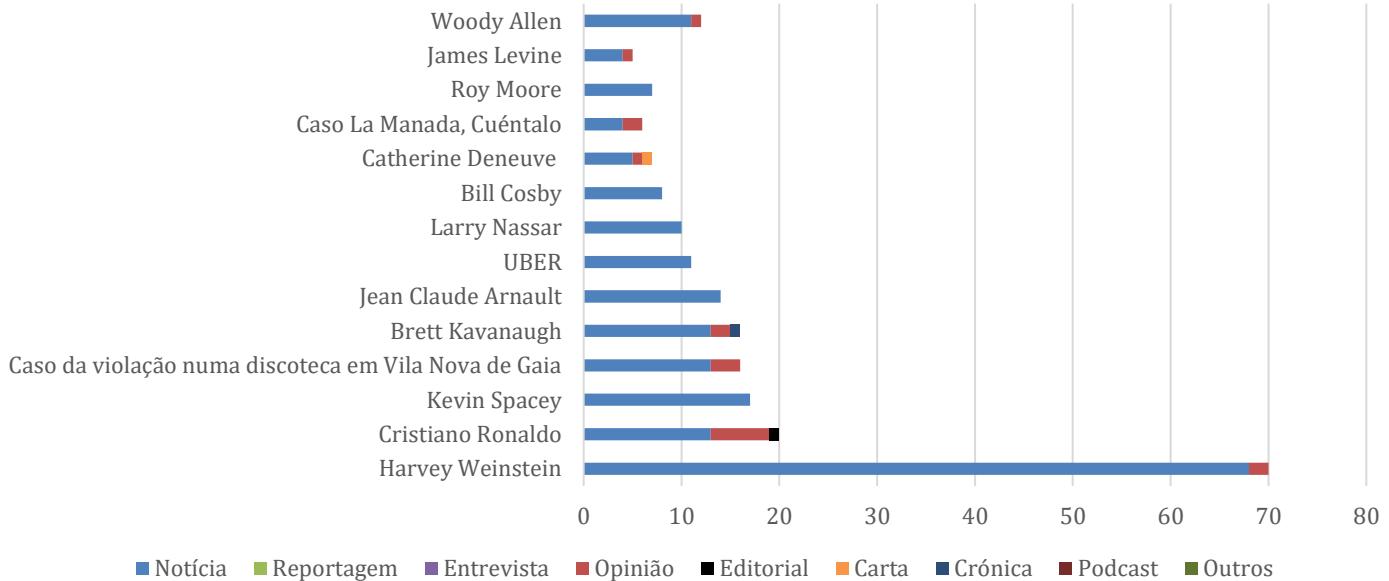


Figura 4.3 – Cruzamento entre o género jornalístico e as big stories (N)

Como se torna claro pela observação da figura acima, é possível caracterizar que, de um modo geral, a notícia destaca-se em todas as histórias, podendo entender-se que este facto deve-se ao seu carácter expositivo, até porque a maioria das grandes histórias caracterizam casos de um contexto geográfico internacional, onde a informação é retirada – por vezes, simplesmente traduzida – de outros *media*. No entanto, com uma frequência menor, mas que pode ser interessante notar, os artigos de opinião destacam-se na consideração de grandes histórias como o caso da acusação contra Cristiano Ronaldo e o caso da violação Vila Nova de Gaia, podendo apontar-se razões da proximidade ao contexto nacional para tal verificar-se.

Atendendo a esta análise inicial, desenvolve-se ainda a caracterização das fontes empregues pelos autores, entendendo-as como determinantes para a construção da notícia, no agregar da informação que a compõe. Exalta-se o quanto diversa a sua classificação pode ser, aspeto também estabelecido por Mauro Wolf (2006:223), que aponta como o conjunto das fontes, jornalistas e o público coexiste interligado entre si, sendo esta complexidade evidente no modo como os órgãos de informação estabelecem uma rede de fontes, caracterizada por uma estrutura de poder económico e político para terem acesso e serem facilmente acessíveis aos jornalistas. Esta é ainda uma estruturação que contribui, por sua vez, para um reforço no aspeto da noticiabilidade, na preferência de certa fonte (e informação) sobre outra qualquer.

Na presente análise, a caracterização das fontes das notícias revelou também a sua multiplicidade no emprego das várias peças recolhidas na amostra (anexo 9), sendo que a maioria dos autores recorreu a mais do que uma fonte para a construção das notícias da amostra. Atenta-se brevemente ainda na escolha de categorizar as entrevistas e *podcasts*, separadamente, entendendo que

não podendo exatamente considerar que não têm fonte, estas muitas vezes não são completamente explícitas, optando-se por omitir o conjunto destas peças da análise das fontes.

No conjunto das notícias a que se procedeu à caracterização das fontes (anexo 10), foram identificadas 2343 fontes individuais (sendo que uma peça jornalística pode recorrer a várias fontes, como já caracterizado).

Para caracterizar as fontes é importante apontar como na sua escolha, entende-se a necessidade, por parte do autor da peça, de estar a par de exigências temporais e de produtividade, que se revelam na escolha cuidadosa das fontes utilizadas. Clarifica-se: “Os jornalistas não especializados, aqueles que têm de ocupar-se, diariamente, de acontecimentos bastante diferentes entre si, não podendo, por conseguinte, aprofundar uma especialização precisa, executam o seu trabalho sem possuírem conhecimentos anteriores acerca do trabalho que lhes é atribuído.” (Wolf, 2006:227). Face a este enquadramento da natureza da própria profissão e às exigências das redações, aos jornalistas a que muitas vezes faltam os conhecimentos aprofundados sobre a temática que noticiam, é necessária a escolha de fontes credíveis e estáveis que facilitem este trabalho.

Assim, a menos que sejam especificamente instruídos para contactar determinada entidade ou indivíduo, os critérios relativos à escolha das fontes tendem a ser aqueles cuja credibilidade é garantida, justificando-se que no conjunto de fontes identificadas se verifique um número significativo de peças que recorrem, enquanto fonte, a artigos anteriores do próprio jornal Público (23,99%), cuja credibilidade está à partida assegurada, confiando no trabalho anterior dos jornalistas da própria redação. Desenvolve-se ainda que para os jornalistas especializados, existe o aspeto da qualidade nas suas fontes e na escrita das notícias, fruto de anos de experiência na profissão. Numa lógica semelhante, com menor frequência, verifica-se também um conjunto de peças de opinião, onde a fonte da informação é o próprio autor (5,85%) e onde as declarações feitas são da sua responsabilidade.

Ainda quanto à credibilidade, categorizou-se sobre esta lógica uma série de grupos, entendendo-os como “grupos de poder”, que verificam inerentes a si uma certa autoridade formal institucional, e por conseguinte credibilidade enquanto fontes, devido às suas ações e opiniões serem reconhecidas enquanto oficiais. Atendendo a esta argumentação, são identificadas as categorias que dizem respeito a fontes políticas (1,15%), assim como a categorias que agrupa indivíduos que se identificam como advogados, juízes e juristas (0,94%) tendo-se escolhido agrregar estas categorias para facilitar a análise. Numa lógica semelhante caracterizou-se uma categoria de investigadores (1,20%), separando esta de uma categoria respeitante a publicações científicas (1,58%).

O critério de confiabilidade também é importante, em concordância com as necessidades apontadas acima, revelando-se determinante na escolha de fontes que anteriormente já possam ter fornecido informações credíveis. Atenta-se assim na categorização de outros *media* enquanto fontes,

entendendo um historial do seu uso enquanto fonte, nomeadamente jornais de referência como o *The Guardian*, *The New York Times*, *Washington Post*, entre outros como fontes televisivas, programas de rádio, etc. Esta é a categoria que se revelou mais frequente (37,13%) na análise da amostra recolhida, demonstrando a confiança atribuída a outros *media*, que anteriormente já dispuseram de informações confiáveis.

Ainda se desenvolve, como já anteriormente mencionado, que no uso de outros *media* enquanto fonte, nomeadamente fontes estrangeiras para a construção de notícias acerca do contexto internacional, pode-se verificar a existência de algumas peças que são efetivamente traduções de *medias* internacionais, estando identificadas pelo Público como um exclusivo. Na presente análise não foi realizada esta diferenciação, entendendo-se uma limitação da pesquisa efetuada, que é reconhecida.

Voltando ao critério da credibilidade, caracteriza-se ainda o uso de fontes institucionais (6,23%), cuja escolha também se apoia na necessidade de corresponder aos valores de produtividade já mencionados, já que estas podem fornecer informações suficientes para se construir uma notícia sem ser necessário empregar muitas mais fontes, pela sua reputação enquanto fontes confiáveis, sendo muitas vezes organizações e entidades oficiais. Neste caso, o que se encontra em causa é o contacto com o menor número de fontes possível, até porque “se a informação puder ser explicitamente atribuída a uma única fonte, o problema da credibilidade passa do jornalista para a fonte explicitamente citada na notícia” (Wolf, 2006:225).

Identifica-se ainda as agências noticiosas enquanto fonte (4,31%) particularmente entendendo que estas se diferenciam ao apresentarem-se enquanto “empresas especializadas, inerentes ao sistema da informação, e executam um trabalho que é já de confeção, enquanto as fontes estáveis, qualquer que seja a sua natureza e o nível em que se situam, pertencem sobretudo à instituição de que são a expressão e, na maior parte dos casos, não se dedicam exclusivamente à produção de informação (...)” (2006:222).

Já numa consideração de dinâmicas mais específicas à temática tratada, considerou-se uma categoria das redes sociais *online* enquanto fontes, já que a narrativa pública criada através da *hashtag* do #metoo desenvolveu-se no espaço *online*. O seu uso enquanto fonte revelou-se algo frequente (8,58%), possivelmente devido à relativa facilidade com que é possível obter dada informação, inclusive “diretamente” do indivíduo/entidade em questão, sem necessariamente o/a entrevistar. Ainda se categorizou as fontes que identificam os representantes de movimentos sociais, associações e ONG (4,74%), mas uma vez referindo as características particulares do fenómeno em estudo, que se relaciona diretamente com a dimensão do ativismo, determinando-se importante uma possível lógica de noticiabilidade da voz desses representantes enquanto fontes da informação.

Num sentido semelhante, considerou-se as categorias que verificaram frequências menores, referentes a representantes de empresas (0,94%) e de sindicatos (0,17%). Por fim, categorizou-se as

“outras” fontes (3,03%), agregando fontes que se teve dificuldade a identificar e que não se inseriam nas categorias anteriores.

Através desta variável, consolida-se a existência de um conjunto de razões relacionadas à cultura de trabalho enquanto jornalista e as exigências inerentes, que influenciam o processo de seleção e escolha das fontes. Este mecanismo, além de selecionar e favorecer a escolha de determinada fonte, caracteriza um “mecanismo pelo qual as fontes «não confirmadas» são tendencialmente sub-representadas ou mesmo totalmente descuradas de uma forma sistemática.” (Wolf, 2006:229). Este processo provoca uma “distorção” da informação de forma estrutural, não determinada e simplista, mas que se refere a um conjunto de critérios e prioridades, como os descritos.

As variáveis do autor, género jornalístico e fontes, fornecem uma caracterização geral, de certa forma introduzindo a análise que se segue, mais focada no conteúdo das notícias em si, de uma forma mais aprofundada.

4.5.2. Caracterização dos textos das peças - enfoque geográfico, temas, protagonistas das notícias e a dimensão do jornalismo *online* (comentários e partilhas *online*)

Ao iniciar uma análise mais detalhada ao conteúdo das peças recolhidas, estabelece-se primeiro, que devido à seleção deliberada realizada através de palavras-chave, de um modo geral, a maioria das notícias está relacionada com estas, logicamente. Visto que o objetivo era realmente captar as notícias que se referissem ao objeto de estudo do movimento do #metoo, esta constatação é positiva para a análise realizada.

Para introduzir esta caracterização mais aprofundada, inicia-se com a análise realizada ao enfoque geográfico (anexo 11), que permite perceber o contexto que os autores das peças do Público se referem no relato das notícias. Conclui-se que a maioria das mesmas se referem a um enfoque internacional sem qualquer referência a Portugal (64,9%), seguindo-se as que se referem a um enfoque nacional (18,1%) e, por fim, as notícias cujo enfoque é internacional, com referência a Portugal (8,8%). Considerou-se também um enfoque geográfico indeterminado (8,2%). Esta categorização vem a facilitar a análise a notícias que se dirijam diretamente ao contexto português ou o mencionem, sendo pertinente para os objetivos da dissertação.

Por esta razão, para melhor entender as notícias de relevo no contexto português, cruzou-se as categorias do enfoque geográfico com a caracterização das grandes histórias já identificadas anteriormente (anexo 12) (Figura 4.5).

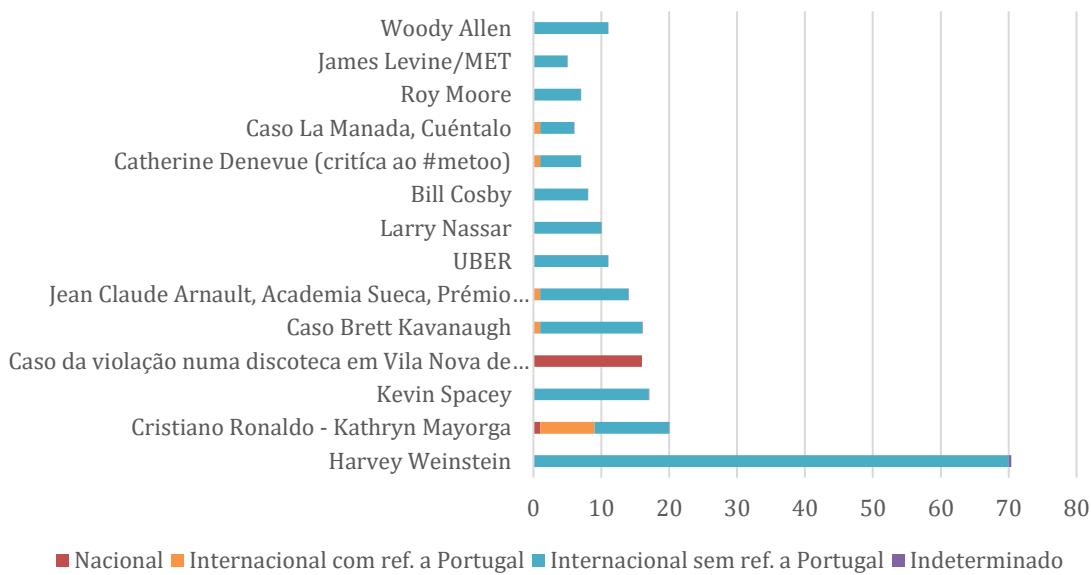


Figura 4.4 - Cruzamento entre o enfoque geográfico e as big stories (N)

Como se pode observar, no conjunto das 219 peças identificadas como grandes histórias, verifica-se que especificamente para o enfoque geográfico nacional destaca-se a história em torno do caso da violação numa discoteca em Vila Nova de Gaia e para quase a totalidade do conjunto de *big stories* identificadas com o contexto nacional.

Isto porque, caracteriza-se com um enfoque nacional também uma notícia acerca da acusação de Cristiano Ronaldo. As restantes notícias respeitantes a esta *big story* são, em parte, caracterizadas com um enfoque geográfico internacional com referência a Portugal, já que existe esta relação ao contexto nacional, sendo a única figura pública portuguesa que se viu envolvida neste enquadramento do *#metoo*, apesar de os acontecimentos em si, não se desenrolarem em Portugal. As restantes notícias têm um enfoque internacional sem referência a Portugal.

Caracterizam-se ainda, no conjunto de notícias com um enfoque geográfico internacional com referência a Portugal, outras grandes histórias surgem com menor frequência: o caso de Brett Kavanaugh, o de Jean Claude Arnault, a crítica ao movimento assinada por Catherine Deneuve e o caso referente ao contexto espanhol, da violação em *San Fermín*. Nestes, a referência a Portugal figura em comentários ou peças de opinião que relacionam estes casos ao contexto português. As restantes grandes histórias referem-se a um enfoque geográfico internacional sem qualquer referência a Portugal.

De seguida apresenta-se ainda uma análise mais específica aos textos das peças recolhidas na amostra, introduzindo-se primeiro as variáveis referentes aos protagonistas principais e secundários, assim como as suas esferas de atuação. Entende-se que a sua observação pode oferecer à análise realizada uma melhor caracterização dos acontecimentos retratados nos artigos, sendo possível refletir acerca destes, através das personalidades que os protagonizaram e que se escolheu destacar no

enquadramento jornalístico destes, caracterizando-se “o sujeito da ação na narrativa em análise numa peça noticiosa” (Cardoso, Santos e Telo, 2016:210).

Relativamente aos protagonistas principais (individuais e coletivos) e secundários, é interessante focar os que mais se destacaram (anexo 13), por razões de facilitar a compreensão dos resultados, estabelecendo-se também razões de interesse para a análise que se pretende realizar. Para a seleção de categorias mais frequentes estabelece-se o critério de selecionar as categorias que verificam percentagens iguais ou superiores a 0,5% de representação na amostra total de 878 notícias, mantendo-se assim alguma consistência ao longo da análise, sendo este critério aplicado para as análises acerca dos protagonistas (inclusive as esferas de atuação) que se apresentam de seguida.

Ao considerar os protagonistas principais individuais, foram caracterizadas 575 peças jornalísticas, havendo 303 peças cujo protagonista principal não se conseguiu determinar. No conjunto destas notícias onde o protagonista principal foi identificado, observa-se como sobressaem personalidades que também caracterizam as *big stories*, como é o caso de Harvey Weinstein (5,2%) cujo caso está relacionado ainda às atrizes Rose McGowan (0,9%) e Uma Thurman (0,7%) que igualmente surgem enquanto protagonistas principais algo frequentemente. Outros protagonistas das grandes histórias são também identificados, como Kevin Spacey (2,4%), Brett Kavanaugh (2,1%) e Cristiano Ronaldo (2,1%), cujo caso está relacionado a Kathryn Mayorga (0,7%), que também surge como protagonista principal em algumas notícias. Ainda se destacam protagonistas principais como Bill Cosby (1,2%), Larry Nassar (1%), Roy Moore (0,9%), James Levine (0,9%), Woody Allen. (0,7%) e Catherine Deneuve (0,7%).

Ainda, não estando diretamente relacionados com nenhuma das grandes histórias, surgem protagonistas principais frequentes como Donald Trump (1,4%), Angelina Jolie (0,7%), Anthony Bourdain (0,7%). Ainda se verifica a identificação de partidos políticos enquanto protagonistas das notícias (1,9%), relacionando-se também com a relativa frequência com que Theresa May (0,9%) surge enquanto protagonista principal, já que caracteriza-se as notícias relativas às demissões no governo britânico, sendo que a mesma categoria caracteriza ainda alguns partidos portugueses, referindo especificamente notícias acerca das suas propostas de mudança legislativas no combate contra o assédio no local de trabalho.

Numa lógica semelhante caracterizou-se também quando o protagonista da notícia é coletivo, normalmente quando este é uma organização, associação ou empresa, tendo se procedido mais uma vez à uma observação das categorias mais frequentes (anexo 13). No total, foram identificadas 138 peças jornalísticas com protagonistas coletivos voltando a verificar-se uma relação com as *big stories*.

Na sua distribuição identifica-se como sobressai enquanto protagonista a empresa da UBER (8%) e a Academia Sueca (5,1%), sendo que a última se relaciona com a acusação contra Jean Claude Arnault,

como já explicado anteriormente. Enquanto protagonista é ainda identificada a estação televisiva da Fox News (2,9%), que se viu envolvida na “onda” de denúncias após acusações de assédio contra o comentador político Bill O'Reilly, assim como alegações de assédio e posterior demissão do presidente da estação, o falecido Roger Ailes. A plataforma de streaming Netflix (2,9%) é protagonista em algumas notícias, maioritariamente devido à sua ligação a séries como *House of Cards*, que tinha como protagonista Kevin Spacey. Caracterizam-se ainda como protagonistas o Facebook (2,9%), a ONU (5,8%), UNICEF (3,6%), Amnistia Internacional (2,9%) e a APAV (2,9%).

Complementa-se a identificação dos protagonistas principais, com a análise dos protagonistas secundários (anexo 13), destacando-se, mais uma vez, as personalidades que surgiram com mais frequência. Identificou-se protagonistas secundários em 160 peças jornalísticas, sendo que, deste conjunto, ressalta-se Harvey Weinstein (21,3%), Donald Trump (5,6%), Kathryn Mayorga (5%), Woody Allen (5%), Cristiano Ronaldo (4,4%) e Larry Nassar (2,5%), estes que mais uma vez, protagonizam também algumas das *big stories*.

Por fim, uma análise breve é realizada à caracterização da esfera de atuação dos protagonistas principais e secundários (anexo 14), sendo interessante observar como as categorias que sobressaem pertencem maioritariamente à esfera do entretenimento e das artes destacando-se a categoria de ator/atriz e de produtor/a cinematográfico, tanto para os protagonistas principais como para os secundários.

Este desenvolvimento acerca dos protagonistas das notícias introduz a análise aos temas principais das notícias, num conjunto de variáveis essencial para entender a cobertura jornalística em torno do fenómeno do movimento do #metoo, resultando na caracterização de 6 temas principais (anexo 15) (Figura 4.6). Foi ainda considerada ainda uma variável referente ao “subtema” que auxiliou na posterior análise, através da categorização de aspetos “secundários” que por vezes considerou-se interessante notar, não sendo a sua análise, no entanto, focada em detalhe.

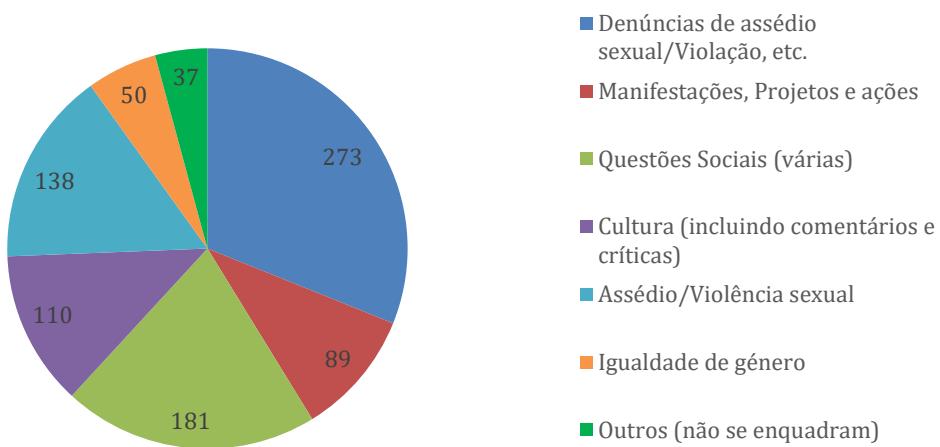


Figura 4.5 - Caracterização dos temas principais das peças jornalísticas (N)

Como se pode verificar pela figura acima, o tema principal mais frequente é o que se refere às denúncias de assédio e violência sexual, identificando-se 273 (31,1%) peças jornalísticas categorizadas com este tema, seguindo-se o tema principal referente às questões sociais, que caracteriza 181 (20,6%), peças. Surge depois o tema do assédio e violência sexual enquanto tópico, que verifica 138 (15,7%) peças identificadas. Ainda se verifica o tema principal que engloba notícias que caracterizam aspectos culturais (entre comentários e críticas a estes), verificando-se um total de 110 (12,5%) peças jornalísticas recolhidas. Com menores frequências, verificam-se os temas principais do conjunto de notícias referentes a manifestações, projetos e ações, com 89 (10,1%) peças jornalísticas identificadas com este tema e por fim, o tema principal referente à igualdade e género, onde foram caracterizadas 50 (5,7%) peças jornalísticas. Uma categoria referente a “outros” para notícias que não se conseguiu enquadrar em nenhum dos temas principais, caracteriza 37 notícias (4,2%).

Desta distribuição nota-se como o tema principal referente às denúncias de assédio e violência sexual e o tema principal que se refere ao assédio sexual (não figurando as denúncias), perfazem quase metade da amostra, podendo-se perceber a importância dada a este problema na seleção da amostra presente. Igualmente, aponta-se como a categorização realizada aos temas principais, vai de encontro aos interesses da análise, nomeadamente na especificação dos temas principais referentes ao assédio e violência sexual e à igualdade de género, ambos que eram numa análise inicial, categorias inseridas no tema principal das questões sociais. Como já mencionado, o processo de construção do *codebook* e a codificação das variáveis foi gradual, tendo-se verificado que a escolha de separar ambas em temas principais individuais, seria do interesse para a análise realizada.

Prosseguindo com a caracterização da distribuição de cada tema principal categorizado, inicia-se a análise com o tema principal mais frequente, do conjunto de notícias referentes às denúncias de assédio e violência sexual, que rodearam a narrativa pública construída sobre do #metoo. Foram caracterizadas 111 categorias que identificam os acusados ou num número menor de casos, que identificam a vítima. No conjunto das 273 peças que noticiam acerca de denúncias de assédio e violência sexual, seleciona-se a análise às que surgem com maior frequência (anexo 16), podendo argumentar-se aspectos de noticiabilidade. O critério aplicado para a seleção das categorias mais frequentes é o mesmo critério já previamente aplicado para a análise aos protagonistas das notícias, sendo este também utilizado na análise realizada a outros temas principais.

Na observação deste tema principal e especificamente, as suas categorias mais frequentes, identifica-se, mais uma vez, uma compatibilidade com as grandes histórias identificadas, destacando-se as denúncias de Harvey Weinstein (17,9%), Cristiano Ronaldo (5,9%), Woody Allen (4%), Kevin Spacey (3,7%), Larry Nassar (3,7%), Jean Claude Arnault (3,3%), Brett Kavanaugh (2,9%) Bill Cosby (2,6%), a empresa da UBER (2,2%), Roy Moore (1,5%) e James Levine (1,8%). Caracterizam-se ainda denúncias relacionadas com membros do governo britânico (1,5%), a denúncia do grupo “La Manada”

(1,5%) que motivou o movimento o #Cuentálo e ainda o caso da atriz Asia Argento (1,5%), relacionada a um momento inicial do #metoo ao ser uma das primeiras atrizes a acusar Harvey Weinstein, mas que veio mais tarde, a ser também acusada.

Relativamente a este tema principal, caracteriza-se ainda um pequeno conjunto de oito notícias que se referem a denúncias enquadradas no contexto português (anexo 17), podendo apontar os casos já mencionados de Cristiano Ronaldo e a denúncia relativa à violação em Vila Nova de Gaia, assim como três casos de violação não identificados que ocorreram em Portugal. Verifica-se que, de um modo geral, as notícias sobre denúncias não foram frequentes no contexto nacional.

Outro tema principal que surge algo frequentemente é o que se refere a variadas questões sociais, entendendo a categorização de uma variedade de fenómenos, notando-se os mais frequentes (anexo 18) no conjunto de 181 peças caracterizadas. Sobressaem notícias acerca de variados contextos sociais e políticos, nomeadamente o enquadramento norte-americano (16,5%) e com menor frequência, o contexto britânico (2,7%), em notícias que principalmente referiam-se a um seguimento de demissões no governo. Caracteriza-se ainda o contexto social da Índia, que se destaca com notícias após uma série de crimes de abuso sexual (2,2%).

Destacam-se ainda fenómenos como a violência doméstica (8,8%), a violência no namoro (4,9%) e o abuso contra menores (8,2%), aqui separando de um outro tópico que se refere a notícias sobre crianças e jovens, de um modo mais geral (2,7%). Foram frequentes ainda questões relacionadas com as condições de trabalho e emprego (6,6%), de uma forma geral, já que o assédio no local de trabalho foi captado especificamente no tema das questões sociais referentes ao assédio sexual que depois também se descreve. Caracterizam-se ainda frequentemente, as questões sobre migração e refugiados (3,3%), assim como questões sobre a comunidade LGBTI+ (3,8%). Tópicos mais gerais, como o uso das redes sociais (3,3%) e os direitos humanos (3,3%) também foram identificados.

De seguida especifica-se a análise aos temas principais do assédio e violência sexual e o tema principal da igualdade de género, que como já mencionado, optou-se por identificar separadamente do tema principal das questões sociais, verificando ambos os tópicos como tendo interesse para a análise. Caracteriza-se em primeiro lugar, o tema que se refere ao conjunto de notícias que se referem ao assédio e violência sexual (que não descrevem denúncias), identificando-se 138 peças jornalísticas.

No conjunto das notícias caracterizadas neste tema (anexo 19), observa-se como para além de notícias onde o assédio e violência sexual surge enquanto tópico geral (44,9%), verificam-se também outras dimensões neste tema, como notícias acerca da atual legislação (14,5%), mais especificamente na necessidade da sua mudança, assim como notícias que se referem especificamente a situações de assédio em contexto de trabalho (13,0%). Categorizam-se ainda notícias sobre o desenvolvimento de casos criminais de violência e assédio sexual (6,5%), distinguindo-se do tema das denúncias, por não se

enquadram no ato de “denunciar”. Capta-se ainda um conjunto de notícias referentes a reflexões mais gerais acerca da “onda” de denúncias de assédio sexual que abalou o mundo da indústria cinematográfica (10,9%), havendo uma notícia semelhante sobre a indústria da moda (0,7%). Ainda são referidos os casos específicos de Harvey Weinstein (4,3%) – não figurando as denúncias – e ainda a carta pública assinada por Catherine Deneuve e outras atrizes (4,3%), enquanto crítica do movimento do #metoo. Ressalta-se ainda a existência de uma notícia acerca do assédio sexual sofrido no masculino (0,7%).

O outro tema principal caracterizado é o que se refere à igualdade de género, englobando um total de apenas 50 notícias. Este tema não abrange tantas peças jornalísticas, como os outros temas principais, não obstante, considerou-se pertinente a sua análise separadamente, por considerar-se uma relação com o movimento do #metoo. Na sua categorização (anexo 20), verificou-se uma maioria de 35 notícias acerca de reflexões sobre a igualdade de género e o(s) movimento(s) feminista(s). Caracterizam-se ainda 11 notícias sobre a desigualdade nas oportunidades de trabalho e 4 notícias sobre a igualdade salarial, notando como a esfera do emprego e trabalho destaca-se neste conjunto de notícias.

Numa análise ao contexto português, relativamente aos temas principais das questões sociais, assédio e violência sexual e igualdade de género (anexo 21), descreve-se como, de um modo geral, para o enquadramento português, sobressaem notícias que se referem à violência doméstica, sendo este o tema que de facto ressalta neste cruzamento. Com menores frequências, surgem os problemas da violência no namoro e do abuso de menores. Na especificação do tema principal referente ao assédio e violência sexual, ainda se caracteriza a importância que é dada a notícias acerca do contexto de trabalho que dão conta de casos de assédio sexual e moral em contexto do local de trabalho e notícias sobre a legislação portuguesa, mais precisamente e necessidade da sua especificação e aplicação eficaz.

Voltando à análise dos temas principais, identifica-se o tema principal que se refere ao conjunto de notícias caracterizadas como “comentários” ou críticas a objetos da esfera cultural, que captam um total de 110 peças jornalísticas. Com a caracterização deste tema principal, verifica-se também o objetivo do seu desenvolvimento, através da identificação da ligação que é realizada ao momento do #metoo, já que, devido à seleção do conjunto de notícias através de palavras-chave, muitas das peças chegam a mencionar esta relação.

Na observação da distribuição da variável em si, considerando apenas as 110 notícias caracterizadas com este tema principal (anexo 22), sobressaem os comentários relativos a filmes (36,7%), seguindo-se as séries televisivas (27,5%), literatura (10,1%), música (8,3%), teatro (5,5%), arte – caracterizando meios como a pintura clássica, ou caricatura, nas notícias captadas pela amostra - (3,7%) e a fotografia (3,7%). Caracterizou-se uma categoria para “vários” (2,8%), entendendo aspectos culturais que não se conseguiu enquadrar nas categorias anteriores e ainda a consideração de espetáculos de comédia (1,8%).

Pretendendo-se ainda entender em que sentido estes comentários seriam direcionados para além da critica em si, sobressaem alguns assuntos frequentes (anexo 23), voltando a considerar-se o critério aplicado anteriormente. Do conjunto das peças identificadas com este tema principal, caracteriza-se como seria de esperar pela construção da amostra, comentários que de alguma forma relacionam o conteúdo do objeto cultural com o “atual momento” referindo-se especificamente a ligação a um contexto após o #metoo, ou até ao movimento #Time’sUp, de modo bastante frequente (41,3%). Seguem-se as menções a casos específicos, como o de Kevin Spacey (7,3%) e Harvey Weinstein (4,6%) nomeadamente em notícias que se referem às obras e projetos que estariam envolvidos na altura.

Ainda, nesta caracterização, observa-se que é algo frequente a ligação com a questão da igualdade de género, nomeadamente em funções de desconstrução de estereótipos (5,5%) atribuídas a mensagens em filmes, músicas ou em peças arte, num sentido simbólico. O valor simbólico para o momento vivido na altura, de certas obras, é ainda especificamente mencionando, como é o caso das obras de Margaret Atwood, mais especificamente a adaptação para a série televisiva *The Handmaid’s Tale* (4,6%) que ganha destaque no contexto do movimento social. Outros tópicos surgem com menor visibilidade.

Por fim, caracteriza-se um tema principal relativo à dimensão do ativismo (anexo 24), entendendo a categorização de notícias sobre manifestações, projetos e ações, havendo 89 peças jornalísticas com este tema. Argumenta-se que devido à escolha das palavras-chave para seleção da amostra, estas, estarão também relacionadas com o contexto do #metoo, permitindo assim observar a dimensão ativista que se refere especificamente a este enquadramento, na sua tradução em ações tanto no espaço *online* como *offline*.

Na sua distribuição, pode-se ressaltar as categorias mais frequentes, tendo-se optado pelo critério das mencionadas mais do que uma vez, na totalidade das peças recolhidas, devido a dificuldades de análise de outro modo (anexo 24). No conjunto das notícias identificadas com este tema principal destaca-se o próprio movimento do #metoo (25,8%) onde este é descrito enquanto tópico, o que acontece igualmente com o movimento do *Time’s Up* (9%), este que surge como resultado de todo o enquadramento vivido na altura, na contestação que o assédio moral e sexual, assim como a desigualdade necessita de ser ultrapassada no contexto do local de trabalho. Destes movimentos sociais, podem-se relacionar também ações simbólicas como vestir preto (7,9%) ou usar uma rosa branca (3,4%), em cerimónias de entregas de prémios à indústria cinematográfica de *Hollywood*.

Num contexto anterior, que enquadra o clima político e social em que o #metoo ganha atenção, destaca-se a Marcha pelas Mulheres (4,5%), um movimento internacional de protestos após a tomada de posse de Donald Trump da presidência dos EUA, em 2017, que igualmente visava a promoção de direitos das mulheres e das comunidades LGBTI+, contra desigualdades raciais e por reformas na

imigração. Do conjunto de movimentos mais frequentemente mencionados pelas notícias captadas pela amostra, apenas este relaciona-se com o contexto português, tendo esta marcha se realizado também em Portugal.

Destacaram-se ainda outros movimentos de *hashtag activism*, como o movimento *#MyJobShouldNotIncludeAbuse* (3,4%), caracterizado pelo abuso em contexto de trabalho, para além da indústria cinematográfica. Caracterizam-se ainda projetos como o *WikiGap* (2,2%), que chama a atenção para a necessidade de uma representação mais justa das mulheres, assim como o movimento *Cuéntalo* (2,2%), descrito como um “#metoo no contexto espanhol” que surge após a decisão judicial sobre o abuso sexual ocorrido nas festas de *San Férmín*, resultando numa onda de protestos por toda a Espanha. É interessante entender como o movimento do *Cuéntalo*, que na verdade apenas verificou 2 notícias, não sobressai de uma forma que seria esperada, entendendo a proximidade geográfica de Espanha. Conclui-se que na cobertura mediática do Público, escolhe-se focar em ações internacionais, “menos” próximas do contexto português.

No entanto, não significa que não se caracterize este tema no contexto nacional, aliás, ao realizar um cruzamento deste tema principal com o enfoque geográfico das notícias (anexo 25), pode-se verificar também que ações se verificaram relacionadas ao contexto português.

Surge de um modo geral, a menção dos movimentos do #metoo e do *Time's Up*, caracterizando-se ainda notícias acerca de demonstrações, como a greve Internacional do 8 de Março, a “Marcha das Galdérias”, a “Marcha contra o fim da violência”, a “Marcha das Mulheres”, “Marcha no dia internacional contra a Violência Doméstica” e as manifestações contra as decisões no processo criminal da violação que decorreu numa discoteca em Vila Nova de Gaia. Caracterizam-se ainda as campanhas como "Mexeu com uma, mexeu com todas!", a campanha “O assédio não é solução. É violência”, ainda campanhas relativas ao divertimento noturno como os projetos “Livre de Sexismo – Por um lazer noturno igualitário” e “Sexism Free Night”. Identificam-se também os movimentos *HeforShe* e o projeto *WikiGap*. Nesta delimitação surgem ainda alguns movimentos de *hashtag activism* como *#MyJobShouldNotIncludeAbuse*, *#NemMais1MinutodeSilêncio* e *#MichelinToo*.

Para melhor caracterizar esta dimensão do ativismo é possível ainda construir uma linha temporal, (anexo 26) (Figura 4.7) percebendo-se a evolução das ações, começando pelo início de 2017, onde são captadas menos notícias, comparativamente ao final do ano, sendo também compatível com as observações já realizadas com a descrição geral da amostra.

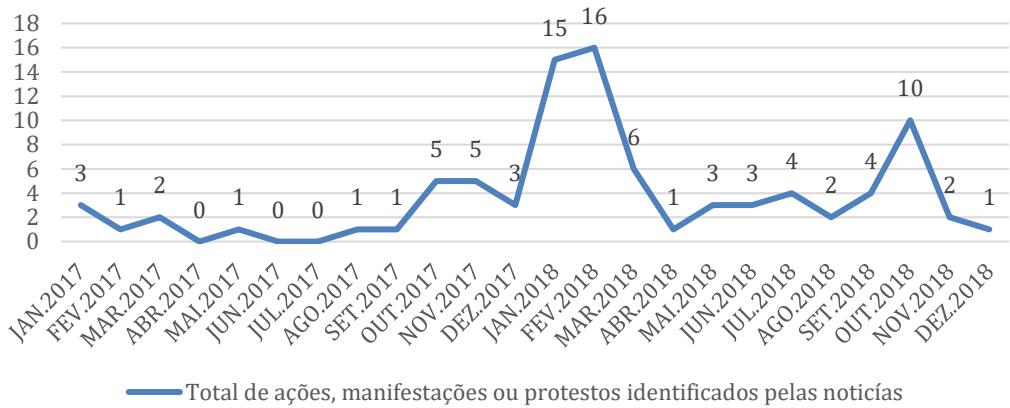


Figura 4.7 - Linha temporal do desenvolvimento de ações, manifestações e protestos identificados pelas notícias

No início do ano, sobressai a Marcha das Mulheres, já previamente descrita, onde Portugal também participou, assim como outros eventos e campanhas com menor frequência, mas que enquadram este contexto inicial. No mês de Outubro verifica-se a primeira menção do movimento do #metoo, fazendo sentido com o “impulso” do movimento por volta dessa altura, sobressaindo ainda ações como *MyJobShouldNotIncludeAbuse*, *#HowWillIChange* e campanhas como “Nem Mais 1 Minuto de Silêncio”, entre outras. Em Janeiro e Março de 2018, verifica-se um aumento na cobertura mediática destas ações de cariz ativista, ao verificar-se ações simbólicas como o vestir preto ou usar uma rosa branca para as cerimónias de entrega de prémios, caracterizando-se também o surgimento do movimento do *Time's Up*. Em maio é pertinente verificar a cobertura mediática ao movimento do *Cuéntalo*, que surge também enquanto uma das grandes histórias identificadas.

Mais tarde, durante os últimos meses de 2018 destacam-se igualmente ações relacionadas a grandes histórias como manifestações contra o acórdão polémico que resulta do caso da violação em Vila Nova de Gaia, assim como o movimento *#WhyIDidntReport* e as manifestações contra a nomeação de Brett Kavanaugh. Caracteriza-se ainda o movimento espanhol *#YoTeCreo* que na notícia do Público surge relacionada com o caso de Cristiano Ronaldo, mais especificamente em apoio a Kathryn Mayorga, estando no seu contexto original relacionada com o desfecho judicial do processo criminal ao grupo “La Manada”, que também figura nas grandes histórias.

Por fim, tendo caracterizado os temas das notícias em si, atenta-se brevemente numa dimensão inerente à temática em estudo, referente à esfera *online*, pertinente também porque optou-se pela metodologia que considera a recolha de notícias da versão *online* do Público, que permite aos consumidores de notícias expressarem as suas opiniões sobre dado assunto, discutir entre si e partilhar essa mesma informação para a variedade de redes sociais *online* atualmente existentes.

Especificamente para o contexto português é possível descrever os dados de 2012 do Inquérito Sociedade em Rede, em Portugal, onde 30% dos utilizadores afirmavam procurar por notícias *online* no

seu dia-a-dia e 5% chegavam a colocar uma notícia no seu perfil de redes sociais *online* semanalmente (Cardoso, Santos e Telo, 2016:2), podendo esta descrição ser vista com algum interesse a análise a esta dimensão participativa *online*.

Neste enquadramento, é possível argumentar que os diferentes jornais funcionam como espaços onde a vida política e social ganha visibilidade e onde a discussão sobre os mais variados acontecimentos torna-se possível, nomeadamente em plataformas *online*, através dos comentários e partilhas dos artigos. Especificamente no jornal Público, a seção de comentários está reservada para os utilizadores registados e os comentários são aprovados antes de ficarem disponíveis publicamente.

Para a análise desta dimensão, observou-se o número de comentários e partilhas em cada peça jornalística recolhida, realizando posteriormente um cruzamento com o enfoque geográfico (anexo 27), notando-se como notícias que referem o contexto português (quer o enfoque nacional e o enfoque internacional com referência a Portugal) tendem a verificar um maior engajamento, uma vez que a média de comentários e partilhas tende a ser superior nas duas categorias: a média de comentários destaca-se em peças jornalísticas cujo enfoque geográfico é internacional com referência a Portugal, e a média de partilhas é superior nas peças com um enfoque nacional.

Considerou-se igualmente interessante observar o desenvolvimento deste engajamento do conjunto de leitores do público, relativamente às grandes histórias que foram identificadas no período em análise (anexo 28) para melhor entender as observações realizadas. Quanto ao número de comentários (Figura 4.8), destaca-se a acusação a Cristiano Ronaldo, seguindo-se o conjunto de notícias sobre a carta por Catherine Deneuve, enquanto crítica ao movimento #metoo e o caso da violação na discoteca em Vila Nova de Gaia.

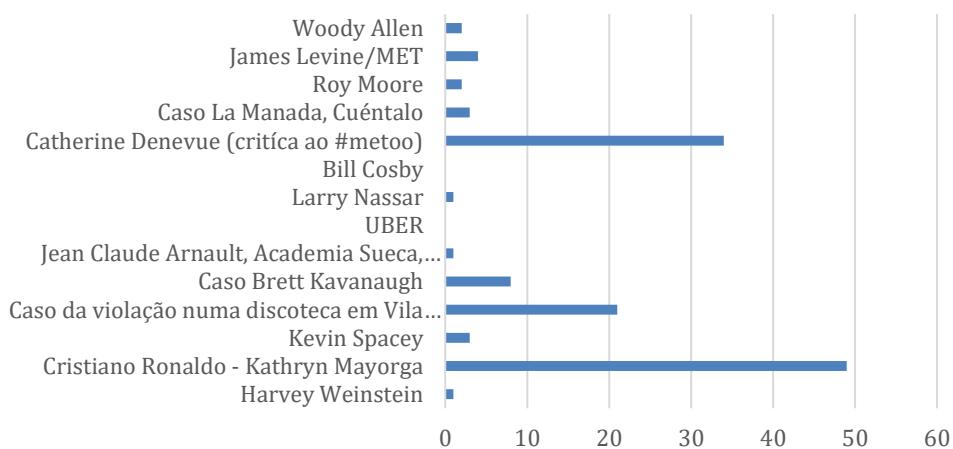


Figura 4.8- Média dos comentários online verificados para as grandes histórias identificadas (N)

Já no aspeto de partilha para as redes sociais *online* (Figura 4.9), verifica-se a partilha mais frequente das notícias acerca das mesmas histórias evidenciadas nos comentários, desta vez destacando-se mais o caso da violação em Vila Nova de Gaia, seguindo-se a carta que critica o movimento do

#metoo e a acusação a Cristiano Ronaldo. Mantendo-se a observação de um maior interesse pelas mesmas categorias, reforça-se a ideia de um maior engajamento dos leitores para as notícias relacionadas ao contexto português.

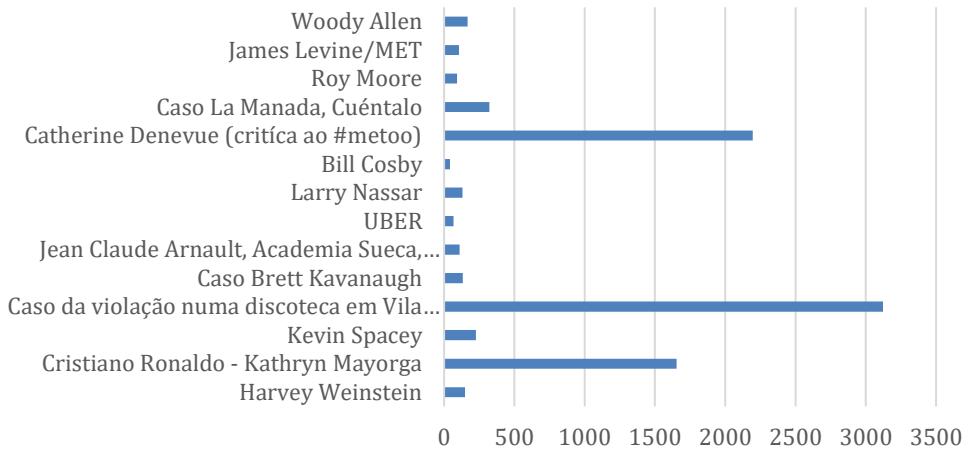


Figura 4.9 - Média das partilhas online verificadas para as grandes histórias identificadas (N)

5. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Tendo realizado uma análise às diferentes variáveis consideradas, desenvolve-se de seguida a sua discussão, ao caracterizar alguns aspetos em particular que se considerou importante ressaltar para a observação dos objetivos da presente dissertação, assim como a interligação aos aspetos teóricos apresentados. Com a realização da observação das variáveis estabelecidas, defende-se que foi possível entender o desenvolvimento da cobertura mediática pelo Público face a este movimento social do #metoo.

Na presente análise, privilegia-se o papel dos meios de comunicação no desenvolvimento do fenômeno do movimento do #metoo, caracterizando o seu potencial comunicativo. Especificamente, a dissertação foca-se no papel do jornalismo de referência, na cobertura mediática dos diferentes acontecimentos relacionados ao movimento, argumentando por capacidades de construção da realidade e processos de desconstrução de ideias pré-existentes relativas a um sistema de relações de poder e assimetria. Argumenta-se assim por capacidades dos *media* de atribuírem um quadro interpretativo para determinado acontecimento, como foi apresentado no desenvolvimento teórico da dissertação, através de processos jornalísticos (critérios de noticiabilidade, *priming, framing*), podendo escolher realçar ou omitir determinados aspetos, protagonistas e narrativas.

Para esclarecer estas afirmações, em primeiro lugar, apresenta-se uma reflexão acerca das grandes histórias identificadas. Das 14 *big stories* caracterizadas apenas uma se refere exclusivamente ao contexto nacional, sendo as restantes maioritariamente acerca de notícias de um contexto internacional. É uma conclusão que se retira não apenas na análise a esta variável, mas que vai sendo reforçada pela observação das restantes variáveis, (especificamente pela variável do enfoque geográfico, com uma maioria do contexto internacional, sem referência a Portugal) que a cobertura mediática do Público, para este fenômeno, é mais focada em acontecimentos de um contexto internacional.

No conjunto das grandes histórias, a única que se refere a um contexto nacional abrange o conjunto de notícias sobre o caso da violação que decorreu numa discoteca em Vila Nova de Gaia, sendo interessante brevemente caracterizar as notícias que foram captadas e perceber alguns aspetos interessantes no modo como esta narrativa foi apresentada pelo jornal. Numa primeira notícia, captada pela amostra, verifica-se a data de 20 de setembro de 2018 onde é descrita a decisão do Tribunal da Relação do Porto e a caracterização do acórdão do tribunal. Esta verifica uma fonte principal, num artigo do Diário de Notícias, desse mesmo dia, cerca de duas horas antes.

No artigo do DN é focada também a decisão do tribunal, ainda mencionando, tal como o Público faz, que o acórdão pode ser consultado *online*. Em ambas as notícias descreve-se o acórdão, onde constam passagens que descrevem uma culpa "medianas" e onde a "ilicitude do que foi feito "não é

elevada”, uma vez que “não há danos físicos [ou são diminutos] nem violência”. Este artigo é ainda complementado com comentários de Inês Ferreira Leite e Isabel Ventura que fazem referência ao caso “La Manada” e o contexto espanhol que verificou fortes contestações na aplicação da justiça para este caso, assim como relaciona-se também a acontecimentos anteriores, especificamente, a uma “subtil” culpabilização da vítima existente em acórdãos do juiz Neto de Moura, que evocava razões de “adultério” para justificação de violência doméstica, caso já enquadrado no início da dissertação.

O Público não faz qualquer ligação a outros casos e acontecimentos, optando por manter uma notícia mais simples, inclusive, não chegando também a providenciar alguns detalhes como, por exemplo, a especificação do nome da discoteca ou outros detalhes, que igualmente, não são mencionados no artigo pelo Diário de Notícias, mas que são informações facilmente conhecidas em artigos de outros jornais.

No que se refere à continuidade desta narrativa, verifica-se ainda que de um modo geral, o Público escolhe focar apenas no acórdão e desenvolvimentos posteriores, como reações às decisões no tribunal e a organização de protestos. O Público não noticia o crime em si, a que o acórdão do tribunal de refere, que decorreu a 2 de novembro de 2016, o que não deixa de ser interessante apontar, entendendo que esta acaba até por se tornar uma narrativa que se identifica como *big story*, com a noticiabilidade do acórdão. Pode-se desenvolver a possibilidade que no contexto de um desenrolar do movimento do #metoo, onde se questiona a estrutura prevalecente e após uma sucessão de outros acontecimentos, como os referidos pelo Diário de Notícias, a história acabe por se destacar.

Como já mencionado, exceto este caso, as restantes notícias identificadas enquanto grandes histórias referem-se a um contexto internacional, sendo estas, na maioria dos casos, notícias acerca de variadas denúncias de assédio e violência sexual. Esta “onda” de denúncias é frequentemente apontada como caracterizante deste movimento social, noção que é apoiada pela cobertura mediática feita pelo Público, reparando que o tema principal das denúncias de assédio e violação é o que mais se destaca. Nota-se, no entanto, que este tema principal das denúncias não têm grande expressão no contexto nacional, podendo discutir-se também a ideia que face ao movimento do #metoo, a resposta do contexto português não se manifestou através de uma “onda” de denúncias, pelo menos, não do modo que se verificou noutras contextos sociais e não de um modo que seja figurável nas personalidades públicas (com a exceção do caso de Cristiano Ronaldo).

Ao continuar a análise dos temas principais das notícias que se referem a um contexto nacional, é mais interessante a observação de notícias cujo tema principal se caracteriza nas questões sociais, ressaltando a proeminência de problemas sociais como a violência doméstica, a violência no namoro e o abuso de menores. Destacam-se ainda as questões relacionadas à esfera do trabalho e emprego, inclusive o problema do assédio sexual e moral no local de trabalho, como previamente mencionado.

Reforça-se esta análise, ao observar-se as traduções de cariz ativista que se verificam no contexto português, que tendem a estar relacionadas com as questões sociais que foram identificadas. Também para o tema principal das notícias relacionadas com ações ativistas, pode-se verificar, como já mencionado na análise, que de um modo geral para a cobertura mediática do Público, verifica-se um maior enfase em ações de um contexto internacional. Ações como a Marcha das Mulheres, que apesar de internacional, também se realizou em Portugal é a única categoria que se verifica algo frequente, sendo também interessante apontar o movimento do *Cuéntalo*, que apesar da proximidade ao contexto português, verifica apenas 2 notícias.

Para a discussão dos resultados, é ainda interessante atentar nas observações feitas acerca do género jornalístico das peças recolhidas na amostra. Precisamente, verifica-se a análise realizada ao conjunto de editoriais identificados, podendo-se argumentar acerca da sua importância, já que estes representam a opinião do jornal a dado acontecimento. Na delimitação de acontecimentos relacionados ao movimento do #metoo e sobre assédio sexual, identificam-se 4 editoriais, já descritos anteriormente. Nestes, torna-se clara a importância que o jornal dá à temática que se escolheu analisar nesta dissertação, seguindo uma linha editorial que se revê nos objetivos propostos pelo movimento do #metoo.

Como já descrito, as peças editoriais do Público caracterizam a necessidade de combater a violência sexual e o assédio sexual através da responsabilização e a aplicação de medidas legislativas eficazes. Estes editoriais, inclusive, argumentam igualmente, tal como realizado no enquadramento teórico realizado nesta dissertação, como o problema do assédio e violência sexual, assim como as dinâmicas do movimento do #metoo, se enquadram como parte de uma estrutura social que normaliza e legitima um conjunto de valores patriarcas e machistas, que entre outros aspectos se manifesta, por exemplo, nas decisões judiciais e na aplicação da justiça. Ainda na especificação do movimento do #metoo, num dos editoriais, ressalta-se também a dimensão simbólica que pode ser relacionada com este movimento social, aspecto que também é mencionado no desenvolvimento teórico da dissertação.

Ainda, sobre a análise feita ao género jornalístico, ressalta-se a frequência das notícias que vem a reforçar, como já mencionado, o carácter expositivo e informativo da maioria das peças jornalísticas recolhidas, reforçando novamente a noção que a cobertura mediática do Público verifica um foco no contexto internacional. Estas observações vêm ainda a relacionar-se com a análise realizada às fontes empregues pelo jornal, verificando-se como é frequente, no conjunto de notícias da amostra, se recorrer a fontes de outros *media*, a sua maioria também internacionais, de onde a informação pode ser retirada, ou por vezes, de onde é simplesmente traduzida.

Também se destaca a análise realizada a artigos de opinião, que como observado, sendo interessante verificar como estes destacam-se no caso referente a Cristiano Ronaldo e o caso da violação em Vila Nova de Gaia, acontecimentos mais próximos do contexto nacional. Esta observação pode-se

interligar com as conclusões verificadas acerca do engajamento *online*, que na análise foi brevemente realizada através dos comentários e partilhas *online*. Nestas variáveis também se destacam ambos os acontecimentos, podendo argumentar-se o interesse que ambas têm para o leitor, possivelmente por caracterizarem acontecimentos do contexto nacional.

Por fim, nesta discussão dos resultados, pode-se apontar também a análise realizada aos protagonistas principais e secundários das notícias. De um modo geral, verificou-se uma correspondência entre a categorização dos protagonistas e as grandes histórias, reforçando a sua classificação como tal.

Quanto aos protagonistas caracterizados, é interessante ainda verificar como existe um número muito menor de personalidades portuguesas como protagonistas das notícias, mais uma vez contribuindo para a argumentação que a cobertura mediática do Público, acerca deste movimento é direcionada maioritariamente a um contexto internacional. Ainda, é também interessante verificar personalidades ausentes enquanto protagonistas das notícias. Especificamente, caracteriza-se a ausência de Tarana Burke que, como já descrito, é a responsável original do movimento do #metoo, identificando-se uma argumentação, que apesar de caracterizar as suas limitações, que pode apontar para um determinado enquadramento deste acontecimento, realizado pelo Público, que tendencialmente focou-se nos desenvolvimentos relacionados às denúncias figuradas por diversas figuras públicas, por exemplo.

Ao longo desta discussão dos resultados, verificou-se como a cobertura mediática de um jornalismo de referência português, através do jornal Público, caracteriza-se por uma importância dada ao contexto internacional. Apesar de esta constatação, pretendeu-se igualmente expor como o momento cultural que é impulsionado pelo movimento do #metoo no contexto português, ao não se manifestar através do ato da denúncia, não a uma magnitude que é verificada em outros contextos sociais, caracteriza-se mais por um momento de questionamento da estrutura social e de poder prevalecente, através da cobertura mediática sobre uma variedade de fenómenos e problemas sociais como o assédio sexual e moral no local de trabalho, a violência doméstica e o questionamento da legislação atual.

Pode-se então apresentar uma possível argumentação que o desenvolvimento do movimento do #metoo em Portugal não caracterizou exatamente uma onda de denúncias, como verificado noutras contextos sociais, não significando, no entanto, que o impacto do movimento deva ser completamente deslegitimado, entendendo a continuidade de uma série de problemas sociais, como os mencionados. Relativamente ao movimento do #metoo revela-se o potencial para o contexto português, numa maior abertura e na oportunidade de questionamento de estruturas sociais prevalecentes.

6. PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Com a conclusão da análise e a discussão da mesma apresentada acima, caracterizam-se de seguida algumas considerações finais, tendo em conta os objetivos da dissertação previamente estabelecidos. Anteriormente, explicitou-se que ao realizar esta análise pretendia-se explorar a relação do jornalismo de referência para o processo de formação da opinião pública, entendendo também a complexidade inerente a este.

Foi considerada assim, a cobertura mediática do movimento do *#metoo* e de um modo mais geral, da questão do assédio, pretendendo-se relacionar com o enquadramento atual do movimento feminista português. A complexidade inerente ao estudo do movimento social do *#metoo*, relaciona nesta dissertação a dimensão do ativismo, processos de jornalismo e dinâmicas de género, por exemplo, tendo sido uma relação que se pretendeu tentar explorar com a revisão teórica realizada e a sua operacionalização em dimensões consideradas pertinentes para contextualizar a análise feita.

Inicialmente, descreve-se o movimento social do *#metoo* e a sua história, apresentando brevemente também uma contextualização do enquadramento português. Na revisão teórica, desenvolveu-se acerca da dimensão simbólica, que se pode relacionar ao movimento do *#metoo* e à produção discursiva sobre o acontecimento, através dos *media* ao identificar capacidades de desconstrução da estrutura social prevalecente. Nesta descrição inicial, estabelece-se o movimento *online* do *#metoo*, inicialmente num contexto norte-americano, referindo-se a dinâmicas de género e à persistência do problema do assédio sexual e um “impulso” do movimento no enquadramento específico da indústria de *Hollywood*, tendo depois revelado também respostas em outros contextos sociais e indústrias.

Desenvolve-se acerca de processos de construção e desconstrução de significados e mensagens através dos *media*, num mecanismo não linear que pressupõe audiências críticas e interpretativas das suas mensagens. Caracteriza-se que os *media* vêm em si possibilidades de enquadramento dos acontecimentos e grupos sociais, ao sugerirem quadros interpretativos para o acontecimento, através de aspectos de noticiabilidade e processos como *priming*, *framing* e *agenda-setting* que caracterizam mecanismos de seleção, exclusão e enquadramento de determinado acontecimento, sendo nesta possibilidade que se situa a relevância no estudo dos *media* para analisar o fenômeno proposto.

Ainda foi considerada a dimensão que entende um ativismo através de *hashtags* que caracteriza o movimento do *#metoo*, pretendendo-se apontar para as suas potencialidades na abertura de diálogo e conversação sobre o problema do assédio e violência sexual, num processo de desconstrução de ideias e expectativas, esperando-se uma mudança efetiva no contexto *offline*.

Quanto à metodologia aplicada, privilegiou-se a análise ao jornalismo de referência, com a delimitação do jornal Público, assim como especificações no período de tempo em análise e palavras-chave escolhidas, como já mencionado. Como desenvolvido ao longo desta dissertação, existem limitações de tempo e espaço para desenvolver a análise a outros meios de comunicação, assim como a um arco temporal mais alargado, para além dos anos de 2017 e 2018. Não obstante, delimita-se os dois anos de análise, assim como particulariza-se o jornal Público, para a análise do jornalismo de referência, que produziram um conjunto significativo de notícias para a análise.

A construção do *codebook*, onde se procedeu à categorização e análise de um conjunto de variáveis, demonstrou-se um processo demorado e árduo, apesar da sua construção a partir de material já existente, na plataforma do jornal, uma vez que este não estava organizado para a sua análise. Toda a produção do *codebook*, a organização e análise das notícias foi realizado por apenas uma pessoa, num processo gradual que implicou várias análises intermédias aos resultados que se obtinham na observação das variáveis, resultando em reformulações nas categorizações, modificações nas variáveis, assim como a consideração de novos aspetos que surgiam à medida que a análise era aprofundada. Igualmente, face à imensa complexidade que caracteriza o fenómeno em análise, por vezes surgiram questões de subjetividade na categorização realizada, também dificultadas por uma análise realizada apenas por uma pessoa.

No entanto, face às dificuldades e limitações da pesquisa realizada, também se ressalta a potencialidade e o caráter exploratório da análise realizada, a um tema que academicamente está apenas a ser começado a ser explorado, no contexto português, tendo também em conta como os acontecimentos são relativamente recentes. A partir desta revisão e exploração inicial ao jornal do Público, é possível a aplicação de uma análise semelhante a outros meios de comunicação ou a sua continuação para anos seguintes, podendo também realizar-se um trabalho interessante em continuar a perceber a evolução do movimento.

Com a realização da análise e a discussão dos resultados obtidos, por fim, conclui-se também acerca da hipótese inicialmente proposta: que este movimento parece não ter tido o mesmo impacto no contexto português. Igualmente, relembram-se as questões propostas no início da dissertação: *qual o papel do movimento #metoo no contexto do movimento feminista português? E como é que a imprensa de referência portuguesa noticiou o movimento?* Face a este questionamento inicial que guiou a análise realizada, caracterizou-se o objetivo de entender a resposta portuguesa ao #metoo e a percepção do problema do assédio sexual em Portugal, através da produção jornalística de referência sobre o assunto.

De um modo geral, como já foi sendo apontado ao longo da análise realizada, pode-se verificar como movimento do #metoo não teve o mesmo impacto em Portugal, quando comparamos com outros contextos geográficos onde o movimento verificou respostas. Entende-se, mais precisamente, como no

seu contexto “original” norte-americano, por exemplo, este movimento caracterizou-se por uma “onda” de denúncias de assédio e violência sexual, com consequências pesadas para as figuras públicas acusadas. Este é um facto que o conjunto de notícias recolhidas veio a confirmar, reparando também uma maioria de produção jornalística que tende a focar-se no contexto internacional.

No entanto, também em outros contextos geográficos, a resposta ao movimento se manifestou de modos diferenciados, como exposto e exemplificado brevemente na introdução. Por essa razão, a argumentação da presente dissertação defende que não se pode invalidar completamente o impacto do movimento do *#metoo* no contexto português.

Pelo contrário, estabelece-se uma posição que não pretende sobrevalorizar, mas também que não pretende invalidar completamente o movimento no contexto português. Entende-se, que face a uma conjuntura social específica, um histórico de percepções e estereótipos que não apenas legitimam, mas normalizam comportamentos de assédio, violência e discriminação de género, a resposta portuguesa ao movimento do *#metoo* e ao momento cultural que este caracteriza, manifesta-se de uma forma diferenciada que deve ser estudada tendo em conta estes aspectos. Aliás, destaca-se uma luta feminista no contexto nacional, que é marcada também por uma luta sociopolítica antifascista, momento histórico que deve ser colocado em perspetiva pelos 45 anos de democracia portuguesa, para os quais o movimento feminista tem dado um contributo importante.

Conclui-se através da análise da produção jornalística de referência portuguesa que existe uma clara diferença nas notícias sobre o contexto internacional e sobre o contexto português, podendo ser um bom ponto de partida para se retirar conclusões sobre a resposta nacional a este movimento, como foi realizado ao longo desta dissertação.

Assim, voltando à noção deste movimento social como um momento de “*global learning*” estabelece-se que em Portugal, a resposta a este não se revela exatamente em denúncias personalizáveis através de figuras públicas, mas dirigi-se a uma maior atenção dada ao fenômeno de uma forma mais geral, que se revela, no desafiar de construções sociais naturalizadas, no questionamento da normalização do assédio sexual e moral em diversos contextos, assim como numa contestação por uma aplicação de justiça eficiente e o questionamento de um conjunto de outras questões sociais relacionadas a uma desigualdade normalizada , através da sua exposição nos *media*.

Portanto, existe um interesse em reconhecer o atual momento como novo fôlego da luta feminista, apesar de esta seguramente não ser uma questão "nova", mas vendo-se as possibilidades do atual momento poderoso e complexo de consciencialização cultural e intercultural.

7. BIBLIOGRAFIA

- Ahlers, D. (2006). News Consumption and the New Electronic Media. *Press/ Politics*, 29-52.
- Aitamurto, T., & Varma, A. (2018). The Constructive Role of Journalism. *Journalism Practice*, 695-713.
- Azambuja, M., Nogueira, C., Neves, S., & de Oliveira, J. M. (2013). Gender Violence in Portugal: Discourses, Knowledge and Practices. *Indian Journal of Gender Studies*.
- Bourdieu, P. (1991). *Language and Symbolic Power*. Polity Press.
- Brooks, D., & Hébert, L. (2006). Gender, Race, and Media Representation. Em B. Dow, & J. Wood, *The SAGE Handbook of Gender and Communication*. EUA: SAGE Publications.
- Boykoff, J., & Laschever, E. (2011). The Tea Party Movement, Framing, and the US. *Social Movement Studies*, 341-366.
- Cardoso, G., Magno, C., Soares, T., & Crespo, M. (2016). *Modelos de Negócio e Comunicação Social: legacy media, novos media, "telcos" e start-ups jornalísticas*. Coimbra: Edições Almedina.
- Cardoso, G., Santos, S., & Telo, D. (2016). Jornalismo em Tempo de Crise. Lisboa: Mundos Sociais.
- Clark, R. (2016). “Hope in a hashtag”: the discursive activism of #WhyIStayed. *Feminist Media Studies*.
- Cobb, S., & Horeck, T. (2018). Post Weinstein: gendered power and harassment in the media industries. *Feminist Media Studies*.
- Cynthia, F. P., Taylor, V., & Witthier, N. (2006). Gender Movements. Em J. S. Chafetz, *Handbook of the Sociology of Gender*. Houston, Texas: Springer.
- Dixon, K. (2014). Feminist Online Identity: Analyzing the Presence of Hashtag Feminism. *Journal of Arts & Humanities*.
- Flor, A. (2018). #MeToo em Portugal? Temos “uma forma mais formiguinha” de fazer a luta. *Público*.
- Harries, A. (2018). Witch-Hunt. *Studies in Gender and Sexuality*.
- Hootsuite; We are Social. (2019). *Digital in 2019 - Portugal*.
- International Amnesty. (2018). *Troll Patrol Findings: Using Crowdsourcing, Data Science & Machine Learning to Measure Violence and Abuse against Women on Twitter*.
- Kim, J. (2018). After the disclosures: a year of #sexual_violence_in_the_film_industry in South Korea. *Feminist Media Studies*.
- Kunst, J., Bailey, A., Prendergast, C., & Gundersen, A. (2018). Sexism, rape myths and feminist identification explain gender differences in attitudes toward the #metoo social media campaign in two countries. *Media Psychology*.
- Laer, J., & Aelst, P. (2010). Internet And Social Movement Action Repertoires. *Information, Communication & Society*.
- Lane, D., & Dal Cin, S. (2018). Sharing beyond Slacktivism: the effect of socially observable prosocial media sharing on subsequent offline helping behavior. *Information, Communication & Society*.
- Lindsey, T. (2017). Negro Women May Be Dangerous: Black Women’s Insurgent Activism in the Movement for Black Lives. *Souls*.
- McQuail, D. (2010). McQuail’s Mass Communication Theory. USA: Sage Publications.
- Murray, D. (2017). 'Empowerment Through Empathy' - We Spoke To Tarana Burke, The Woman Who Really Started The 'Me Too' Movement. *Elle*.
- Ornebring, H., & Jonsson, A. M. (2004). News Consumption and the New Electronic Media. *Journalism Studies*, 283-295.

- Potter, J. (1993). Cultivation Theory and Research: A Conceptual Critique. *Human Communication Research*.
- Powell, J. (2017). Us vs them: the sinister techniques of “Othering” - and how to avoid them. *The Guardian*.
- Rebelo, J. (2000). *O Discurso Do Jornal: o como e o porquê*. Notícias Editorial.
- Rebelo, J. (2006). Prolegómenos à narrativa mediática do acontecimento. *Trajectos*.
- Regulska, J. (2018). The #Metoo Movement as a Global Learning Moment. *International Higher Education*.
- Richardson, J. (2007). *Analysing Newspapers*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- Rodino-Colocino, M. (2018). Me too, #MeToo: countering cruelty with empathy. *Communication and Critical/Cultural Studies*.
- Roskos-Ewoldsen, D., Roskos-Ewoldsen, B., & Carpentier, F. D. (2008). Media Priming: A Synthesis. Em J. Bryant, & D. Zillmann, *Media Effects: Advances in Theory and Research* (pp. 97-120). Routledge.
- Sobande, F., Fearfull, A., & Brownlie, D. (2019). Resisting media marginalisation: Black women’s digital content and collectivity. *Consumption Markets & Culture*.
- Sorensen, I. (2018). What sexual harassment in Zentropa tells us about cultural policy post-Weinstein. *Feminist Media Studies*.
- Stockard, J. (2006). Gender Socialization. Em J. S. Chafetz, *Handbook of the Sociology of Gender*. Houston, Texas: Springer.
- Sousa, M. (2015). Reconfigurações do jornalismo: das páginas impressas para as telas de smartphones e tablets. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 43-55.
- Tuchman, G. (2002). Qualitative methods in the study of news. Em K. B. Jensen, & N. Jankowski, *The Handbook Of Qualitative Methodologies for Mass Communication Research*. Londres: Routledge.
- UMAR. (2015). *Assédio Sexual é Violência. Direito ao trabalho com dignidade!* Lisboa.
- Van Dijk, T. (2002). The interdisciplinary study of news as discourse. Em K. B. Jensen, & N. Jankowski, *The Handbook Of Qualitative Methodologies for Mass Communication Research*. Londres: Routledge.
- Van Zoonen, L. (1994). *Feminist Media Studies*. SAGE Publications.
- Willsher, K. (2018). Catherine Deneuve's claim of #MeToo witch-hunt sparks backlash . *The Guardian*.
- Winter, N. (2008). *Dangerous Frames: How Ideas About Race and Gender shape Public Opinion*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Wolf, M. (2003). *Teorias da Comunicação*. Portugal: Editorial Presença.

8. ANEXOS

I. Anexo 1 – Totalidade de notícias recolhidas após a limitação das palavras-chave definidas, organizada por meses (N e %) N=878

Mês	N	%
JAN.2017	14	1,6
FEV.2017	11	1,3
MAR.2017	17	1,9
ABR.2017	15	1,7
MAI.2017	13	1,5
JUN.2017	6	,7
JUL.2017	14	1,6
AGO.2017	8	,9
SET.2017	9	1,0
OUT.2017	60	6,8
NOV.2017	93	10,6
DEZ.2017	62	7,1
JAN.2018	87	9,9
FEV.2018	66	7,5
MAR.2018	49	5,6
ABR.2018	31	3,5
MAI.2018	42	4,8
JUN.2018	36	4,1
JUL.2018	26	3,0
AGO.2018	30	3,4
SET.2018	45	5,1
OUT.2018	83	9,5
NOV.2018	34	3,9
DEZ.2018	27	3,1
Total	878	100,0

II. Anexo 2 – Caracterização das grandes histórias (*Big stories*) (N e %) N =219

Big Story	N	%	% válida
Harvey Weinstein	70	8,0	32
Cristiano Ronaldo - Kathryn Mayorga	20	2,3	9,1
Kevin Spacey	17	1,9	7,8
Caso da violação numa discoteca em Vila Nova de Gaia	16	1,8	7,3
Caso Brett Kavanaugh	16	1,8	7,3
Jean Claude Arnault, Academia Sueca, Prémio nobel da literatura	14	1,6	6,4
UBER	11	1,3	5
Larry Nassar	10	1,1	4,6
Bill Cosby	8	0,9	3,7
Catherine Denevue (crítica ao #metoo)	7	0,8	3,2
Caso La Manada, Cuéntalo	6	0,7	2,7
Roy Moore	7	0,8	3,2
James Levine/MET	5	0,6	2,3
Woody Allen	12	1,4	5,5
Total	219	24,9	100
Ausente: Não se aplica	659	75,1	
Total	878	100	

III. Anexo 3 - Caracterização das grandes histórias (*big stories*) do Público em 2017 e 2018
(N) N=219

<i>Big Story</i>	Ano		Total
	2017	2018	
Harvey Weinstein	N	39	31
	% Big story	55,7%	44,3%
	% Ano	50,6%	21,8%
	% Total	17,8%	14,2%
Cristiano Ronaldo - Kathryn Mayorga	N	0	20
	% Big story	0,0%	100,0%
	% Ano	0,0%	14,1%
	% Total	0,0%	9,1%
Kevin Spacey	N	13	4
	% Big story	76,5%	23,5%
	% Ano	16,9%	2,8%
	% Total	5,9%	1,8%
Caso da violação numa discoteca em Vila Nova de Gaia	N	0	16
	% Big story	0,0%	100,0%
	% Ano	0,0%	11,3%
	% Total	0,0%	7,3%
Caso Brett Kavanaugh	N	0	16
	% Big story	0,0%	100,0%
	% Ano	0,0%	11,3%
	% Total	0,0%	7,3%
Jean Claude Arnault, Academia Sueca, Prémio nobel da literatura	N	0	14
	% Big story	0,0%	100,0%
	% Ano	0,0%	9,9%
	% Total	0,0%	6,4%
UBER	N	10	1
	% Big story	90,9%	9,1%
	% Ano	13,0%	,7%
	% Total	4,6%	,5%
Larry Nassar	N	4	6
	% Big story	40,0%	60,0%
	% Ano	5,2%	4,2%
	% Total	1,8%	2,7%
Bill Cosby	N	2	6
	% Big story	25,0%	75,0%
	% Ano	2,6%	4,2%
	% Total	,9%	2,7%
Catherine Denevue (crítica ao #metoo)	N	0	7
	% Big story	0,0%	100,0%
	% Ano	0,0%	4,9%
	% Total	0,0%	3,2%
Caso La Manada, Cuéntalo	N	0	6
	% Big story	0,0%	100,0%
	% Ano	0,0%	4,2%
	% Total	0,0%	2,7%
Roy Moore	N	6	1
	% Big story	85,7%	14,3%
	% Ano	7,8%	,7%
	% Total	2,7%	,5%
James Levine/MET	N	2	3
	% Big story	40,0%	60,0%
	% Ano	2,6%	2,1%
	% Total	,9%	1,4%
Woody Allen	N	1	11
			12

	% Big story	8,3%	91,7%	100,0%
	% Ano	1,3%	7,7%	5,5%
	% Total	,5%	5,0%	5,5%
Total	N	77	142	219
	% Big story	35,2%	64,8%	100,0%
	% Ano	100,0%	100,0%	100,0%
	% Total	35,2%	64,8%	100,0%

IV. Anexo 4 – Caracterização do(s) autor/a (autores/as) da peça jornalística (N e %) N= 605

Caracterização do autor	N	%	% válida
Jornalistas	453	51,6	74,9
Políticos	8	0,9	1,3
Académicos/Investigadores	35	4,0	5,8
Advogados	7	0,8	1,2
Escritores	3	,3	,5
Historiadores	1	0,1	,2
Artistas	1	0,1	,2
Médicos	1	0,1	,2
Agência noticiosa	70	8,0	11,6
Estudantes	14	1,6	2,3
Representantes de Associações/ONG/Movimentos	1	0,1	,2
Outros	11	1,3	1,8
Total	605	68,9	100,0
Autor não mencionado	273	31,1	
Total	878	100	

V. Anexo 5 – Caracterização do género jornalístico das peças em análise (N e %) N=878

Género jornalístico	N	%
Editorial	4	0,5
Carta ("cartas ao diretor")	4	0,5
Crónica	6	0,7
Podcast	8	0,9
Reportagem	10	1,1
Outros	12	1,4
Entrevista	21	2,4
Opinião (inclui coluna, crítica)	131	14,9
Notícia (inclui artigo)	682	77,7
Total	878	100

VI. Anexo 6 – Cruzamento entre a caracterização do autor e o género jornalístico das peças jornalísticas recolhidas (N) N=605

Caracterização do autor	Género jornalístico								
	Notícias	Reportagem	Entrevista	Opinião	Editorial	Carta	Crónica	Podcast	Outros
	N	N	N	N	N	N	N	N	N
Jornalistas	330	10	20	72	4	0	6	7	4
Políticos	0	0	0	8	0	0	0	0	0
Académicos/Investigadores	1	0	1	33	0	0	0	0	0
Advogados	0	0	0	7	0	0	0	0	0
Escritores	0	0	0	3	0	0	0	0	0
Historiadores	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Artistas	0	0	0	0	0	0	0	1	0

Médicos	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Agência noticiosa	70	0	0	0	0	0	0	0	0
Estudantes	11	0	0	3	0	0	0	0	0
Repr. de Associações/ONG/Movimentos	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Outros	9	0	0	1	0	0	0	0	1

VII. Anexo 7 – Caracterização dos temas das peças identificadas com género jornalístico de editorial

Caracterização do Tema		Editorial
Assédio e violência sexual	Assédio/violência sexual	1
Igualdade de género	Igualdade de género / Feminismos	1
Tema: Denúncias de assédio e violação	Cristiano Ronaldo	1
Tema: Manifestações, Ações	#Metoo (especificamente)	1

VIII. Anexo 8 – Cruzamento entre as grandes histórias identificadas e o género jornalístico destas (N) N=219

Big Story	Género jornalístico								
	Notícia	Reportagem	Entre vista	Opinião	Editorial	Carta	Crónica	Podcast	Outros
N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
Harvey Weinstein	68	0	0	2	0	0	0	0	0
Cristiano Ronaldo	13	0	0	6	1	0	0	0	0
Kevin Spacey	17	0	0	0	0	0	0	0	0
Caso da violação numa discoteca em Vila Nova de Gaia	13	0	0	3	0	0	0	0	0
Brett Kavanaugh	13	0	0	2	0	0	1	0	0
Jean Claude Arnault	14	0	0	0	0	0	0	0	0
UBER	11	0	0	0	0	0	0	0	0
Larry Nassar	10	0	0	0	0	0	0	0	0
Bill Cosby	8	0	0	0	0	0	0	0	0
Catherine Deneuve (Crítica ao #metoo)	5	0	0	1	0	1	0	0	0
Caso La Manada, <i>Cuéntalo</i>	4	0	0	2	0	0	0	0	0
Roy Moore	7	0	0	0	0	0	0	0	0
James Levine	4	0	0	1	0	0	0	0	0
Woody Allen	11	0	0	1	0	0	0	0	0

IX. Anexo 9 – Caracterização do número de fontes usadas para a construção das peças jornalísticas recolhidas (N e %) N=842

Caracterização do número das fontes usadas	N	%	% válida
Sem fonte mencionada	10	1,1	1,2
Apenas uma fonte	202	23,0	24,0
Várias fontes	630	71,8	74,8
Total	842	95,9	100
Ausente: Não se aplica (entrevistas, podcasts)	36	4,1	
Total	878	100,0	

X. Anexo 10 – Caracterização das fontes das peças jornalísticas (N) N=2343

Fontes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	Tot al	% Total
Próprio medium	29 1	18 4	46	26	11	3	1	0	0	0	0	0	0	0	562	23,99
Outros media	19 8	22 7	16 8	10 7	70	42	25	16	9	4	1	1	1	1	870	37,13
Agências noticiosas	34	36	21	5	3	1	1	0	0	0	0	0	0	0	101	4,31
Fonte institucional	59	38	21	16	7	2	3	0	0	0	0	0	0	0	146	6,23
Associações/Movimentos/ONG	36	20	20	13	5	7	8	1	0	0	1	0	0	0	111	4,74
Empresa	3	9	3	3	1	1	2	0	0	0	0	0	0	0	22	0,94
Redes Sociais	47	61	52	19	13	7	1	0	0	1	0	0	0	0	201	8,58
Publicações Científicas	9	8	8	7	2	2	0	0	0	0	0	1	0	0	37	1,58
Políticos/Partidos Políticos	7	4	4	6	3	2	0	0	0	0	0	0	1	0	27	1,15
Fonte é o autor/a	12 5	10	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	137	5,85
Advogados/as, juízes/as, juristas	2	10	3	1	2	2	0	1	0	0	0	0	0	1	22	0,94
Sindicatos	1	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0,17
Investigadores/as	7	7	5	3	4	0	0	0	1	1	0	0	0	0	28	1,20
Podcasts	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0,17
Outros	8	16	18	10	8	5	2	3	0	0	1	0	0	0	71	3,03
Total	83 1	63 1	37 1	21 7	12 9	75	43	21	10	6	3	2	2	2	234 3	
Ausente: Não se aplica	47 7	24 7	50 7	66 1	74 9	80 3	83 5	85 7	86 8	87 2	87 5	87 6	87 6	87 6	994 9	
Total	87 8	87 8	87 8	87 8	87 8											

XI. Anexo 11 – Caracterização do enfoque geográfico das peças jornalísticas (N e %) N=878

Enfoque geográfico	N	%
Nacional	159	18,1
Internacional com referência a Portugal	77	8,8
Internacional sem referência a Portugal	570	64,9
Enfoque geográfico indeterminado	72	8,2
Total	878	100,0

XII. Anexo 12 – Caracterização do enfoque geográfico das grandes histórias identificadas (N e %) N=219

Big Story	Enfoque geográfico							
	Nacional		Internacional com ref. a Portugal		Internacional sem ref. a Portugal		Indeterminado	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Harvey Weinstein	0	0,00%	0	0,00%	70	37,00%	0	0,00%
Cristiano Ronaldo - Kathryn Mayorga	1	5,90%	8	66,70%	11	5,80%	0	0,00%
Kevin Spacey	0	0,00%	0	0,00%	17	9,00%	0	0,00%

Caso da violação numa discoteca em Vila Nova de Gaia	16	94,10%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Caso Brett Kavanaugh	0	0,00%	1	8,30%	15	7,90%	0	0,00%
Jean Claude Arnault, Academia Sueca, Prémio nobel da literatura	0	0,00%	1	8,30%	13	6,90%	0	0,00%
UBER	0	0,00%	0	0,00%	11	5,80%	0	0,00%
Larry Nassar	0	0,00%	0	0,00%	10	5,30%	0	0,00%
Bill Cosby	0	0,00%	0	0,00%	8	4,20%	0	0,00%
Catherine Deneuve (crítica ao #metoo)	0	0,00%	1	8,30%	6	3,20%	0	0,00%
Caso La Manada, Cuéntalo	0	0,00%	1	8,30%	5	2,60%	0	0,00%
Roy Moore	0	0,00%	0	0,00%	7	3,70%	0	0,00%
James Levine/MET	0	0,00%	0	0,00%	5	2,60%	0	0,00%
Woody Allen	0	0,00%	0	0,00%	11	5,80%	1	100,00%

XIII. Anexo 13 – Caracterização dos protagonistas principais (individuais e coletivos e secundários mais frequentes (N e %))

Categorias mais frequentes (% iguais ou superiores a 0,5)											
Protagonistas principais (N=575)	N	%	% válida	Protagonista principal: organizações (N=138)	N	%	% válida	Protagonistas secundários (N=160)	N	%	% válida
Harvey Weinstein	30	3,4	5,2	UBER	11	1,3	8,0	Harvey Weinstein	34	3,9	21,3
Kevin Spacey	14	1,6	2,4	ONU	8	0,9	5,8	Donald Trump	9	1	5,6
Brett Kavanaugh	12	1,4	2,1	Academia Sueca	7	0,8	5,1	Kathryn Mayorga	8	0,9	5,0
Cristiano Ronaldo	12	1,4	2,1	UNICEF	5	0,6	3,6	Woody Allen	8	0,9	5,0
Partidos políticos	11	1,3	1,9	Amnistia Internacional	4	0,5	2,9	Cristiano Ronaldo	7	0,8	4,4
Donald Trump	8	0,9	1,4	Facebook	4	0,5	2,9	Larry Nassar	4	0,5	2,5
Bill Cosby	7	0,8	1,2	Fox News	4	0,5	2,9	Outros protagonistas secundários*	90	10,25	56,25
Larry Nassar	6	0,7	1,0	APAV	4	0,5	2,9	Total	160	18,2	100
Rose McGowan	5	0,6	,9	Netflix	4	0,5	2,9	Ausente: Protagonista indeterminado	718	81,8	
Roy Moore	5	0,6	,9	Outros protagonistas coletivos*	87	9,9	63,04	Total	878	100	
James Levine	5	0,6	,9	Total	138	15,7	100				
Theresa May	5	0,6	,9	Ausente: Protagonista indeterminado	740	84,3					
Woody Allen	4	0,5	,7	Total	878	100					

Angelina Jolie	4	0,5	,7						
Uma Thurman	4	0,5	,7						
Kathryn Mayorga	4	0,5	,7						
Anthony Bourdain	4	0,5	,7						
Catherine Deneuve	4	0,5	,7						
Outros protagonistas principais*	43 1	49,0	74,9						
Total	57 5	65,5	100						
Ausente: Protagonista principal indeterminado	30 3	34,5							
Total	87 8	100							

* - Nota: O “outro” nestas tabelas refere-se ao conjunto de categorias em cada uma das variáveis que não se procede à análise, após a determinação do critério.

XIV. Anexo 14 – Caracterização da esfera de atuação dos protagonistas principais e secundários (categorias mais frequentes) (N e %)

Categorias mais frequentes (% iguais ou superiores a 0,5%)							
Esfera de atuação do protagonista principal (N=436)	N	%	% válidas	Esfera de atuação do protagonista secundário (N=153)	N	%	% válidas
Ator/atriz	112	12,8	25,7	Produtor/a cinematográfico/a	38	4,3	24,8
Produtor/a cinematográfico/a	37	4,2	8,5	Ator/Atriz	16	1,8	10,5
Artista musical	21	2,4	4,8	Professor/a	11	1,3	7,2
Juiz	14	1,6	3,2	Realizador/a	9	1	5,9
Jogador/a de futebol	14	1,6	3,2	Político	9	1	5,9
Comediante	13	1,5	3,0	Presidente	8	0,9	5,2
Escritor/a	12	1,4	2,8	Actor/Atriz	8	0,9	5,2
Apresentador/a de televisão	11	1,3	2,5	Jogador/a de futebol	7	0,8	4,6
Presidente	11	1,3	2,5	Jornalista	4	0,5	2,6
Diretor/a executivo/a	10	1,1	2,3	Outras esferas de atuação do protagonista secundário*	43	4,89	28,1
Modelo	9	1	2,1	Total	153	17,4	100
Realizador/a	8	0,9	1,8	Ausente: Não Se aplica	725	82,6	
Fotógrafo/a	8	0,9	1,8	Total	878	100	
Político	8	0,9	1,8				
Autor/a	8	0,9	1,8				
Cineasta	7	0,8	1,6				
Jornalista	7	0,8	1,6				
Designer	7	0,8	1,6				
Médico/a	7	0,8	1,6				
Empresário/a	6	0,7	1,4				
Maestro/Maestrina	6	0,7	1,4				
Senador/a	6	0,7	1,4				
Professor/a	5	0,6	1,1				
Ex-primeiro/a ministro/a	5	0,6	1,1				

Investigador/a	4	0,5	,9			
Primeiro-Ministro/a	4	0,5	,9			
Chef	4	0,5	,9			
Artista	4	0,5	,9			
Outras esferas de atuação do protagonista principal*	68	7,7	15,59			
Total	436	49,7	100			
Ausente: Não se aplica	442	50,3				
Total	878	100				

* - Nota: O “outro” nestas tabelas refere-se ao conjunto de categorias em cada uma das variáveis que não se procede à análise, após a determinação do critério.

XV. Anexo 15 – Caracterização dos temas principais das peças jornalísticas (N e %) N=878

Tema Principal	N	%
Denúncias de assédio sexual/Violação, etc.	273	31,1
Manifestações, Projetos e ações	89	10,1
Questões Sociais (várias)	181	20,6
Cultura (incluindo comentários e críticas)	110	12,5
Assédio e Violência sexual	138	15,7
Igualdade de género	50	5,7
Outros (não se enquadram)	37	4,2
Total	878	100,0

XVI. Anexo 16 - Caracterização das categorias mais frequentes do tema principal referente a notícias sobre denúncias de assédio e violação (N e %) N=273

Tema: Denúncias de assédio e violação - mais frequentes (%) iguais ou superiores a 0,5%)	N	%	% válida
Harvey Weinstein	49	5,6	17,9
Cristiano Ronaldo	16	1,8	5,9
Woody Allen	11	1,3	4,0
Kevin Spacey	10	1,1	3,7
Larry Nassar	10	1,1	3,7
Jean Claude Arnault	9	1	3,3
Brett Kavanaugh	8	0,9	2,9
Bill Cosby	7	0,8	2,6
UBER	6	0,7	2,2
James Levine	5	0,6	1,8
Roy Moore	4	0,5	1,5
Denúncia de abusos sexuais nos partidos políticos britânicos	4	0,5	1,5
La Manada	4	0,5	1,5
Asia Argento	4	0,5	1,5
Outras denúncias*	126	14,35	46,15
Total	273	31,1	100
Ausente: Não se aplica	605	68,9	
Total	878	100	

* - Nota: O “outro” nestas tabelas refere-se ao conjunto de categorias em cada uma das variáveis que não se procede à análise, após a determinação do critério.

XVII. Anexo 17 – Caracterização de notícias com tema principal das denúncias de assédio e violação, segundo o enfoque geográfico nacional e internacional com referência a Portugal (N)

Tema: Denúncias de assédio e violação	Enfoque geográfico	Total
--	---------------------------	--------------

	Nacional	Internacional com referência a Portugal	
D.Carlos Azevedo	1	0	1
Cristiano Ronaldo	1	4	5
Acusação de violação em Portugal	3	0	3
Denúncias contra assédio no mundo da arte	0	1	1
Bombeiros do Seixal	1	0	1
La Manada	0	1	1
Violação numa discoteca em Vila Nova de Gaia	2	0	2
Marie Laguerre (V)	0	1	1

XVIII. Anexo 18 – Caracterização das categorias mais frequentes do tema principal das notícias sobre questões sociais (N e %) N=181

Tema: Questões sociais (várias) (% iguais ou superiores a 0,5)	N	%	% válida
Situação política e social dos EUA	30	3,4	16,5
Outro	23	2,6	12,6
Violência Doméstica	16	1,8	8,8
Abuso de menores, abuso sexual e físico, pedofilia	15	1,7	8,2
Trabalho e Emprego	12	1,4	6,6
Violência no Namoro	9	1,0	4,9
Questões LGBT	7	,8	3,8
Questões de migração/refugiados	6	,7	3,3
Redes Sociais	6	,7	3,3
Direitos Humanos	6	,7	3,3
Jovens e Crianças	5	,6	2,7
Demissões no Governo britânico de Theresa May	5	,6	2,7
Situação política e social vivida na Índia	4	,5	2,2
Outras questões sociais*	37	4,2	20,44
Total	181	20,7	100
Ausente: Não se aplica	696	79,3	
Total	878	100	

* - Nota: O “outro” nestas tabelas refere-se ao conjunto de categorias em cada uma das variáveis que não se procede à análise, após a determinação do critério.

XIX. Anexo 19 – Caracterização do tema principal referente a notícias sobre o assédio e violência sexual (N e %) N= 138

Tema: Assédio e violência sexual	N	%	% válida
Assédio/violência sexual (enquanto tópico)	62	7,1	44,9
Legislação - Justiça, mudanças legislativas, propostas contra o assédio e violência sexual	20	2,3	14,5
Assédio no local de trabalho	18	2,1	13,0
Assédio na indústria cinematográfica	15	1,7	10,9
Casos criminais por violência/assédio sexual	9	1,0	6,5
Desenvolvimentos do caso de Harvey Weinstein	6	,7	4,3
Carta de Catherine Deneuve - crítica ao #metoo	6	,7	4,3
Assédio na indústria da moda	1	,1	0,7
Homens vítimas de assédio	1	,1	0,7
Total	138	15,7	100,0
Ausente: Não se aplica	740	84,3	
Total	878	100	

XX. Anexo 20 – Caracterização do tema principal referente a notícias sobre igualdade de género (N e %) N=50

Tema: Igualdade de género	N	%	% válida
Igualdade de género / Feminismos (enquanto tópico)	35	4,0	70,0
Desigualdade nas oportunidades de trabalho	11	1,3	22,0
Igualdade salarial	4	,5	8,0
Total	50	5,7	100
Ausente: Não se aplica	828	94,3	
Total	878	100,0	

XXI. Anexo 21 – Caracterização dos temas principais das notícias referentes a questões sociais, assédio e violência sexual e igualdade de género, considerando enfoque geográfico nacional e internacional com referência a Portugal (N)

Enfoque geográfico	Enfoque geográfico		Total
	Nacional	Internacional com referência a Portugal	
Tema: Questões Sociais			
Trabalho e Emprego	2	1	3
Violência no Namoro	8	1	9
Questões de migração/refugiados	1	1	2
Violência contra idosos	0	1	1
Abolição da pena de morte	0	1	1
Abuso de menores, abuso sexual, físico, pedofilia	6	1	7
Violência Doméstica	12	3	15
Tráfico de seres humanos	0	1	1
Praxe Académica	1	0	1
Jovens e Crianças	0	2	2
Questões LGBT	4	0	4
Festivais de Verão	1	0	1
Sexismo no contexto académico	1	0	1
Violência sexual no sistema prisional português	1	0	1
Redes Sociais	0	2	2
Direitos Humanos	1	0	1
Violência (Geral)	1	0	1
Despenalização do Aborto, Interrupção Voluntária da gravidez	0	1	1
Outro	7	7	14
Tema: Assédio e violência sexual			
Assédio/violência sexual (enquanto tópico)	27	10	37
Assédio no local de trabalho	14	0	14
Legislação - Justiça, mudanças legislativas, propostas contra o assédio e violência sexual	14	3	17
Assédio na indústria cinematográfica	0	1	1
Homens vítimas de assédio	1	0	1
Casos criminais por violência/assédio sexual	3	0	3
Carta de Catherine Deneuve - crítica ao #metoo	0	1	1
Tema: Igualdade de género			
Igualdade de género / Feminismos (enquanto tópico)	15	8	23
Igualdade salarial	0	1	1
Desigualdade nas oportunidades de trabalho	1	2	3

XXII. Anexo 22 – Caracterização do tema principal das notícias sobre aspectos culturais (comentários e críticas) (N e %) N=110

Tema: Críticas (cultura)	N	%	% válida
---------------------------------	----------	----------	-----------------

Filmes	40	4,6	36,7
Literatura	11	1,3	10,1
Séries Televisivas	30	3,4	27,5
Música	9	1,0	8,3
Teatro	6	,7	5,5
Arte (Pintura, Caricaturas, etc)	4	,5	3,7
Fotografia	4	,5	3,7
Vários	3	,3	2,8
Comédia	2	,2	1,8
Total	110	12,5	100,0
Ausente: Não se Aplica	769	87,6	
Total	878	100,0	

* - Nota: O “outro” nestas tabelas refere-se ao conjunto de categorias em cada uma das variáveis que não se procede à análise, após a determinação do critério.

XXIII. Anexo 23 – Caracterização dos aspetos mais recorrentes nas peças identificadas com o tema principal das notícias sobre aspetos culturais (comentários e críticas) (N e %) N=110

Caracterização do tema: Crítica (cultura) (% iguais ou superiores a 0,5)	N	%	% válida
Relaciona com o "atual momento", com o #metoo, #time's up	45	5,1	41,3
Outro/ não se enquadrar	30	3,4	27,5
Caso de Kevin Spacey (House of Cards e outros)	8	,9	7,3
Igualdade de género, desconstrução de estereótipos	6	,7	5,5
Obras de Margaret Atwood (Handmaid's Tale)	5	,6	4,6
Comentários ao caso de Harvey Weinstein	5	,6	4,6
Outros aspetos*	11	1,25	10
Total	110	12,5	100
Ausente: Não se aplica	768	87,5	
Total	878	100	

XXIV. Anexo 24 – Caracterização das categorias mais frequentes do tema principal de notícias sobre manifestações, ações e projetos (N e %) N=89

Tema: manifestações, ações e protestos (N superior a 1)	N	%	% válida
#Metoo (especificamente)	23	2,6	25,8
#Time'sUp	8	0,9	9,0
Vestir Preto	7	0,8	7,9
Marcha das Mulheres	4	,5	4,5
#MyJobShouldNotIncludeAbuse	3	,3	3,4
Usar rosa branca	3	,3	3,4
#WikiGap	2	,2	2,2
Cuéntalo	2	,2	2,2
Outras ações, manifestações e protestos*	37	4,21	41,57
Total	89	10,1	100
Ausente: Não se aplica	789	89,9	
Total	878	100	

* - Nota: O “outro” nestas tabelas refere-se ao conjunto de categorias em cada uma das variáveis que não se procede à análise, após a determinação do critério.

XXV. Anexo 25 – Caracterização de manifestações, ações e projetos que decorreram ou se relacionam ao contexto português (considerando o enfoque geográfico nacional e internacional com referência a Portugal) (N)

Tema: Manifestações, ações e projetos	Enfoque geográfico	
	Nacional	Internacional com referência a Portugal
	N	N
Greve Internacional do 8 de Março	0	1
Marcha das Galdérias	1	0
#MyJobShouldNotIncludeAbuse	0	1
#Time'sUp	0	1
#NemMais1MinutodeSilêncio	1	0
#Metoo (especificamente)	3	5
Marcha contra o fim da violência	1	0
#MichelinToo	0	1
Marcha das Mulheres	3	0
"Mexeu com uma, mexeu com todas!"	1	0
Marcha no dia internacional contra a Violência Doméstica	1	0
Campanha "O assédio não é solução. É violência"	1	0
#WikiGap	0	1
HeforShe	1	0
Protesto "Mexeu com uma, mexeu com todas, não à cultura da violação."	1	0
Manifestação contra acórdão sobre caso de violação.	1	0
Livre de Sexismo – Por um lazer nocturno igualitário	1	0
Sexism Free Night	1	0

XXVI. Anexo 26 – Caracterização do desenvolvimento temporal das notícias sobre ações, manifestações e protestos (N) N=89

Mês	Total	Ação
JAN.2017	3	Marcha das Mulheres
FEV.2017	1	Greve Internacional do 8 de Março
MAR.2017	2	Campanha contra assédio sexual no México; WikiGap
ABR.2017	0	
MAI.2017	1	"Mexeu com uma, mexeu com todas!"
JUN.2017	0	
JUL.2017	0	
AGO.2017	1	#AintNoCinderella
SET.2017	1	Marcha das Galdérias
OUT.2017	5	#MyJobShouldNotIncludeAbuse; #HowWillIChange; Candidatas a Miss Peru recitam números da violência do género; #Metoo (especificamente)
NOV.2017	5	#MyJobShouldNotIncludeAbuse; Iniciativa de Lady Gaga e Joe Biden; #NemMais1MinutodeSilêncio; #Metoo (especificamente); Marcha no dia internacional contra a Violência Doméstica
DEZ.2017	3	Vestir Preto; Revista W - Não me silenciarão
JAN.2018	15	#Time'sUp; Vestir Preto "O que vestias naquele dia?"; Usar rosa branca #Metoo (especificamente); #That'sHarrassment; Marcha das Mulheres
FEV.2018	16	#Time'sUp; #MentorHer; Vestir Preto; Usar rosa branca; #Metoo (especificamente); #MichelinToo; #GrammysSoMale; #MasMujeres (Goya) #MosqueMetoo Iniciativa dos autocarros em Vigo; Ação da revista Sports Illustrated; Berlinale recusa mudar a cor da passadeira; Movimento "Maintenant on agit"
MAR.2018	6	#Time'sUp; #Metoo (especificamente); Cartazes inspirados no "Três Cartazes à Beira da Estrada"; Campanha "O assédio não é solução. É violência"; #WikiGap
ABR.2018	1	#Metoo (especificamente)
MAI.2018	3	#Time'sUp; Cuéntalo; HeforShe
JUN.2018	3	#Metoo (especificamente)

JUL.2018	4	#Metoo (especificamente); Anonymous Was a Woman; #kunrajel/#Soisunefemmelibre
AGO.2018	2	#Metoo (especificamente); Denúncia de postais sexistas
SET.2018	4	Protesto “Mexeu com uma, mexeu com todas, não à cultura da violação.”; #WhyIDidntReport; Manifestação contra acórdão sobre caso de violação Recolha de histórias de violência sexual
OUT.2018	10	#YoTeCreo; Manifestação contra a nomeação de Brett Kavanaugh; Livre de Sexismo – Por um lazer nocturno igualitário; #Metoo (especificamente); #Sayit'sNotOk
NOV.2018	2	Marcha contra o fim da violência; Manifestação dos funcionários da Google
DEZ.2018	1	Sexism Free Night

XXVII. Anexo 27 – Média dos comentários e partilhas nas peças jornalísticas recolhidas, segundo o enfoque geográfico

Enfoque geográfico		Comentários online	Partilhas online
		Média	Média
Enfoque geográfico	Nacional	9	1220
	Internacional com referência a Portugal	14	759
	Internacional sem referência a Portugal	4	474
	Enfoque geográfico indeterminado	14	793

XXVIII. Anexo 28 - Média dos comentários e partilhas nas peças jornalísticas recolhidas, segundo as *big stories*

Big Story	Comentários online	Partilhas online
	Média	Média
Harvey Weinstein	1	148
Cristiano Ronaldo - Kathryn Mayorga	49	1653
Kevin Spacey	3	227
Caso da violação numa discoteca em Vila Nova de Gaia	21	3122
Caso Brett Kavanaugh	8	133
Jean Claude Arnault, Academia Sueca, Prémio nobel da literatura	1	110
UBER	0	68
Larry Nassar	1	130
Bill Cosby	0	41
Catherine Deneuve (crítica ao #metoo)	34	2196
Caso La Manada, Cuéntalo	3	322
Roy Moore	2	91
James Levine/MET	4	105
Woody Allen	2	167
Não se aplica	6	692

XXIX. Anexo 29 - *Codebook*

Regras gerais: 99 ou 999 - Não se Aplica

1. Autor

Caracteriza-se o autor identificado na peça jornalística recolhida.

1. Público	2. P3	3. Marco Vaza	4. Miguel Dantas
5. Aline Flor	6. Joana Amaral Cardoso	7. João Ruela Ribeiro	8. Elza Pais
9. Liliana Borges	10. Joana Filipe	11. Lusa	12. Cláudia Carvalho Silva

13. Rodrigo Nogueira	14. Inês Chaíça	15. Reuters	16. Francisco Correia
17. Vítor Belanciano	18. Culto	19. Lucinda Canelas	20. Miguel Esteves Cardoso
21. José Riço Direitinho	22. Luís Guerra Rosa	23. Bárbara Wong	24. Alexandre Martins
25. Sofia Neves	26. Francisco Correia	27. Ana Gomes Ferreira	28. Gonçalo Frota
29. Rodrigo Nogueira	30. António Saraiva Lima	31. Manuel Louro	32. Liliana Valente
33. Cláudia Silva	34. Alexandra Prado Coelho	35. Rute Agulhas	36. Luís Miguel Oliveira
37. Cristina Nobre Soares	38. Natália Faria	39. Catarina Lamelas Moura	40. André Borges Vieira
41. João Miguel Tavares	42. André Lamas Leite	43. Helena Pereira de Melo	44. José Pedro Teixeira Fernandes
45. Mariana Oliveira	46. Francisco Teixeira Mota	47. Ana Cristina Santos	48. Daniel Catarino da Silva
49. José Marmeleira	50. António Guerreiro	51. Susana Pinheiro	52. Clara Viana
53. Marisa Morais	54. Ana Sá Lopes	55. Teresa de Sousa	56. David Pontes
57. Maria João Lopes	58. Maria Faustino	59. Beatriz Silva Pinto	60. Francisco Noronha
61. Helena Tender	62. Rui Tavares	63. Lisa Bonos	64. Rute Lima
65. Ana Sofia Neves	66. Alexandra Campos	67. Mariana Correia Pinto	68. Ana Dias Cordeiro
69. Pedro Guerreiro	70. Daniela Filipe	71. Cristiana Vale Pires	72. Robert Costa
73. Patrícia Santos Pedrosa	74. Joana Passos Ribeiro	75. Ana Marques Maia	76. Isabel Lucas
77. Joana Gorjão Henriques	78. Clara Barata	79. António Bagão Félix	80. Helen Barlow
81. Lisa Richwine	82. Filipa Almeida Mendes	83. Luís Miguel Queirós	84. Ana Cristina Pereira
85. Francisco Lampreia	86. Mafalda G. Moutinho	87. Marco Vaza	88. Mário Santos
89. Jorge Mourinha	90. Maria Monteiro	91. Sofia Lorena	92. Fugas
93. Diogo Queiroz de Andrade	94. Katrina Venden Heuvel	95. Francisco Millet Barros	96. Álvaro Vasconcelos
97. Isabel Salema	98. Rita Siza	99. Miguel Ângelo Afonso	100. Amílcar Correia
101. Sérgio C. Andrade	102. Karla Pequenino	103. Fernando Teixeira	104. Ian Shapira
105. Bárbara Reis	106. Teresa Paiva	107. Rita Pimenta	108. Raquel Martins
109. Sónia Sapage	110. António Guterres	111. Catarina Sales	112. Maria João Guimarães
113. Miguel Romão	114. Andreia Sanches	115. Nástio Mosquito	116. Sonia Rao
117. Isabel Coutinho	118. Jorge Miguel Matias	119. José Paiva	120. Manuel Loff
121. Maria José Magalhães	122. Tiago Ramalho	123. Lisa Freitas	124. Sofia Aboim
125. Vasco Câmara	126. Ana Fonseca Pereira	127. Mariana Duarte	128. Fausto Leite
129. Michael S. Rosenwald	130. Rita Marques Costa	131. João Pedro Pincha	132. Nadine Mussá
133. Ana Margarida Meira	134. Leonete Botelho	135. Elahe Izadi	136. Mário Lopes
137. Phumzile Mlambo-Ngcuka	138. Catarina Costa	139. Conceição Gomes	140. Pedro Henrique
141. Teresa Sofia Serafim	142. Óscar Afonso	143. Joseph Ax	144. Ana Henriques
145. Inês Nadais	146. Andrea Cunha Freitas	147. Rupam Jain	148. Diana Barros
149. Lurdes Ferreira	150. João Aguiar Coelho	151. Elísio Estanque	152. Filipa Lowndes Vicente
153. Hugo Daniel Sousa	154. Federica Mogherini	998. Mais do que um autor	999. Sem autor

2. Caracterização do autor do artigo (inicial):

Os autores foram categorizados segundo a sua própria autoidentificação ou em casos em que este perfil não é claro, tentou-se na melhor das capacidades encontrar informações sobre o autor por outros meios.

1. Jornalista	2. Deputado/a	3. Investigador/a
4. Alta Representante da UE para Política Externa e Segurança	5. Editor/a Online do jornal	6. Docente Universitário/a
7. Editor/a-executiva do jornal	8. Editor/a de Cultura do jornal	9. Presidente do OBEGEF
10. Crítico do jornal	11. Secretária-geral adjunta da ONU	12. Redator/a principal do jornal
13. <i>Copydesk</i> do jornal	14. Advogado/a	15. Editor/a do Ípsilon
16. Escritor/a	17. Editor/a do Mundo do jornal	18. Historiador
19. Editor/a de desporto do jornal	20. Artista Musical e Plástico	21. O próprio jornal Público
22. Editor/a de Política	23. Secretário-Geral das Organizações das Nações Unidas	24. Fundadora e editora da Plataforma Bisturi Cidadania Ativa
25. Diretor/a-adjunto/a do jornal	26. Antiga ministra da Justiça e da Administração Interna de Cabo Verde	27. Colaborador/a do jornal
28. <i>Copywriter</i>	29. Neurologista	30. Antigo director do Instituto de Estudos de Segurança da União Europeia
31. Ex-Estagiário/a do Público	32. Editor/a	33. Economista
34. Agências noticiosas	35. Ergonomista	36. Estudante universitário/a
37. Coordenador de Campanhas e Eventos - HeForShe Porto	38. Cronista do jornal	98. Dois ou mais autores
99. Autor não mencionado		

3. Caracterização do autor do artigo (final/geral):

Com o auxílio da codificação feita anteriormente construiu-se categorias mais gerais, sendo esta a variável usada na análise. Em situações em que a autoria é de mais do que um indivíduo, observou-se caso-a-caso e codificou-se de acordo (por exemplo, quando ambos os autores são jornalistas, a categoria em que se insere é “jornalistas”), quando ambos não se inserem na mesma categoria, optou-se por categorizar em “Outros”. Considerou-se também uma categoria quando o autor não é mencionado, que inclui a categorização do autor “Público”.

1. Jornalistas
2. Políticos
3. Académicos
4. Advogados
5. Escritores
6. Historiadores
7. Artistas
8. Médicos
9. Agências noticiosas

10. Estudantes
11. Representantes de Associações/ONG/Movimentos
99. Autor não mencionado

4. Fonte:

Foram consideradas 14 variáveis referentes à identificação das fontes individuais, categorizando-se o seu nome. Quando uma a peça caracteriza apenas uma fonte, apenas a primeira variável referente à “Fonte 1” é preenchida, as restantes são categorizadas com “Não se aplica”, quando se verificam duas fontes, preenche-se as variáveis “Fonte 1” e “Fonte 2”, e assim por diante.

5. Caracterização da fonte

Correspondendo às 14 variáveis das fontes, correspondem também 14 variáveis que as caracterizam.

1. Próprio *medium*
2. Outros media
3. Agências noticiosas
4. Fonte institucional
5. Associações/Movimentos/ONG
6. Empresa
7. Redes Sociais
8. Publicações Científicas
9. Políticos/Partidos Políticos
10. Fonte é o autor/a
11. Advogados/as, juízes/as, juristas
12. Sindicatos
13. Investigadores/as
98. Outros
99. Não se aplica

6. Número de fontes usadas

1. Sem fonte mencionada
2. Apenas uma fonte
3. Várias fontes
99. Não se aplica (entrevistas, podcasts)

7. Género jornalístico

1. Notícia (inclui artigo)
2. Reportagem
3. Entrevista
4. Opinião (inclui coluna, crítica)
5. Editorial
6. Carta (“cartas ao diretor”)
7. Crónica
8. *Podcast*
99. Outros

8. Enfoque geográfico

Codifica-se o enfoque geográfico entendendo o contexto a que se refere a maioria da peça jornalística.

1. Nacional
2. Internacional com referência a Portugal
3. Internacional sem referência a Portugal
99. Enfoque geográfico indeterminado

9. Tema principal

Considera-se o tema principal o “assunto” principal da peça jornalística. Tentou-se ao máximo codificar o tema principal e se necessário, desenvolver com a categoria do subtema, facilitando a análise.

1. Denúncias de assédio sexual/Violação, etc.
2. Manifestações, Projetos e ações
3. Questões Sociais (várias)
4. Cultura (incluindo comentários e críticas)
5. Questões Sociais: Assédio / Violência sexual
6. Questões Sociais: Igualdade de género
99. Outros (não se enquadram)

10. Tema principal: Denúncias de assédio e violência sexual

Nesta categorização foram categorizadas as notícias respeitantes a um ato de denunciar, caracterizando-se os indivíduos acusados e quando tal não foi possível, caracterizou-se a vítima, diferenciando esta categorização com um (V). Compreendeu-se que, não sendo a maioria dos casos, existe também o ato de denúncia “generalizado”, como por exemplo denúncias a várias figuras da indústria da moda, de forma geral, do mesmo modo que existiram denúncias especificamente a certos indivíduos dessa mesma indústria, tendo na presente análise considerado a categorização separada de ambos os casos.

1. Eric Schneiderman	2. Bill Cosby	3. UBER	4. Bill O'Reilly
5. Woody Allen	6. Harvey Weinstein	7. Ben Affleck	8. Roy Price
9. Kevin Spacey	10. Charlie Rose	11. Jeffrey Tambor	12. Nick Carter
13. John Lasseter	14. Larry Nassar	15. Corey Lewandowski	16. Roy Moore
17. Paul Haggis	18. James Levine	19. Richard Meier	20. John Bailey
21. Katy Perry	22. Junichi Fukuda	23. Roman Polanski	24. Zentropa
25. Jean Claude Arnault	26. Paul Marciano	27. Steven Seagal	28. Leslie Moonves
29. Brett Kavanaugh	30. Jan Fabre	31. João de Deus	32. D.Carlos Azevedo
33. Tesla	34. Abdellatif Kechiche	35. M.J. Akbar	36. Cristiano Ronaldo
37. Donald Trump	38. Acusação de violação em Portugal	39. Ministro Estadual Indiano	40. Roger Ailes
41. Dave McClure	42. Airbnb	43. Anthony Weiner	44. (V) Bjork
45. James Toback	46. Terry Richardson	47. George H.W. Bush	48. Mark Halperin
49. Vários artistas musicais	50. Instituições da UE	51. Tariq Ramadan	52. Denúncias contra assédio no mundo da arte (vários)
53. Denúncias de assédio sexual na indústria da restauração (vários)	54. Denúncia de abusos sexuais nos partidos políticos britânicos (vários)	55. Dustin Hoffman	56. Michael Fallon

57. Bombeiros do Seixal	58. Peter Pilz	59. Maureen O'Hara (V)	60. Carl Sargeant
61. Louis C.K	62. Abuso e assédio na indústria da moda (vários)	63. Steven Seagal e Jeffrey Tambor	64. Brett Ratner
65. Sepp Blatter	66. Terry Crews (V)	67. Sylvester Stallone	68. Al Franken
69. Matt Lauer	70. Judy Garland (V)	71. Jane Seymour (V)	72. Danny Masterson
73. Trent Franks	74. Bryan Singer	75. Ryan Lizza	76. Morgan Spurlock
77. Russel Simmons	78. Damian Green	79. VICE	80. Bella Thorne (V)
81. James Franco	82. Michael Douglas	83. Mario Testino e Bruce Weber	84. ONU
85. Casey Affleck	86. President Club Charity	87. Amy Schumer (V)	88. Rebel Wilson (V)
89. Justin Forsyth	90. Saifullah Khan	91. R Kelly	92. Tracey Emin (V)
93. La Manada	94. Junot Díaz	95. Luc Besson	96. Morgan Freeman
97. Theodore McCarrick	98. Oxfam	99. Asia Argento	100. Bispo Charles H. Ellis III
101. Alex Salmond	102. Violação numa discoteca em Vila Nova de Gaia (vários)	103. Richard Qiangdong Liu	104. Amal Fathy (V)
105. Orri Páll Dýrason (Sigur Rós)	106. Marie Laguerre (V)	107. Helena Ferro Gouveia (V)	108. Vera Jourová (V)
109. Andy Rubin (Google)	110. Keramuudin Karim	111. Madeline Anello-Kitzmiller (V)	999. Não se aplica

11. Tema principal: Manifestações, Projetos e Ações

Categorizou-se as notícias cujo tema principal se refere a projetos e ações, assim como marchas e protestos de cariz ativista.

1. #AintNoCinderella	2. Greve Internacional do 8 de Março	3. Marcha das Galdérias	4. #MyJobShouldNotIncludeAbuse
5. #HowWillIChange	6. Candidatas a Miss Peru recitam números da violência do género	7. #Time'sUp	8. #MentorHer
9. Lady Gaga e Joe Biden	10. Vestir Preto	11. Revista W - Não me silenciarão	12. O que vestias naquele dia?
13. Usar rosa branca	14. #NemMais1MinutodeSilêncio	15. #Metoo (especificamente)	16. Marcha contra o fim da violência
17. #MichelinToo	18. #GrammysSoMale	19. #That'sHarrassment	20. #MasMujeres (Goya)
21. Manifestação dos funcionários da Google	22. #MosqueMetoo	23. #Sayit'sNotOk	24. Marcha das Mulheres
25. Iniciativa dos autocarros em Vigo	26. Campanha contra assédio sexual no México	27. Mexeu com uma, mexeu com todas!	28. Marcha no dia internacional contra a Violência Doméstica
29. Ação da revista Sports Illustrated	30. Berlinale recusa mudar a cor da passadeira	31. Cartazes inspirados no "Três Cartazes"	32. Movimento "Maintenant on agit"

		à Beira da Estrada"	
33. Campanha "O assédio não é solução. É violência"	34. #WikiGap	35. Cuéntalo	36. HeforShe
37. Anonymous Was a Woman	38. #kunrajel/#Soisunefem libre	39. Denúncia de postais sexistas	40. Protesto “Mexeu com uma, mexeu com todas, não à cultura da violação.”
41. #WhyIDidntReport	42. Manifestação contra Acórdão sobre caso de violação.	43. #YoTeCreo	44. Manifestação contra a nomeação de Brett Kavanaugh
45. Livre de Sexismo – Por um lazer noturno igualitário	46. Sexism Free Night	99. Não se Aplica	

12. Tema principal: Questões Sociais (várias)

Umas variedades de fenómenos sociais foram categorizadas neste tema principal. Separou-se duas categorias em particular inicialmente caracterizadas neste tema, (assédio sexual e igualdade de género) em duas variáveis separadas e individuais:

1. Trabalho e Emprego	2. Violência no Namoro	3. Questões de migração/refugiados	4. Violência contra idosos
5. Situação política e social dos EUA	6. Violência na Birmânia contra os Rohingya	7. Abolição da pena de morte	8. Abuso de menores, abuso sexual e físico, pedofilia
9. Violência Doméstica	10. Tráfico de seres humanos	11. Praxe Académica	12. Exploração sexual - Capacetes azuis
13. Situação social e política no Japão	14. Religião	15. Poder (social)	16. Discurso Extremista Político
17. Jovens e Crianças	18. Questões LGBT	19. Festivais de Verão	20. Sexismo no contexto académico
21. Woody Allen (sobre a sua obra, breve menção à polémica que o rodeia)	22. Situação política e social vivida na Venezuela	23. Situação política e social vivida na Índia	24. Violência sexual no sistema prisional português
25. Situação política e social vivida no Burundi	26. Violência sexual na República Centro-Africana	27. Crise humanitária no Marawi	28. Panama papers/Paradise papers
29. Redes Sociais	30. Wikileaks	31. Demissões no Governo britânico de Theresa May	32. Direitos Humanos
33. Violência (Geral)	34. Guerra na Síria	35. Racismo	36. Situação política e social em Espanha
37. Despenalização do Aborto, Interrupção Voluntária da gravidez	38. Trabalho sexual	98. Outro	99. Não se Aplica

13. Tema principal: Cultura (comentários e críticas)

1. Filmes
2. Literatura

3. Arte (Pintura, Caricaturas, etc.)
4. Teatro
5. Séries Televisivas
6. Música
7. Fotografia
8. Vários
9. Comédia
99. Não se Aplica

14. Caracterização do tema principal: Cultura (comentários e críticas)

Categorizou-se tendo em conta aspectos que se ressalta nas peças caracterizadas com o tema principal, de forma a desenvolver a sua análise.

1. Infância em Maputo
2. Migração/Refugiados
3. 13 Reasons Why - Suícidio, Violência sexual
4. Obras de Margaret Atwood (Handmaid's Tale)
5. Caso de Kevin Spacey (House of Cards e outros)
6. Comentários ao caso de Harvey Weinstein
7. Menciona o caso de Roy Price
8. Relaciona com o "atual momento", com o #metoo, #time's up
9. Relaciona com o caso de Harvey Weinstein/Companhia de Weinstein
10. Igualdade de género, (des)construção de estereótipos
11. Representação das mulheres na arte
98. Outro/ não se enquadra
99. Não se aplica

15. Tema Questões Sociais: Assédio / Violência sexual

Considerou-se esta variável e a seguinte separadamente, após entender-se um interesse para a análise em entender estes tópicos mais detalhadamente.

1. Assédio/violência sexual (enquanto tópico)
2. Assédio no local de trabalho
3. Legislação - Justiça, mudanças legislativas, propostas contra o assédio e violência sexual
4. Assédio na indústria cinematográfica
5. Assédio na indústria da moda
6. Homens vítimas de assédio
7. Desenvolvimentos do caso de Harvey Weinstein
8. Casos criminais por violência/assédio sexual
9. Carta de Catherine Deneuve - crítica ao #metoo
99. Não se aplica

16. Tema Questões Sociais: Igualdade de género

1. Igualdade de género / Feminismos (enquanto tópico)
2. Igualdade salarial
3. Desigualdade nas oportunidades de trabalho
99. Não se aplica

17. Big story

1. Harvey Weinstein	2. Cristiano Ronaldo - Kathryn Mayorga	3. Kevin Spacey	4. Caso da violação numa discoteca em Vila Nova de Gaia
5. Caso Brett Kavanaugh	6. Jean Claude Arnault, Academia Sueca, Prémio Nobel da Literatura	7. UBER	8. Larry Nassar
9. Bill Cosby	10. Catherine Deneuve (Crítica ao #metoo)	11. Caso La Manada, <i>Cuéntalo</i>	12. Roy Moore
13. James Levine	14. Woody Allen	99. Não se aplica	

18. Sub storyline

1. Acusação inicial a Harvey Weinstein - artigo do The New York Times	2. Weinstein Company - despedimento de Weinstein, venda da companhia	3. Posteiros acusações de assédio e abuso sexual contra Harvey Weinstein	4. Donna Karan reflete sobre o caso de Harvey Weinstein
5. Georgina Chapman, Marchesa	6. Séries produzidas por Harvey Weinstein em causa	7. Reflexões generalizadas sobre a acusação de Harvey Weinstein	8. Boicote ao Twitter após a suspensão da conta de Rose McGowan
9. Academia de Hollywood expulsa Harvey Weinstein	10. Óscars - reflexão sobre Harvey Weinstein	11. Weinstein Company sobre investigação	12. Acusação de Weinstein reacende acusações de pedofilia em Hollywood
13. Investigação de Weinstein às atrizes que o acusavam	14. Weinstein expulso do Sindicato de Produtores	15. Envolvimento de Tarantino	16. Matt Damon sobre Weinstein
17. Envolvimento de Uma Thurman	18. Envolvimento de Gwyneth Paltrow	19. Rose McGowan	20. Mira Sorvino
21. Salma Hayek	22. Processo criminal contra Weinstein	23. Peter Jackson (realizador)	24. Produção de filme sobre Weinstein
25. "lista" de 63 mulheres apagada	26. Acusação a Larry Nassar por McKayla Maroney	27. Processo criminal de Larry Nassar	28. Gabby Douglas também é vítima de Nassar
29. Lou Anna Simon demite-se da universidade onde trabalhava Nassar	30. Pai de três vítimas tenta agredir Larry Nassar durante o julgamento	31. Indemnização às vítimas de Nassar	32. Filmes de Allen
33. Jornalista Peter Morgan consulta arquivos pessoais de Woody Allen	34. Acusação de Dylan Farrow por abuso	35. Figuras públicas em apoio a Dylan Farrow	36. Figuras públicas em apoio a Woody Allen
37. Reflexões gerais sobre o caso de Woody Allen	38. Moses Farrow defende Woody Allen e acusa a mãe de abuso contínuo	39. Soon-Yi defende Woody Allen	40. Acusações contra a UBER de uma cultura empresarial que permite abusos sexuais
41. Travis Kalanick discute com um motorista da UBER	42. Jeff Jones demite-se da UBER	43. Apple ameaça retirar a UBER da loja de aplicações por monitorizar os telemóveis	44. Uber despede funcionários

45. Vítima de abuso sexual processa Uber	46. Novo presidente executivo da UBER	47. Travis Kalanick demite-se	48. Bill Cosby acusado de crimes sexuais
49. Desenvolvimentos do julgamento de Bill Cosby	50. Reflexões sobre o caso de Bill Cosby	51. Bill Cosby é expulso da Academia de Hollywood	52. Bill Cosby sentenciado
53. Acusações posteriores contra Kevin Spacey	54. Acusação inicial a Kevin Spacey por Anthony Rapp	55. House of Cards	56. Filme que Spacey estaria envolvido
57. Morrissey defende Kevin Spacey	58. Kevin Spacey formalmente acusado	59. Acusação contra Ronaldo é reaberta	60. Entrevista de Mayorga ao Der Spiegel
61. Reflexões sobre a acusação de Ronaldo	62. Nike	63. Afastamento temporário de Ronaldo	64. Der Spiegel revela acordão de confidencialidade
65. Desenvolvimentos da acusação contra Ronaldo	66. Carta que compromete Kavanaugh é enviada ao FBI	67. Ford quebra o anonimato contra Kavanaugh	68. Nomeação de Kavanaugh para o Supremo Tribunal
69. 2º acusação - Deborah Ramirez	70. #WhyIDidntReport surge relacionada ao caso de Kavanaugh	71. Audição de Ford	72. Reflexões sobre o caso de Kavanaugh
73. Investigação do FBI a Brett Kavanaugh	74. Trump ridiculariza o discurso de Ford	75. Protestos contra Kavanaugh	76. Saída de membros da Academia Sueca
77. Eleição de novos membros na Academia Sueca	78. Prémio Nobel da Literatura (a sua não atribuição)	79. Formalização das queixas contra Jean Claude Arnault	80. Prémio alternativo ao Nobel da Literatura
81. Jean Claude Arnault é condenado	82. Cuéntalo	83. Sentença por abuso sexual para o grupo "La Manada"	84. Deliberação de conceder liberdade condicional para o grupo "La Manada"
85. Reflexões gerais sobre o acontecimento da violação em Vila Nova de Gaia	86. Decisão no acórdão da Relação do Porto de pena de prisão suspensa	87. Conselho Superior da Magistratura não vai abrir um inquérito aos juízes do Tribunal da Relação do Porto	88. Protesto contra a decisão do tribunal
89. Necessidade de melhor formação dos magistrados e juízes	90. Outro caso de abuso sexual surge no mesmo bar	91. Amnistia Internacional exige mais a Portugal no combate à violência sexual	92. Necessidade de alteração do código penal
93. Deneuve - carta sobre o "direito de importunar"	94. Resposta à carta de Deneuve	95. Deneuve pede desculpas "mas apenas as vitimas"	96. Roy Moore - acusado de abusar de menores; pedidos para se afastar da candidatura ao Senado pelo partido Republicano
97. Roy Moore - Recusa em abandonar a candidatura	98. Roy Moore - denúncia falsa; descredibilização do jornalismo	99. Roy Moore - Trump declara o apoio à sua candidatura	100. Roy Moore - disputa com o democrata Doug Jones

101. Roy Moore - acção judicial para impedir que Doug Jones seja oficialmente o vencedor das eleições para o Senado	102. James Levine - acusação de abuso sexual	103. James Levine - Metropolitan (Met) Opera de Nova Iorque suspendeu o maestro	104. Catherine Deneuve - apoio de Samantha Geimer (caso Polanski)
105. James Levine - Reflexões gerais	106. James Levine - despedimento da Ópera de Nova Iorque	999. Não se Aplica	

19. Protagonistas principais

Categoriza-se o sujeito individual que se destaca na peça jornalística. Quando se verifica mais do que um protagonista principal, sendo impossível entender quem verifica maior destaque, escolhe-se não codificar qualquer protagonista.

20. Protagonistas principais: Organizações, entidades, empresas

Categoriza-se esta variável quando na variável anterior percebe-se que o sujeito não é individual, caracterizando organizações, entidades e empresas.

21. Esfera de atuação dos protagonistas principais

Categoriza-se a identificação do cargo que o protagonista principal identificado exerce ou a sua profissão.

22. Protagonistas secundários

Categoriza-se os protagonistas secundários, quando existem, em complemento aos protagonistas principais identificados.

23. Esfera de atuação dos protagonistas secundários

Categoriza-se a identificação do cargo que o protagonista secundário identificado exerce ou a sua profissão.